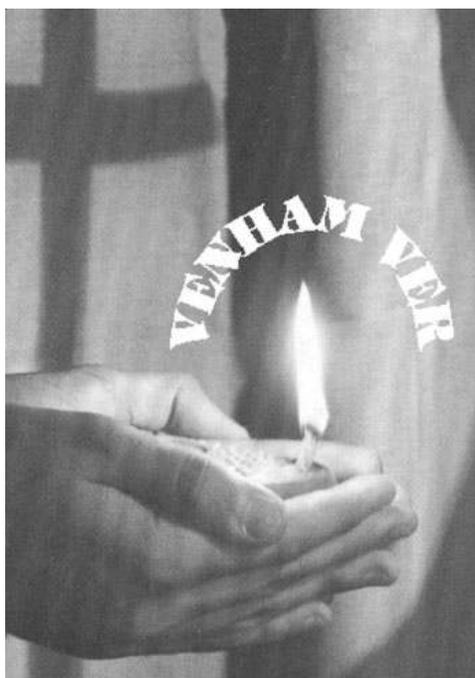


EQUIPAS DE NOSSA SENHORA



**TEMA DE ESTUDO**

**SUPRA-REGIÃO DE PORTUGAL**  
1.<sup>a</sup> EDIÇÃO - AGOSTO 2003



## **ÍNDICE**

|   |           |
|---|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO</b> .....   | <b>5</b>  |
| <b>METODOLOGIA</b> .....  | <b>7</b>  |
| <b>REUNIÃO I - <i>CREIO EM UM SÓ DEUS</i></b> .....                   | <b>15</b> |
| ANÚNCIO: O Amor de Deus .....   | 15        |
| APROFUNDAMENTO: Creio em um só Deus .....                             | 16        |
| COMPLEMENTO: O Sacramento do Baptismo .....                           | 20        |
| <b>REUNIÃO II - <i>CRIADOR DO CÉU E DA TERRA</i></b> .....            | <b>27</b> |
| ANÚNCIO: O Pecado e a Salvação .....                                  | 27        |
| APROFUNDAMENTO: Criador do Céu e da Terra .....                       | 28        |
| COMPLEMENTO: Os Sacramentos da Reconciliação e da Santa Unção ....    | 30        |
| <b>REUNIÃO III - <i>CREIO EM UM SÓ SENHOR, JESUS CRISTO</i></b> ..... | <b>39</b> |
| ANÚNCIO: Fé e Conversão .....   | 39        |
| APROFUNDAMENTO: Creio em um só Senhor, Jesus Cristo .....             | 40        |
| COMPLEMENTO: “Dou-vos um Mandamento Novo” .....                       | 43        |
| <b>REUNIÃO IV - <i>RESSUSCITOU E SUBIU AO CÉU</i></b> .....           | <b>52</b> |
| ANÚNCIO: Jesus é o Senhor .....                                       | 52        |
| APROFUNDAMENTO: Ressuscitou e subiu ao Céu .....                      | 53        |
| COMPLEMENTO: Os Sacramentos da Ordem e do Matrimónio .....            | 61        |
| <b>REUNIÃO V - <i>CREIO NO ESPÍRITO SANTO</i></b> .....               | <b>69</b> |
| ANÚNCIO: A Efusão do Espírito Santo .....                             | 69        |
| APROFUNDAMENTO: Creio no Espírito Santo .....                         | 70        |
| COMPLEMENTO: O Sacramento da Confirmação .....                        | 75        |
| <b>REUNIÃO VI - <i>CREIO NA IGREJA</i></b> .....                      | <b>82</b> |
| ANÚNCIO: A Comunidade .....   | 82        |
| APROFUNDAMENTO: Creio na Igreja .....                                 | 83        |
| COMPLEMENTO: O Sacramento da Eucaristia .....                         | 88        |

*VENHAM VER*

|  |            |
|--|------------|
| <b>REUNIÃO VII - ESPERO ... (A ESPERANÇA CRISTÃ)</b> ..... | <b>97</b>  |
| APROFUNDAMENTO: Espero ... (a Esperança cristã) .....      | 97         |
| COMPLEMENTO: A Pessoa Humana e o Bem Comum .....           | 102        |
| COMPLEMENTO: A Caridade .....                              | 104        |
| <br>   |            |
| <b>REUNIÃO VIII - A VIDA DO MUNDO QUE HÁ-DE VIR</b> .....  | <b>116</b> |
| APROFUNDAMENTO: A Vida do Mundo que há-de Vir .....        | 116        |
| COMPLEMENTO: As Bem-Aventuranças .....                     | 122        |
| COMPLEMENTO: Maria .....                                   | 123        |
| <br>   |            |
| <b>REUNIÃO IX - BALANÇO</b> .....                          | <b>135</b> |
| O Balanço do Ano .....                                     | 135        |
| <br>   |            |
| <b>BIBLIOGRAFIA</b> .....                                  | <b>143</b> |

## INTRODUÇÃO

*“Venham ver” (Jo 1, 39) é o desafio que **Jesus** lança a **quem O quer conhecer melhor**. E é precisamente isso o que queremos no Movimento das Equipas de Nossa Senhora. Queremos conhecê-l’O mais e melhor; queremos poder encontrá-l’O pessoalmente e em casal.*

*Este tema propõe-nos um trabalho mais profundo que nos ajude nesta busca permanente do Deus que Se revela nos acontecimentos da nossa vida.*

*Como casais cristãos a iniciar **um caminho de aprofundamento da espiritualidade conjugal**, ou seja, a aprender a entreajudar-nos, **em casal**, a viver segundo o Evangelho, não poderíamos escolher melhor modelo que o próprio Cristo. Ele é o Caminho, a Verdade e a Vida.*

*Que Nossa Senhora nos ajude a percorrer juntos este caminho **ao encontro do seu filho**.*

**“VENHAM VER.  
Eles foram.  
Viram onde Ele morava  
e passaram o resto do dia com Ele”.**

Jo 1, 39



## **METODOLOGIA**

Este Tema de Estudo foi preparado a pensar nas **Equipas recém-pilotadas** e nos **casais** que, na procura de Jesus, pretendem **aprofundar a sua formação cristã**. Integra uma dinâmica de Primeiro Anúncio (anúncio dos elementos essenciais da nossa fé) com uma formação catequética (credo, sacramentos, mandamentos e oração).

Com o **anúncio** vai-se procurando despertar nos casais uma motivação, cada vez maior, para o aprofundamento da fé, através de uma abordagem vivencial ao longo do mês. Em cada uma das seis primeiras reuniões, formulamos uma questão de fundo que ficará como que a interpelar-nos até à próxima reunião.

Por seu lado, a formação catequética tem duas vertentes: o **aprofundamento**, baseado na oração do Credo, onde cada um dos elementos da nossa fé é desenvolvido; e outra, **complementar** (sacramentos e mandamentos), que é tratada em ligação com o tema de aprofundamento.

A oração está, também, sempre presente em todas as reuniões.

Este documento está estruturado (ver índice) de forma a servir de base a nove reuniões. Cada reunião contém o texto do tema e um conjunto de apoios para a **VIVÊNCIA DURANTE O MÊS** (Parte A) e uma proposta de esquema para a **REUNIÃO DA EQUIPA** (Parte B):

### **A – VIVÊNCIA DURANTE O MÊS**

#### **A.1-TEMA**

Textos de Apoio  
Pistas para reflexão em casal

#### **A.2-Sugestões para os PONTOS CONCRETOS DE ESFORÇO:**

Escuta da Palavra de Deus  
Meditação (Oração Pessoal)  
Oração Conjugal/Familiar  
Dever de se Sentar  
Regra de Vida  
Retiro

### **B – REUNIÃO DA EQUIPA**

#### **B.1-REFEIÇÃO** em comum

#### **B.2-ORAÇÃO**

Texto de Meditação  
Oração Partilhada  
Intenções  
Oração Colecta

#### **B.3-PARTILHA** dos Pontos Concretos de Esforço

#### **B.4-PÔR EM COMUM**

#### **B.5-Discussão do TEMA**

#### **B.6-MAGNIFICAT**



## A - VIVÊNCIA DURANTE O MÊS

A vida de equipa não se limita à reunião mensal. A oração (em união com os outros membros da equipa e pelas intenções que formularam na reunião), o diálogo, a partilha e a ajuda mútua (espiritual e material) prosseguem durante todo o mês, da maneira escolhida por cada equipa. O casal Responsável deve velar para que isso aconteça.

*Guia, documento das ENS*

### A.1 - TEMA

Os textos de apoio sobre o tema (**anúncio, aprofundamento e complementos**) foram recolhidos de diversas proveniências, referenciadas ao longo deste documento e indicadas na bibliografia. No entanto, destacamos, pela sua relevância, quatro fontes principais: O Tema “Croire” da Equipa Responsável Internacional (ERI), as folhas amarelas das Cartas Verdes da Pilotagem (versão usada até ao ano 2001), O Guia das ENS e o Tema “O Casal, Imagem de Deus Trinitário” (*cf.* Carta bimestral das ENS, n.º 4, Agosto/Setembro 2000).

No final dos textos de apoio encontra-se um conjunto de pistas para ajudar a reflexão em casal.

#### ***PISTAS para reflexão em casal***

**Apresentamos, em cada tema, um conjunto de pistas para ajudar a reflexão individual e em casal ao longo do mês. Cada casal decidirá que pontos da sua reflexão irá apresentar na reunião da Equipa e enviará os seus tópicos ao Casal Animador.**

Em cada mês relembramos um dos aspectos da pedagogia do Movimento já apresentados durante a Pilotagem da equipa.

#### ***Relembramos:***

#### **UM TÓPICO EM CADA MÊS**

Cada mês sugerimos uma especial atenção para um aspecto para facilitar a sua interiorização.

## A.2 - Sugestões para os PONTOS CONCRETOS DE ESFORÇO

As sugestões que apresentamos para os três primeiros Pontos Concretos de Esforço - **Escuta** da Palavra de Deus, **Meditação** (Oração Pessoal) e **Oração** Conjugal/Familiar, são inspiradas no tema (anúncio) do mês.

Para os restantes Pontos Concretos de Esforço são também apresentadas sugestões que ajudam à sua concretização.

Os Pontos Concretos de Esforço são uma característica essencial do Movimento. Correspondem a atitudes interiores que precisam de ser despertadas e assimiladas e que vão conduzir a uma nova maneira de viver. Incentivam a uma disciplina que ajuda os casais das ENS a pôr o Evangelho em prática na sua vida quotidiana.

*Guia, documento das ENS*

### • Escuta da Palavra de Deus

De acordo com o tema (anúncio) do mês, apresentamos sempre algumas sugestões de leitura. O Conselheiro Espiritual (CE) poderá ajudar os casais a descobrir passagens do Evangelho mais apropriadas à sua vida concreta e ajudá-los na sua interpretação.

Em todos os capítulos é também apresentada uma oração.

A escuta regular da Palavra permite aos equipistas não somente conhecer a Deus mas, acima de tudo, enraizar-se melhor no Evangelho.

*Guia, documento das ENS*

### • Meditação (Oração Pessoal)

Ao longo dos diferentes capítulos apresentamos um conjunto de pequenos textos, muitos deles retirados das Cartas Verdes (antigo documento sobre a pilotagem das ENS), que nos podem ajudar a melhorar a nossa oração.

A meditação diária desenvolve em nós a capacidade de escuta e de diálogo com Deus. Ela consiste em ter um tempo para estar a sós com Aquele que nos ama. É um tempo de escuta silenciosa, de coração a coração, um tempo de descoberta e de acolhimento do projecto que Deus tem para nós.

*Guia, documento das ENS*



### • Oração Conjugal/Familiar

Neste ponto apresentamos várias sugestões para a oração conjugal e familiar.

A oração conjugal torna-se expressão comum de duas orações individuais e deve nascer naturalmente de uma vida partilhada.

Quando o casal tem filhos, é importante que seja reservado também um tempo para a oração em família.

*Guia, documento das ENS*

### • Dever de se Sentar

O Dever de se Sentar pode começar com a leitura do texto de meditação (ver ponto B.2) seguida de oração partilhada em casal, criando um clima de interiorização que facilite uma verdadeira atitude de abertura ao outro.

No final do Dever de se Sentar, cada casal poderá decidir o que irá pôr em comum na próxima reunião.

O Dever de se Sentar ajuda-nos a revelar-nos, pouco a pouco, ao nosso cônjuge. É um tempo em que marido e mulher passam juntos, sob o olhar do Senhor, para dialogar com sinceridade, num ambiente tranquilo.

*Guia, documento das ENS*

### • Regra de Vida

O fim do Dever de se Sentar poderá ser o momento ideal para cada um definir a sua Regra de Vida, com propósitos de mudança para uma verdadeira conversão para Cristo.

A Regra de Vida é o ponto ou os pontos sobre os quais cada membro do casal decide, pessoalmente, concentrar esforços para progredir no seu crescimento – fortalecendo a vontade e dinamizando a fé – e responder com alegria ao apelo de amor que Deus lhe dirige.

*A Regra de Vida, documento das ENS*

**• Retiro**

O Movimento propõe aos casais a realização de um retiro anual.

Ao longo dos diversos capítulos, iremos recordando este Ponto Concreto de Esforço que ajuda ao crescimento espiritual pessoal e do casal.

Os casais das ENS são encorajados a tirar proveito da atmosfera especial dos retiros para se renovarem. São convidados a deixar os locais onde vivem e onde trabalham para que possam escutar Deus e entender o plano que Ele tem para o casal.

*Guia, documento das ENS*

**B - REUNIÃO DA EQUIPA**

A Reunião de Equipa é o ponto mais alto da vida desta pequena comunidade que se reúne mensalmente. Assim, a Reunião de Equipa deve ser preparada, ao longo do mês, com seriedade e empenho. Será na medida em que a preparação for efectivamente realizada que cada casal tirará o maior partido da pedagogia proposta pelo movimento.

A Reunião de Equipa é um momento privilegiado de partilha num ambiente de caridade e de amor fraterno.

*Guia, documento das ENS*

**B.1 - REFEIÇÃO em comum**

A reunião inicia-se, geralmente, com uma refeição simples, onde se celebra a alegria do reencontro. Para além de ser um momento de acolhimento, é também mais uma oportunidade de **pôr em comum** entre os elementos da Equipa.

# B VENHAM VER

## B.2 - ORAÇÃO

### • Texto de Meditação

Em geral, escolhemos para Texto de Meditação uma passagem do Evangelho relacionada com o tema (anúncio). Este texto pode ser também usado para o início do Dever de se Sentar.

Leitura lenta (é importante), e em voz alta, do texto pelo Conselheiro Espiritual ou por um membro da equipa, depois de dois ou três minutos de silêncio: é a Palavra do Senhor que nos é anunciada e oferecida e que nós acolhemos interiormente (se o texto apresentar dificuldades especiais, é no final deste momento que o sacerdote poderá dar algumas *breves* explicações).

*Cartas Verdes*, documento das ENS

### • Oração Partilhada

Cada elemento da Equipa, inspirado no texto, faz uma oração em voz alta (ou em silêncio), terminando com: “**Por Cristo Senhor Nosso**”, a que todos respondem com: “**Ámen**”.

A Palavra que nos foi oferecida convida-nos activamente a dar graças, a adorar, a oferecer, a pedir luz ou força ou perdão, a interceder ... As nossas orações brotam, sempre inspiradas pelo texto, sem preocupação de qualquer ordem, livremente, repetindo-se por vezes, encadeando-se, completando-se, conforme o Espírito nos inspira. Orações curtas, entrecortadas de momentos de silêncio, que são talvez os momentos mais densos.

*Cartas Verdes*, documento das ENS

### • Intenções

Cada elemento da Equipa que quiser formula uma intenção que será lembrada por todos durante as suas orações ao longo do próximo mês.

Cada um apresenta as suas intenções de oração, a fim de que todos se possam juntar para dar graças e pedir luz, força, perdão ou intercessão.

*Guia*, documento das ENS

### • Oração Colecta

O Conselheiro Espiritual fará uma breve oração a que todos respondem: “**Ámen**”.

### **B.3 - PARTILHA dos Pontos Concretos de Esforço**

Como sabemos, os **Pontos Concretos de Esforço** não são obrigações que devemos cumprir, mas meios que queremos usar para desenvolver atitudes que nos vão levando, pouco a pouco, à nossa conversão e, por conseguinte, a um modo de vida mais cristão.

As **atitudes** que os pontos concretos de esforço ajudam a desenvolver em nós são:

- Procura assídua da **Vontade de Deus**

Para tal, temos de saber escutar e reservar momentos para conhecer a vontade de Deus. São exemplos desses momentos a Escuta da Palavra de Deus, a Meditação (Oração Pessoal), a Oração Conjugal/Familiar, o Dever de se Sentar e o Retiro.

- Procura da **Verdade sobre nós mesmos**

Ou seja, tomarmos consciência de nós mesmos com verdade. A Regra de Vida ajuda-nos neste caminho desde que decidamos segui-la.

- Experiência do **Encontro e da Comunhão**

Isto é, modificar a nossa maneira de estar, descentrando a nossa atenção de nós próprios e indo ao encontro dos outros. Todos os Pontos Concretos de Esforço ajudam-nos nesta aprendizagem.

É neste espírito que em cada reunião colocamos questões concretas para orientar a **partilha**:

- a) A partilha **do esforço** realizado para cumprimento dos pontos concreto;
- b) A partilha **da mudança de atitudes** que se pretende atingir. Focamos em cada reunião alguns Pontos Concretos de Esforço e algumas Atitudes.

A partilha dos Pontos Concretos de Esforço não é um exame de consciência nem a constatação de um sucesso ou de um fracasso, mas uma releitura dos esforços necessários para se progredir na vida espiritual.

## B *VENHAM VER*

### **B.4 - PÔR EM COMUM**

Ponto da reunião em que cada casal fala dos aspectos mais relevantes do mês que passou, pondo em comum as alegrias e as preocupações da sua vida quotidiana, do trabalho, dos filhos, dos compromissos apostólicos, dando-se a conhecer a todos de uma forma mais completa e comunitária.

É da escuta atenta de cada pessoa que pode nascer uma amizade autêntica e fraterna entre os membros da equipa. O Pôr em Comum reflecte a vida dos membros da equipa que se reúne.

*Guia, documento das ENS*

### **B.5 - Discussão do TEMA**

O Tema deverá acompanhar o casal, ao longo do mês, servindo de base ao diálogo e ao aprofundamento para uma maior vivência cristã do dia a dia.

Cada casal tentará dar aos outros a sua visão global sobre o Tema e apresentará os pontos mais relevantes da sua reflexão, fazendo um esforço de síntese.

Seria interessante que o Conselheiro Espiritual aproveitasse este momento da reunião para levar os casais a descobrir a doutrina actual da Igreja sobre os assuntos abordados.

Para ajudar a troca de impressões na equipa apresentamos também um conjunto de pistas de reflexão.

O tema provoca na reunião um confronto de reflexões que deve ajudar no aprofundamento da fé e repercutir-se na vida de cada um. A troca de impressões é uma oportunidade para os equipistas desenvolverem e formarem a sua consciência pessoal.

*Guia, documento das ENS*

### **B.6 - MAGNIFICAT**

No final de cada reunião devemos rezar com a nossa Mãe (**ver oração na contra-capá**).

Magnificat é o cântico de acção de graças da Virgem Maria e, por ela, de todo o povo de Deus; tornou-se o cântico clássico da liturgia da Igreja; é a oração quotidiana das Equipas.

Bernard Olivier

# REUNIÃO I

## CREIO EM UM SÓ DEUS

---

Anúncio: **O Amor de Deus**

Aprofundamento: **Creio em um só Deus**

Complemento: **O Sacramento do Baptismo**

---

### A - VIVÊNCIA DURANTE O MÊS

#### A.1 - TEMA

##### ANÚNCIO: O AMOR DE DEUS

A sugestão deste mês é reflectirmos sobre o **Amor de Deus**.

Deus ama-nos **incondicionalmente** a cada um de nós, tal como somos. Deus ama **cada um** de nós como se fosse **único**. Deus ama-nos desde **sempre**; o Seu amor é **eterno**. Foi Deus que tomou a **iniciativa** de nos amar. Ele só pede que aceitemos o Seu amor.

Deus ama todos os homens, ama toda a humanidade, mas também a cada um de nós de uma maneira pessoal, como **cada um** necessita de ser amado.

Descobrir este amor incondicional de Deus por cada um de nós é essencial para nos abirmos a um aprofundamento da nossa fé.

*Em que circunstâncias sinto este amor de Deus por mim?*

“Deus quis o homem por si mesmo e amou-o no acto mesmo em que o criou. E este é o fundamento da dignidade e do carácter sagrado da vida humana.”

Conferência Episcopal Portuguesa, Carta Pastoral Deus-Pai, Criador e Senhor



**APROFUNDAMENTO: CREIO EM UM SÓ DEUS**

**Acreditar é encaminhar-se para alguém**

A nossa profissão de fé não começa por: “Eu creio que Deus existe”, ou “eu creio que Deus é Todo-poderoso”, mas por “Eu creio em Deus”. Pôr a sua confiança em alguém ultrapassa, de longe, a fé que se agarra a este ou àquele propósito vindo dele ou pertencendo-lhe: confiar em Deus é mostrar que aquele em quem se acredita é digno de fé e que vale a pena ser-lhe fiel.

É também importante que não digamos “Deus, eu creio em Ti”. Não, nós proclamamos a nossa fé perante a Assembleia: “Eu creio em Deus”.

A proclamação da fé leva a dizer quem é Deus e o que Deus fez por nós. Por outras palavras, este acto de fé enriquece-se de um conteúdo.

Aquele que crê não pode calar a fé que o preenche. São Paulo também já não podia deixar de falar: “*Ai de mim, se eu não anuncio o Evangelho*” (1 Cor 9, 16).

Exprimir a sua fé no Senhor é tarefa de todos e de cada um, segundo os seus dons: “o escândalo não é que Cristo tenha sido morto, mas que Ele tenha ressuscitado. Este escândalo transmite-se pouco a pouco por grandes e pequenos mensageiros: é-nos sempre contemporâneo e cada um exprime-o pelos seus próprios meios, quer sejam teólogos, filósofos, místicos ou artistas, ou que a sua vida seja a sua única expressão” (Pierre Emmanuel).

Trata-se, pois, de nos colocarmos diante de nós próprios e tentar descobrir as coordenadas da nossa fé. Nós dizemos acreditar certamente, mas trata-se de uma rotina, herança do meio ou de uma curiosidade vinda de novo? Sentimos que as nossas diligências neste mundo de mistério devem ter sentido, mas qual? Talvez nos vejamos envolvidos por pessoas indiferentes no que respeita à fé ou por outros que afirmam a sua fé sem saber muito bem o sentido dos seus compromissos ou, pelo menos, das suas afirmações. Mas nós queremos saber; nós não nos contentamos com uma adesão superficial. [...]

Esta é a razão para iniciarmos um tema que procura acompanhar-nos, tendo em vista um acto de fé consciente, sério, trabalhado e progressivo. E a reflexão pessoal, em casal e em equipa deve ajudar-nos a descobrir a forma de viver uma fé viva na Igreja de Cristo.

**Creio em um só Deus**

Em que Deus acreditamos nós?

Os cristãos não são os únicos a acreditar em Deus. Milhões de homens e de mulheres no mundo confiam em Deus. Vários caminhos nos levam para Deus: por exemplo, a reflexão sobre a natureza, sobre o amor e sobre a consciência humana. Admitir a existência de Deus é um acto racional e nada forçado. Outras vias levam ainda a Deus, porque elas restituem o homem à imagem e semelhança do seu criador. São os caminhos do amor e da dedicação. Há homens rectos e justos que não partilham a nossa fé, mas vivem a experiência do amor. Eles não estão longe do Deus em que nós acreditamos.

Com efeito, crer em Deus não se limita a admitir a Sua existência: o crente assume a aventura de construir toda a sua vida sobre Ele. Depois de uma tal conversão, a vida já não é a mesma: adquire um sentido novo, toma uma outra orientação moral, fica animada por uma nova esperança.

Mas quem é Deus para nós, cristãos? O Deus em Quem nós acreditamos é a Santíssima Trindade, um só Deus, Pai, Filho e Espírito Santo. É com o Filho, tornado homem, que nós aprendemos a chamar «Pai Nosso» a Deus. Para nós cristãos, Deus fala e age na nossa história: Ele é Deus entre nós.

**Como acreditar quando a infelicidade nos atinge?**

Tal como o amor, a fé não está ao abrigo do mal e das dificuldades da vida. Também não está ao abrigo da dúvida, do cansaço e do aborrecimento. A prova da fé é inerente à vida de fé. Ela não está necessariamente ligada às condições de existência. Não são sempre aqueles que nasceram na infelicidade que recusam acreditar. Pelo contrário, aqueles que têm sido amados e que têm beneficiado de todas as probabilidades de desafogo podem não ter – ou já não ter – fé em ninguém senão neles próprios.

Quando se olha o mundo, a parte que sofre é imensa e faz duvidar de Deus. Para que a fé seja credível, é preciso também que a obra se veja em algum lado: quando ela se transforma em Boa Nova para os pobres, então Deus torna-Se, de algum modo, “visível”.

(Cf. *Croire*, documento das ENS)

Creio em Deus. É esta a primeira afirmação do símbolo dos Apóstolos. O que é crer? O que é acreditar? Seria uma aceitação mental, quase instintiva de Deus. De modo mais teológico, crer é aceitar de Deus a nossa fé n'Ele. E, portanto, crer é pôr em Deus a nossa confiança. Quando dizemos que acreditamos em alguém, queremos dizer que temos confiança nessa pessoa, “descansamos” nela. “Descansar em Deus” significa o mesmo gesto da criança que, confiante, nos dá a mão. Não é dramático nem confuso, mas simples como a água. “Antes fico sossegado e tranquilo como criança ao colo da mãe. Espera Israel no Senhor, agora e para sempre” (Sal 130, 2).

(Teresa Maria Martins de Carvalho O.P., *Creio em Deus, Breve estudo sobre Deus Pai*)

#### Ouçamos o Padre P. Schouwer:

É através da fé que encontramos um fundamento, que **achamos** um ponto de apoio. O sentido primitivo da palavra “*crer*”, na Bíblia (em hebreu) é, com efeito, ter um **ponto de apoio**. Recordemos esta palavra do Senhor em Isaías 7, 9: “*Se não acreditais (literalmente: se não tendes um ponto de apoio), não vos aguentareis, não podereis subsistir*”. Relembremos também a célebre frase de Santo Agostinho: “*Fizeste-nos para Ti, Senhor, e o nosso coração não pode encontrar repouso até que descanse em Ti*”.

Mas, para precisar melhor o que é esta atitude da fé que nos faz encontrar apoio em Deus, é necessário ainda falar da experiência humana, do encontro entre as pessoas. Logo que, por exemplo, um homem e uma mulher se amam, o olhar que pousam um no outro não é o olhar do cientista que analisa os objectos. Existe aí uma outra atitude diferente da atitude científica: um homem ou uma mulher encontra no outro um fundamento, uma razão de viver; a sua vida passa a ter um sentido. O que nenhum deles poderia forjar por suas próprias mãos, descobre-o neste **encontro**. O amor do outro é como que um apoio. Este homem e esta mulher encontram a sua realização um no outro; é o outro que o faz verdadeiramente viver; o olhar do outro cria-nos, faz-nos ser verdadeiramente. “*Que seria eu sem ti que vieste ao meu encontro? Que seria eu sem ti senão um coração no bosque adormecido? Que seria eu sem ti senão este balbuciar?*” (Aragon).

Poderemos dizer que a nossa vida passa a ter um sentido na medida em que saímos de nós mesmos para nos confiarmos ao amor do outro, para nos apoiarmos no outro. Existe assim o que pode chamar-

-se uma fé humana, que é também amor, o que é essencial para a vida do Homem, que não pode ser reduzida à atitude científica ou por ela suplantada. De facto, este nível da nossa experiência é mais fundamental do que o nível da nossa actividade científica ou técnica, porque é ele que dá sentido a todo o resto.

Todavia, mesmo que um encontro autêntico no amor possa já encher o nosso coração, dando sentido à nossa vida, não podemos deixar de verificar também que esse encontro tem limites, quanto mais não seja o da morte. O outro não pode ser o fundamento último, pois também ele é frágil. Não pode ser o sentido último de tudo. O seu amor não pode impedir-nos de morrer. O amor de um casal deve, ele próprio, ter um fundamento.

A Bíblia diz-nos que, por trás dos nossos encontros humanos, um outro mais fundamental se realiza. Alguém Se revela neste mundo e na história dos homens; faz-nos compreender, através de sinais, a Sua Palavra pessoal. A verdadeira fé consiste em apoiarmo-nos n'Ele, em O reconhecermos nos múltiplos sinais da Sua presença neste mundo. O mundo e a história humana são a manifestação do Seu amor; encontramos a nossa verdadeira realização, o sentido, a salvação, no encontro com Ele. Portanto, a actividade humana de transformação do mundo não tem como finalidade apenas promover o encontro dos homens no amor, mas também tornar o mundo mais transparente ao amor de Deus, assim como ajudar os homens a reconhecê-Lo nestas manifestações do amor humano.

(P. Schouver/Croire et Vivre - *Cartas Verdes*, documento das ENS)

#### **Do Catecismo Católico para Adultos:**

O livro dos Actos mostra-nos a primeira comunidade *cristã* toda debruçada sobre a palavra de Deus: “*Eram assíduos ao ensino dos apóstolos*” (Act 2, 42). Também a assembleia litúrgica de hoje reflecte esta imagem. À proclamação da Palavra, os fiéis põem-se de pé e respondem confessando a sua fé: “*Creio ... Amen*”. Sim, creio que é assim, acredito que assim seja. É um povo que se sente envolvido pela proposta de Deus e a faz sua.

Entre o momento da proclamação e o da profissão de fé, a Palavra de Deus permanece como que à espera de uma resposta. Jesus pára diante do homem, como tantas vezes fez na sua existência terrena, e interpela-o dizendo: “*Queres?*”

## A VENHAM VER

O homem inutiliza o chamamento de Deus, quando a sua resposta livre é um “*não*”. O poder do Senhor, então, detém-se como em Nazaré, onde Jesus “*não fez muitos milagres por causa da falta de fé daquela gente*” (Mt 13, 58).

Quando a resposta é o “**sim**” da fé, a graça do Salvador inunda o homem e torna-o capaz de oferecer a Deus uma colaboração responsável e fecunda, porque “*tudo é possível a quem crê*” (Mc 9, 23).

(Senhor, a quem iremos? - Catecismo Católico para Adultos)

### COMPLEMENTO: O SACRAMENTO DO BAPTISMO

“O santo Baptismo é o fundamento de toda a vida cristã, o pórtico da vida no Espírito e a porta que dá acesso aos outros sacramentos. Pelo Baptismo somos libertos do pecado e regenerados como filhos de Deus; tornamo-nos de Cristo e somos incorporados na Igreja e feitos participantes da sua missão”.

*Catecismo da Igreja Católica, n.º 213*

“*Nós não nascemos cristãos, tornamo-nos*”.

(Tertuliano)

“*Neste dia é criado o verdadeiro homem à imagem e semelhança de Deus. Não é, porventura, um novo mundo que começa para ti neste dia que o Senhor fez? Não diz o Profeta que esse dia e essa noite não têm semelhantes entre os outros dias e noites?*”

(Dos sermões de S. Gregório de Nissa, bispo, séc. IV)

“*Ide, pois, ensinai todas as nações, baptizando-as em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo*”

(Mt 28, 19)

É um nascimento na família! O sacramento do Baptismo marca o início da vida dos filhos de Deus, irmãos de todos os homens em Jesus Cristo. E marca de facto! Essa marca, a que se chama “*carácter*” na linguagem técnica, significa exactamente o dom indelével do Espírito Santo àquele que é baptizado.

Por isso, não se recebe o Baptismo senão uma vez.

(Cf. Catequese de Adultos, Patriarcado de Lisboa)

*“Ide pelo mundo inteiro e anunciai a Boa Nova a toda a criatura. Quem acreditar e for batizado será salvo, mas quem não acreditar será condenado”*

Mc 16, 15-16

***PISTAS para reflexão em casal:***

- Independentemente da fé que julgo ter, estou disposto a fazê-la crescer?
- Acredito em Deus, mas com que profundidade, com que intensidade, com que gratuidade?
- Acredito o suficiente para que esta fé seja essencial na minha vida?
- Ponho a minha confiança em Deus ou noutras coisas? No dinheiro, na profissão, nos amigos?
- Crer é acreditar em Alguém. Que rosto tem para mim este Deus em que acredito?
- Sou batizado, sou de Cristo. Sinto-me profundamente comprometido e participante na sua missão?

***Relembremos:***

**REUNIDOS EM NOME DE CRISTO**

Este mês sugerimos uma especial atenção ao sentido da nossa pertença à equipa. Estamos reunidos em nome de Cristo: “... *Só Tu tens palavras de vida eterna ...*” (Jo 6, 68) e “*Quando dois ou mais estiverem reunidos em Meu nome, Eu estarei no meio deles*”. (Mt 18, 20)



## A.2 - Sugestões para os PONTOS CONCRETOS DE ESFORÇO

### • Escuta da Palavra de Deus

Gostaria que cada um de vós conseguisse consagrar cinco minutos por dia à leitura do Evangelho. Francamente, mesmo numa vida muito ocupada, pensam que é impossível? Eu não. Quanto ao resultado, eu vo-lo garanto: o Evangelho tornar-se-á o vosso grande amigo.

Henri Caffarel

Passagens da Bíblia que podem ser lidas ao longo do mês:

1 Rs 10, 9; 1 Cor 16, 34; 16, 41; Is 49, 15; 54, 8-10; Jr 31, 3; 33, 11;  
Mt 5, 45; 6, 25-27; Lc 15, 11-32; Jo 3, 16-17; 15, 12; 1 Jo 3, 1;  
4, 7-21; Rm 8, 37-39; Ef 1, 5.

Outras leituras recomendadas:

- *Catecismo da Igreja Católica*, n.º 218-221;
- *Rico em misericórdia (Dives in misericordia)*, 15, João Paulo II;
- *Regresso do Filho Pródigo*, Henri Nouwen;
- *Deus Pai de Misericórdia*, Comissão Teológico-Histórica do Grande Jubileu do Ano 2000, Paulinas;
- Carta Pastoral: *Deus Pai, Criador e Senhor* (1998), Conferência Episcopal Portuguesa;
- *Pai*, Cardeal Godfried Danneels, CEP – Patriarcado de Lisboa;
- *O Baptismo, Colectânea de Textos Patrísticos*, SAP, 1997.

## ORAÇÃO

... levantar-me-ei  
da minha ignorância irresponsável  
na escolha do superficial e do fácil  
no saborear da fé

... levantar-me-ei  
desse fosso absurdo e quente  
de ter pena de mim  
e que me impede a generosidade e a compaixão

... levantar-me-ei  
de satisfação suficiente,  
a orgulhosa virtude  
do preceito cumprido  
que me escurece o caminho do amor

... levantar-me-ei  
humilde  
com a ajuda da minha consciência, lavada e lúcida,  
e a mágoa  
e irei ter com o meu Pai.

*Creio em Deus. Breve estudo sobre Deus Pai*

• **Meditação** (Oração Pessoal)

A vida e a oração são inseparáveis. Mas, para que isso se torne realidade, é necessário que cada um de nós se esforce por “inserir a oração na sua vida”.

Mas isso não se fará automaticamente. A oração é, certamente, antes de mais, um dom de Deus; mas é também uma ciência que se aprende, uma arte em que nos exercitamos. Ora, as ENS querem ser uma “escola de oração”.

*Cartas Verdes, documento das ENS*

Para a oração pessoal, ao longo do mês, sugerimos a meditação sobre as leituras efectuadas, para irmos descobrindo as várias dimensões do Amor de Deus e reflectindo sobre como este Amor nos toca.

Mais concretamente, Deus ama-nos não porque somos *muito* nem porque somos *bem* ou pelo que *temos* ou *fazemos*. **Deus ama-nos! Como somos, com o que temos e com o que fazemos.** Meditemos sobre como somos reflexo deste amor para o nosso cônjuge, para os nossos filhos, para a nossa equipa e para os outros.



### • Oração Conjugal/Familiar

*Em casal:*

Descobrir como temos sido um para o outro reflexo do amor e do acolhimento de Deus.

*Em família:*

Podemos partilhar, ao longo do mês, experiências do amor de Deus na vida de cada um, pais e filhos, em forma de oração de louvor.

### • Dever de se Sentar

Comecemos o Dever de se Sentar com a leitura do Texto de Meditação (B.2), seguido de oração partilhada.

*“Quem nos poderá separar do amor de Cristo? O sofrimento, as dificuldades, a perseguição, a fome, a pobreza, os perigos, a morte?”*

O que é que hoje nos pode separar do amor de Cristo?

Começar pelo que une e só depois abordar o que divide.

### • Regra de Vida

Após o Dever de se Sentar, certamente que surgiram propósitos de mudança. Cada um poderá, então, definir a sua Regra de Vida que o ajudará a uma verdadeira conversão para Deus.

A Regra de Vida é dar um passo mais além!

*A Regra de Vida, documento das ENS*

### • Retiro

Fazer um Retiro? Para Quê?

O Retiro significa deixar o ritmo normal da nossa vida sobrecarregada, agitada, para retomar o fôlego, readquirir forças, reencontrar a lucidez.

*O Retiro Espiritual, documento das ENS*

## B - REUNIÃO DA EQUIPA

### B.1 - REFEIÇÃO em comum

### B.2 - ORAÇÃO

- **Texto** de Meditação: Rm 8, 31-38

*Que diremos disto? Se Deus está por nós, quem poderá estar contra nós?*

*Ele que não nos recusou o seu próprio Filho, mas O ofereceu por todos nós, como é que não nos dará tudo com o seu Filho?*

*Quem poderá acusar aqueles que Deus escolheu, se Deus os declara inocentes?!*

*Quem é que os pode condenar? Será, porventura, Cristo Jesus que morreu, e mais, que ressuscitou e que ocupa o primeiro lugar junto de Deus, pedindo por nós?*

*Quem nos poderá separar do amor de Cristo? O sofrimento, as dificuldades, a perseguição, a fome, a pobreza, os perigos, a morte?*

*Como diz a Sagrada Escritura: Por causa de ti, estamos expostos à morte todos os dias. Tratam-nos como ovelhas para o matadouro.*

*Mas em tudo isto nós saímos mais que vencedores, por meio d'Aquele que nos amou.*

*Com efeito, eu tenho a certeza que não há nada que nos possa separar do amor de Deus: nem a morte, nem a vida; nem os anjos ou outras forças ou poderes espirituais; nem o presente nem o futuro.*

Após a leitura do texto e um breve silêncio, seguem-se: **Oração Partilhada, Intenções e Oração Colecta.**

### B.3 - PARTILHA dos Pontos Concretos de Esforço

Durante o mês que passou, seguimos as sugestões apresentadas para os Pontos Concretos de Esforço? Em que medida elas nos ajudaram a concretizá-los?

Buscar a vontade de Deus e viver a verdade e estar em comunhão com o outro. Como é que, este mês, com a ajuda dos Pontos Concretos de Esforço, conseguimos melhorar estas atitudes?



## **B** *VENHAM VER*

### **B.4 - PÔR EM COMUM**

Apresentando aspectos concretos da nossa vida do dia a dia, deixemos que os outros membros da nossa equipa nos conheçam melhor.

Quem somos nós? Como nos definimos? Como somos enquanto casal?

### **B.5 - Discussão do TEMA**

Cada casal pode começar por apresentar os pontos da sua reflexão que decidiu trazer para a Reunião da Equipa.

Conscientes de que estamos reunidos em nome de Cristo, podemos reflectir sobre:

Estamos a começar uma série de temas que tentarão ajudar-nos na caminhada para o aprofundamento da nossa fé. Como é que os textos deste mês nos interpelaram?

### **B.6 - MAGNIFICAT**

(Ver oração na contracapa).

## **REUNIÃO II**

### **CRIADOR DO CÉU E DA TERRA**

---

Anúncio: **O Pecado e a Salvação**

Aprofundamento: **Criador do Céu e da Terra**

Complemento: **Os Sacramentos da Reconciliação e da Santa Unção**

---

### **A - VIVÊNCIA DURANTE O MÊS**

#### **A.1 - TEMA**

##### **ANÚNCIO: O PECADO E A SALVAÇÃO**

Na reunião anterior falámos do Amor de Deus. Deus ama-nos.

Mas, no fundo, em todos nós, está latente uma inquietação profunda: se Deus nos ama, por que é que nem sempre O experimentamos? Por que há mal no mundo?

O problema está em nós que pecamos e, assim, afastamo-nos por vezes do Amor de Deus, ou seja, **não lhe correspondemos**; fazemos um corte com Ele. Portanto, não é Deus o autor dos males do mundo, é antes o homem, quando se afasta do plano amoroso de Deus (cf. Rm 3,23).

O pecado é um **corte na nossa relação com Deus**, mas Deus dá-nos sempre a possibilidade de reatar essa relação. Com efeito, Deus não nos deixa sozinhos e, através do Seu filho Jesus Cristo, já nos concedeu a salvação. É esta a Boa Nova que nos foi anunciada: nós já estamos salvos. Basta aceitarmos a **Salvação**, crendo em Jesus. Porque é reconhecendo os nossos pecados e querendo ultrapassá-los que experimentamos a salvação **oferecida por Cristo**.

Ele fez-Se próximo: “*Emanuel significa Deus connosco*”. Jesus fez-Se homem, caminhou no meio de nós, passou pelo mundo a fazer o bem (cf. Act 10, 38). Porque escolheu amar-nos até ao fim (cf. Jo 13, 1c), aceitou a opção dos homens que pediram a Sua condenação e deixou-Se pregar na Cruz.

## A VENHAM VER

Não Se afastou dos homens, antes rezava dizendo: “perdoa-lhes, Pai, porque não sabem o que fazem” (Lc 23, 34).

Ele salva-nos: pela Sua cruz salva-nos, e pela Sua ressurreição dá-nos a Vida Nova (cf. Cl 2, 13-14).

***Em que circunstâncias tenho esta sensação de salvação que Cristo me oferece?***

“Deus amou tanto o mundo que entregou o Seu único Filho, não para condenar o mundo, mas para que o mundo seja salvo por Ele”

Cf. Jo 3, 16-17

### APROFUNDAMENTO: CRIADOR DO CÉU E DA TERRA

A Bíblia narra a criação de uma forma poética com um optimismo que contrasta com as narrativas das religiões antigas. À luz da sua fé no Deus da Aliança, o povo de Israel conta-nos a origem do Homem. Através da sua história – por vezes dramática – Israel fez a experiência da fidelidade do seu Deus. Dia após dia, descobre este amor infinito que existe desde as origens.(cf. Gn 1,19)

“No começo, Deus criou o Céu e a Terra ...” *São estas as primeiras palavras da Bíblia. Deus criou tudo “pela sua Palavra”. “Pelo seu Sopro”, deu alma ao homem que tinha tirado da argila. A argila é o símbolo da fragilidade do homem, o sopro é o símbolo da vida. “Homem e mulher, Ele os criou à sua imagem e semelhança”;* porque o homem e a mulher são senhores de todo o universo, na medida em que são a imagem de Deus, quer dizer, governam o mundo com inteligência e amor.

A Bíblia e a ciência propõem olhares diferentes sobre o mundo e os homens. A Bíblia interessa-se pelo “porquê” das coisas. A ciência interroga-se com o “como”. São dois olhares diferentes mas complementares, até mesmo convergentes. A Bíblia revela aos homens o sentido da sua existência. Este sentido orienta a vida do crente.

As narrativas metafóricas através das quais a Bíblia revela ao homem que Deus cria, guarda e governa o universo exprimem uma verdade e profunda. Falam uma linguagem simbólica. “*A história das origens*” (cf. Gn 1-3) revela uma verdade mais fundamental do que a das nossas reportagens e das nossas reconstituições sábias do passado. É uma lei-

tura crente da experiência que o homem faz da sua liberdade e dos limites da sua liberdade, da presença do mal e da sua livre contribuição para o mal, e também da sua experiência do poder e bondade de Deus.

Todo o universo vem de Deus, hoje como no primeiro instante. O mundo tem a sua própria consistência, mas não existe por ele próprio: existe por Deus que não cessa de dar a vida e de criar. Viver esta dependência não implica nenhuma espécie de escravatura. O homem que reconhece a bondade do seu Criador sabe que a sua vida e o mundo lhe são entregues, cada dia, como um dom.

Deus não se limitou a criar o universo, como se agisse de longe. Conduz os homens e toda a sua criação para o Seu Filho que nos é dado. É por isso que, longe de ser absurdo, o mundo, guiado pela Providência, vai caminhando para o seu pleno desenvolvimento. O facto de agir como um guia, não diminui em nada a liberdade dos homens. Pelo contrário!

Dizer que Deus é Providência não significa que todos os actos sejam regulados antecipadamente ou que Deus actue em vez de nós. Em todas as coisas e em tudo o que nos acontece, enquanto homens, Deus quer o nosso bem. Há nisso um optimismo que contrasta com todas as formas de determinismo ou de derrotismo.

O homem não cria: colabora na criação de Deus. Descobre as riquezas escondidas da criação, inventa e encontra sem cessar novas possibilidades latentes neste universo que lhe foi confiado pelo seu Criador. O ser humano possui uma extraordinária capacidade de invenção: todos os dias pode produzir coisas novas, em todos os domínios (arte, técnica, linguagem, etc.). Nisto, o homem é a imagem do seu Criador. Mas poderá o homem permitir-se fazer tudo aquilo de que é capaz? Desta questão nasceu a moral.

A capacidade inventiva do Homem deve ser animada pela lei do amor que recebe de Deus.

(Cf. *Croire*, documento das ENS)

“A compreensão de Deus, como amor salvífico e misericordioso, levou o Povo de Deus a conceber a criação como um acto de amor divino. Deus criou o mundo porque quis criar o homem, predestinando-o à intimidade conSigo, em vista da encarnação do próprio Verbo de Deus, que será a plenitude da criação. Esta aparece-nos, assim, como o primeiro acto de uma história de salvação”.

(Conferência Episcopal Portuguesa, Carta Pastoral *Deus-Pai, Criador e Senhor*)

## A VENHAM VER

“A mentalidade contemporânea, talvez mais do que a do homem do passado, parece opor-se ao Deus de misericórdia e, além disso, tende a separar da vida e a tirar do coração humano a própria ideia de misericórdia. A palavra e o conceito de misericórdia parecem causar mal-estar ao homem, o qual, graças ao enorme desenvolvimento da ciência e da técnica, [...] se tornou senhor da terra, a subjugou e a dominou (cf. Gn 1, 28). Tal domínio sobre a terra [...] parece não deixar espaço para a misericórdia.

(João Paulo II)

### COMPLEMENTO: OS SACRAMENTOS DA RECONCILIAÇÃO E DA SANTA UNÇÃO

A Igreja oferece-nos estes dois sacramentos da cura porque apesar de nos ter sido já dado o tesouro da salvação, “*trazemos esse tesouro em vasos de barro*” (cf. 2 Co 4, 7).

#### Reconciliação (Confissão ou Penitência)

É chamado *sacramento da Reconciliação*, porque dá ao pecador o amor de Deus que reconcilia: “*Reconciliai-vos com Deus*” (2 Co 5, 20). Aquele que vive do amor misericordioso de Deus está pronto a responder ao apelo do Senhor: “*Vai primeiro reconciliar-te com teu irmão*” (Mt 5, 24).

*Catecismo da Igreja Católica, n.º 1442*

“A Confissão reconcilia com Deus. Dá paz e tranquilidade de consciência; é muitas vezes seguida de uma intensa consolação espiritual. Ao longo de toda a história do sacramento da Reconciliação, numerosas pessoas fizeram a experiência disso. A confissão é uma ressurreição espiritual e a restauração de filhos de Deus na sua dignidade e nos seus privilégios. Porque a nossa maior prerrogativa é exactamente a amizade de Deus.

Ir à Confissão reconcilia também com a Igreja. O pecado é um dado social: fere o corpo da Igreja. A Penitência também reconcilia

com ela. E tem um efeito vivificante em toda a sua vida: aumenta a sua vitalidade, o seu dinamismo. Por ela, todos os irmãos e irmãs na Igreja se tornam melhores.”

(Cardeal Godfried Danneels, *O Jardim das Sete Fontes*)

*“Na tarde da Páscoa, o Senhor Jesus apareceu aos seus Apóstolos e disse-lhes: Recebei o Espírito Santo: àqueles a quem perdoardes os pecados ser-lhes-ão perdoados; àqueles a quem os retiverdes serão retidos” (Jo 20, 22-23).*

### Santa Unção

A Igreja crê e confessa que existe, entre os sete sacramentos, um, especialmente destinado a reconfortar os que se encontram sob a provação da doença: a Unção dos doentes.

*Catecismo da Igreja Católica, n.º 1511*

### Ouçamos o Cardeal Godfried Danneels:

«Jesus confia a mesma missão aos seus discípulos (e à Sua Igreja). Ele envia-os a curar: *“Eles partiram e pregaram o arrependimento, expulsaram numerosos demónios, ungiram com óleo muitos doentes e curaram-nos”* (Mc 6, 12-13). Mas pede-lhes que, como Ele, se identifiquem com os que sofrem e estão doentes, que tomem a Sua cruz e adquiram assim um olhar novo sobre a sua doença e sobre os doentes [...]

O amor de Cristo pelos doentes perdura na Igreja, que os rodeia da sua solicitude pastoral, dos seus serviços caritativos, da sua oração [...]

O doente, que é ungido, recebe uma graça particular do Espírito Santo: uma graça de conforto e de paz a fim de poder ultrapassar a dor e as dificuldades que ela acarreta. A sua fé, a sua confiança em Deus é restaurada ou renovada de modo a poder resistir à tentação do desespero e à angústia perante a morte. Pelo Espírito, o doente é “curado” na alma e, muitas vezes, também no corpo, se for essa a intenção de Deus [...]



## VENHAM VER

O sacramento dos doentes não é o sacramento dos moribundos. Pode ser recebido de cada vez que se estiver em perigo de morte por doença, enfraquecimento ou velhice. Também, portanto, antes de uma operação grave ou numa idade muito avançada, mesmo sem se estar realmente doente.»

(Cardeal Godfried Danneels, *O Jardim das Sete Fontes*)

*“Algum de vós está doente? Chame os presbíteros da Igreja, para que orem sobre ele, ungiendo-o com o óleo em nome do Senhor. A oração da fé salvará o doente e o Senhor o confortará e, se tiver pecados, ser-lhe-ão perdoados”.*

Tg 5, 14-15

### ***PISTAS para reflexão em casal:***

- Sentimo-nos colaboradores de Deus na obra da criação, acto de amor divino? Quando?
- Qual é a nossa capacidade de nos maravilharmos diante da natureza?
- Já nos aconteceu colocar a questão de “Deus” diante de uma paisagem, durante uma viagem de avião a dez mil metros de altitude, ou face a um dos nossos filhos? Já encontramos nessas coisas o verdadeiro Deus escondido e Criador? Anotemos os momentos em que sentimos o mistério da criação ...

### ***Relembremos:***

#### **REUNIÕES DE PREPARAÇÃO COM O CE**

Este mês sugerimos uma especial atenção às reuniões de preparação, com a presença do casal responsável, do casal animador (normalmente o casal que acolheu a equipa na reunião anterior) e do Conselheiro Espiritual (CE).

**A.2 - Sugestões para os PONTOS CONCRETOS DE ESFORÇO****• Escuta da Palavra de Deus**

O cristão comporta-se de modo diferente diante da Bíblia e diante de qualquer outro livro. A Bíblia é a palavra de Deus e exige, a esse título, uma maneira completamente diferente de ler. O cristão não lê a Bíblia para estar mais bem informado nem para alargar os seus conhecimentos, mas para se maravilhar e amar mais. Para viver dela.

Cardeal Godfried Danneels, *Mestre, que devo fazer?*

Passagens da Bíblia que podem ser lidas ao longo do mês:

Gn 3, 10-12; 3, 17; Mt 1, 21; 3, 5-6; 4, 17; 9, 3-6; 9, 11-13; 12, 30-32; 18, 6-9; 21, 32; Mc 1, 14-15; 2, 16-17; 7, 21-23; 11, 25-26; Lc 5, 30-32; 7, 44-50; 17, 1; 19, 1-10; Jo 1, 29; 3, 16-17; 8, 1-11; 8, 33-34; 16, 8-9; 16, 32-33; Act 2, 46-47; 4, 11-12; 8, 12; 10, 43; 13, 38-39; 13, 46-48; 17, 30; 26, 18; Rm 2, 8-10; 3, 9-20; 3, 21-31; 3, 23; 6, 4; 7, 14-25; 12, 9-21; 14, 13-23; 1 Ts 5, 15; 1 Jo 3, 4-6; 1 Cor 1, 18; 14, 20; 2 Cor 3, 7-9; 7, 10; Cl 2, 13-14; Ef 2, 7-10; Fl 2, 12-13; 1 Ts 5, 8-9; 2 Tm 2, 10; 3, 14-15; Tt 2, 10-12; 1 Pe 2, 1-3; 2 Pe 1, 8-10.

Outras leituras recomendadas:

- *Catecismo da Igreja Católica*, n.ºs 385 e 410;
- *Penitência e Reconciliação do Cristão*, Max Huot de Longchamp, SAP – Patriarcado de Lisboa, 1998;
- *A missão de Cristo Redentor (Redemptoris Missio)*, n.ºs 12 e 44, João Paulo II;
- *Reconciliação e Penitência*, João Paulo II.



## ORAÇÃO

**Louvado sejas Tu**, meu Senhor, por todas as tuas criaturas  
e especialmente pelo nosso irmão, o Sol,  
que nos dá o dia através do qual nos iluminas!

Como é belo e brilhante, e como o seu esplendor  
nos revela o teu poder infinito!

**Louvado sejas Tu**, meu Senhor, pelas nossas irmãs,  
a Lua e as Estrelas,  
no céu Tu as criaste luminosas,  
preciosas e esplêndidas.

**Louvado sejas Tu**, meu Senhor, pelo nosso irmão, o Vento,  
pelo Ar, as Nuvens, o Céu puro e todos os tempos  
através dos quais sustentas as criaturas.

**Louvado sejas Tu**, meu Senhor, pela nossa irmã Água,  
que é tão útil, tão humilde, tão preciosa e pura!

**Louvado sejas Tu**, meu Senhor, pelo nosso irmão, o Fogo  
através do qual iluminas a noite!

É tão belo, tão alegre, tão vigoroso e tão forte!

**Louvado sejas Tu**, meu Senhor,  
pela nossa irmã maternal, a Terra,  
a que nos suporta e nos alimenta,  
rica de tantos frutos, de flores coloridas e de plantas.

**Louvado sejas Tu**, meu Senhor, por todos aqueles  
que perdoam em nome do Teu amor  
e que sofrem injustiça e tribulações!  
Felizes aqueles que perseveraram na paz  
porque Tu, Altíssimo, os coroarás!

*Francisco de Assis (1182-1226)*

**• Meditação (Oração Pessoal)**

A vida e a oração são completamente inseparáveis. Uma vida sem oração é uma vida que ignora uma dimensão essencial da existência, é uma vida que se contenta com o visível, com o nosso próximo, mas com o nosso próximo físico, com o nosso próximo no qual não descobrimos a imensidade e a eternidade do seu destino. O valor da oração consiste em descobrir, em afirmar e em viver o facto de que tudo tem uma dimensão de eternidade, e tudo tem uma dimensão de imensidade, se assim pode dizer-se.

Monsenhor Antoine Bloom, *Cartas Verdes*, documento das ENS

Na oração pessoal, ao longo do mês, ir descobrindo e reflectindo com base nas leituras, sobre as várias dimensões do pecado, corte da nossa relação com Deus. Descobrir os aspectos em que, no nosso caso, este corte tem sido mais profundo ou mais duradouro. Descobrir em nós atitudes de quem já está salvo e como temos assumido a responsabilidade pela salvação do outro.

**• Oração Conjugal/Familiar**

*Em casal:*

Cada membro do casal pode fazer em cada dia a sua oração partilhando os sentimentos, as ideias ou as atitudes que pensa que mais o afastam ou aproximam de Deus. Mais especificamente, quais os que mais nos afastam ou aproximam uns dos outros, em família.

*Em família:*

Em oração partilhada, louvar o Senhor pelas diferentes ocasiões em que fomos portadores de salvação uns para os outros e para os que nos rodeiam.

**• Dever de se Sentar**

Comecemos o Dever de se Sentar com a leitura do Texto de Meditação (B.2), seguido de oração partilhada.

## A VENHAM VER

*“Mas Deus que é rico em misericórdia, mostrou por nós um grande amor.”*

Em que ocasiões da nossa vida mais sentimos esta misericórdia e este amor de Deus?

“Perdoar” vem antes de “ter razão”.

### • Regra de Vida

Fazer o balanço da Regra de Vida do mês anterior.

Após o Dever de se Sentar, certamente que surgiram propósitos de mudança. Cada um poderá então definir a sua Regra de Vida, que o ajudará numa verdadeira conversão para Deus.

A Regra de Vida deve ser simples, clara e concreta.

*A Regra de Vida, documento das ENS*

### • Retiro

Fazer um Retiro? Sim, mas onde?

O Retiro é para encontrar Cristo, para nos abirmos mais ao Seu Espírito, para rectificarmos o nosso caminho com Ele para o Pai. O nosso caminho pessoal e o nosso caminho em casal.

*O Retiro Espiritual, documento das ENS*

## B - REUNIÃO DA EQUIPA

### B.1 - REFEIÇÃO em comum

### B.2 - ORAÇÃO

• **Texto** de Meditação: Ef 2, 4-18

*Mas Deus que é rico em misericórdia, mostrou por nós um grande amor. Estando nós mortos, por causa das nossas culpas, Ele deu-nos a vida por meio de Jesus Cristo. Foi por amor que vós fostes salvos. Pois Deus ressuscitou-nos juntamente com Cristo Jesus e com Ele nos fez tomar parte no seu Reino glorioso. Desta maneira, quis mostrar para sempre a todos os que hão-de existir a imensa riqueza dos favores que nos concedeu, por meio de Jesus Cristo. Foi por amor que vós fostes salvos, mediante a fé. Não fostes vós que conquistastes a salvação. Ela é um dom de Deus. Não foi obra vossa; portanto, ninguém se pode gabar disso.*

*O que somos é obra de Deus. Ele criou-nos para que, em união com Cristo, praticássemos o bem, esse bem que o próprio Deus já tinha destinado para nós fazermos. Vós, que não sois judeus de nascimento, sabeis que éreis considerados pelos judeus como pagãos por não terdes recebido a circuncisão. Sabeis que naquele tempo estáveis longe de Cristo e não fazíeis parte do povo de Israel. Não éreis abrangidos pelas promessas da aliança e andáveis no mundo sem esperança e sem Deus. Mas, se antes estáveis longe, agora, por meio da morte de Cristo, estais perto d'Ele.*

*Cristo é a nossa paz: de dois povos separados fez um só povo. Com a Sua morte ele destruiu o muro que os separava e os tornava inimigos um do outro. Aboliu a lei judaica com os seus preceitos e tradições para que, unidos nele, judeus e não-judeus pudessem formar uma humanidade nova, vivendo em paz. Pela Sua morte na cruz, Cristo destruiu o ódio que os dividia e fez deles um só corpo, reconciliando-os com Deus.*

*Cristo veio, portanto, anunciar a Boa Nova da paz, tanto a vós, os que estáveis longe, como aos que estavam perto. Graças a Ele, podemos agora, tanto uns como outros, chegar ao Pai, guiados pelo mesmo Espírito.*

Após a leitura do texto e um breve silêncio, seguem-se: **Oração Partilhada, Intenções e Oração Colecta.**

## **B** *VENHAM VER*

### **B.3 - PARTILHA dos Pontos Concretos de Esforço**

No caminho espiritual que nos é proposto, em que temos como ajuda os Pontos Concretos de Esforço, o progresso nem sempre é contínuo. Como fazer para não desanimar e começar e recomeçar incessantemente? Que avanços podemos testemunhar uns aos outros para nos ajudarmos a ser persistentes?

Temos reflectido sobre qual é o projecto que Deus tem, hoje, para nós e para a nossa família?

### **B.4 - PÔR EM COMUM**

Apresentando aspectos concretos da nossa vida do dia a dia, deixemos que os outros membros da nossa equipa nos conheçam melhor.

Que podemos “oferecer” de nós aos outros?

### **B.5 - Discussão do TEMA**

Cada casal pode começar por apresentar os pontos da sua reflexão que decidiu trazer para a Reunião da Equipa.

Conscientes de que estamos reunidos em nome de Cristo, podemos reflectir:

- Maravilhados com a criação, que aspectos mais nos deslumbram?
- Olhando para a obra já realizada, que factores, a nosso ver, atrasam a construção do reino?

### **B.6 - MAGNIFICAT**

(Ver oração na contracapa).

# REUNIÃO III

## CREIO EM UM SÓ SENHOR, JESUS CRISTO

---

Anúncio: **Fé e Conversão**

Aprofundamento: **Creio em um só Senhor, Jesus Cristo**

Complemento: **“Dou-vos um Mandamento Novo”**

---

### A - VIVÊNCIA DURANTE O MÊS

#### A.1 - TEMA

##### ANÚNCIO: FÉ E CONVERSÃO

Aceitar e reconhecer Cristo como Salvador é um acto de **fé**.

*“Foi por amor que vós fostes salvos, mediante a fé.”* (Ef 2, 8).

A fé é a certeza de que Deus vai agir conforme as promessas de Cristo. Portanto, a fé não é crer em algo mas em Alguém, em Jesus Cristo. É a **certeza** de que só Jesus salva e mais ninguém.

“Se com os teus lábios confessas que Jesus é o Senhor e no teu coração acreditas que Deus O ressuscitou dos mortos, serás salvo. Temos fé dentro de nós e entramos na amizade com Deus. Afirmamos Jesus com os nossos lábios e somos salvos” (cf. Rm 10, 9-10).

A fé é um **Dom** de Deus que acolhemos com um “sim” e que necessita de renovação todos os dias. É proposta de Deus, não é imposição. Mas necessita de ser acolhida e cultivada, para não definhir (cf. Tg 2, 14).

A fé concretiza-se e manifesta-se na **Conversão** (cf. Mc 1,15). A fé sem **obras** de nada vale (cf. Tg 2,20).

*Já me converti a Cristo, hoje?*

A conversão “determina um processo dinâmico”, permanente, que se prolonga por toda a existência, exigindo uma passagem contínua da “vida segundo a carne” à “vida segundo o Espírito”. Não podemos pregar a conversão, se nós mesmos não nos convertermos todos os dias.

Cf. Rm, n.º 46-47



**APROFUNDAMENTO: CREIO EM UM SÓ SENHOR, JESUS CRISTO**

Nós estamos tão habituados a ouvir a expressão “Jesus Cristo” que talvez não nos apercebamos que cada um dos títulos “Cristo”, “Filho”, “Senhor” designa Jesus em níveis sucessivos de compreensão e de fé. Como fizeram os discípulos e os primeiros cristãos esta longa caminhada de fé?

“Jesus” é um nome corrente em Israel e significa “Deus salva”. Nascido numa humilde família judaica, Jesus de Nazaré é habitante de uma pequena aldeia da Galileia, acerca da qual as pessoas se interrogavam sobre o que de bom poderia vir dela.

Face a este homem e ao seu testemunho excepcional, os seus contemporâneos colocaram-se a seu favor ou contra Ele. Muitos admiravam-n’O, alguns seguiam-n’O. Reconheceram Aquele que não só anunciava o Reino e curava os doentes, mas também perdoava os pecados. Ora, só Deus pode perdoar os pecados. Quem é, pois, este homem? Os discípulos são testemunhas do comportamento de Jesus em relação à Lei e ao Templo. Eles descobrem a sua relação particular com Deus, a quem chamam com um nome familiar: “ABBA”, quer dizer Pai, ou melhor, “Papá”.

Jesus não anuncia apenas a vinda do Reino, faz também compreender que o Reino de Deus já está presente. Embora Jesus não diga explicitamente que é Deus, o Seu testemunho e o Seu comportamento fazem pressentir o “mistério” da sua pessoa. Assim, os discípulos são levados a interrogar-se cada vez mais profundamente sobre a Sua identidade. “Quem é Este?” (*cf.* Mc 4, 41).

A partir da morte e da ressurreição de Jesus e através da experiência das aparições pascais, os discípulos desamparados pela condenação à morte do seu Mestre, descobrem que Ele está vivo: Deus ressuscitou. N’Ele a vida triunfa sobre a morte. À luz deste acontecimento e das promessas do Antigo Testamento recordam-se, então, de tudo o que Jesus partilhou com eles desde o início da Sua vida pública. É, antes de tudo, pelo dom do Espírito no Pentecostes que os Apóstolos se apercebem até que ponto Deus Se manifestou em Jesus com todo o Seu poder de salvação. “Em nome de Jesus [...], baptizaram e perdoaram os pecados” [...]

Ao proclamarmos que Jesus é o Senhor, afirmamos a sua divindade. Deus manifestou-Se na humanidade de Cristo. Jesus Cristo apresenta-Se como “o Filho” porque Deus é Seu Pai de modo particular e transmite-Lhe tudo o que Lhe pertence. Ao revelar Seu Pai, Jesus re-

velou a Sua identidade de Filho, (Jo 5, 19-30), o que significa que colocou n'Ele todo o Seu amor. Jesus possui a natureza divina do Pai e do Espírito Santo. [...]

Para acreditar em Jesus como Cristo, é preciso conhecer a vida, a morte e a ressurreição de Jesus de Nazaré tal como os evangelhos as relatam. As suas palavras e os seus actos de homem manifestaram que há n'Ele algo mais do que o homem. Revelaram-n'O como o Messias prometido e anunciado pelos profetas. À luz do acontecimento pascal, e graças ao dom do Espírito Santo, o mistério da origem divina e humana de Jesus acabou por se revelar aos olhos dos discípulos, e o Seu itinerário entre nós mostrou todo o seu significado.

É nesta perspectiva que os evangelhos foram escritos por homens que foram testemunhas dos acontecimentos da vida de Jesus e que acreditavam que Jesus era o Messias. Eles viram o sinal do seu mistério em toda a sua vida terrena. Abrindo os evangelhos, somos convidados a olhar e a escutar Jesus, verdadeiro homem, a fim de O reconhecer e de O amar como o Salvador, o Senhor e o Filho de Deus. Somos chamados a deixar-nos iniciar pelos evangelhos no olhar de fé que largam sobre o mistério de Jesus.

(Cf. *Croire*, documento das ENS)

As multidões admiravam os Seus milagres e sentiam-se tocadas pelas Suas palavras. *“Ele ensinava como quem tem autoridade e não como os doutores da lei”* (Mt 7, 29); *“Nunca nenhum homem falou assim”* (Jo 7, 46).

#### **Da Catequese de Adultos:**

Ao contrário dos sacerdotes e dos doutores da Lei, que mantinham as distâncias, Jesus andava no meio dos pobres, mostrava consideração pelas mulheres, acarinhava as crianças; tinha compaixão pelos doentes e curava-os; sentava-Se à mesa com os pecadores e, quando alguém O censurou por isso, respondeu: *“Eu não vim chamar os justos, vim chamar os pecadores”* (Mc 2, 17).

Os intelectuais faziam troça; o próprio João Baptista, que se encontrava preso e a quem contavam estas coisas, estava perplexo. Não era assim que imaginava o Messias. O Messias há tanto tempo espe-



rado devia ser um rei poderoso que, com o poder de Deus, expulsaria os romanos, acrescentaria o esplendor de Jerusalém e do Templo, castigaria os maus e instauraria a justiça. Só mais tarde é que os discípulos entenderam; e então disseram-no num cântico, que S. Paulo transcreve na Epístola aos Filipenses: *“Ele, que era de condição divina, não reivindicou ser tratado como Deus. Antes Se despojou a Si mesmo, tomando a condição de servo e obedecendo até à morte, e morte de cruz”* (Fl 2, 6-11).

Jesus viveu na terra sem poder. Não quis ser rei, nem diplomata, nem banqueiro, nem doutor, nem sequer padre. Nunca disse que era o Messias, a não ser à samaritana e, já perto do fim da sua carreira, a Pedro e aos apóstolos. Por outro lado, criou entre Ele e nós um abismo de outro tipo. Nunca diz: “o nosso Pai”, “o nosso Deus”; diz, consoante os casos, “o meu Pai”, “o meu Deus”, “o vosso Pai”, “o vosso Deus”. Considera-nos a todos como pecadores, mas lança o desafio: “quem de vós pode acusar-Me de pecado?” (Jo 9, 46). Promete coisas e tem exigências que seriam sinal de loucura noutro homem qualquer: *“Todo aquele que se declarar por Mim diante dos homens, também Eu Me declararei por ele diante de meu Pai; todo aquele que Me negar diante dos homens, também Eu o negarei diante de meu Pai”*. *“Quem ama o pai ou a mãe, o filho ou a filha mais do que a Mim, não é digno de Mim”* (Mt 10, 32-39; Lc 14, 26-27). Afirma que Ele próprio há-de julgar todos os homens e atribuir prémio ou castigo (cf. Mt 25, 31-46). À sua mensagem chama *Boa Nova*, anuncia que vem instaurar o Reino de Deus (cf. Mt 4, 23; Lc 16, 16).

(*Catequese de Adultos*, Patriarcado de Lisboa)

#### **Ouçamos Olivier Messiaen:**

Jesus Cristo é o nosso modelo. Jesus Cristo é o nosso caminho. Jesus Cristo é o Filho de Deus encarnado. Jesus Cristo é Deus. A Sua vida, a Sua morte, a Sua ressurreição, a Sua vinda gloriosa, são os únicos acontecimentos válidos na história dos homens sobre o planeta Terra. Nos nossos dias, de busca científica apaixonada, pode sonhar-se a perder de vista, ultrapassar em espírito o nosso pequeno sistema solar e imaginar, junto de outras estrelas, mundos habitados por outros seres inteligentes que estariam à espera de um Salvador ou teriam já beneficiado, como nós, de uma Redenção. Resta-nos que o planeta Terra foi favorecido com o dom único: a encarnação do Ver-

bo, a irrupção do invisível no visível, do eterno no temporal. Para sair deste tempo e deste espaço que nos são familiares, para chegar à ressurreição e a uma vida noutras dimensões, é preciso, sem dúvida, passar pelo sofrimento e pela morte. Mas não têm já algum prazer antecipado, na visão da glória, aqueles que – respondendo às palavras da Consagração – podem exclamar com toda a força da sua fé: Meu Senhor e meu Deus!?

(Olivier Messiaen)

COMPLEMENTO: “**DOU-VOS UM MANDAMENTO NOVO**”

**O Senhor Jesus afirma que dá um novo mandamento** aos Seus discípulos, isto é, que se amem mutuamente: *Dou-vos*, diz Ele, *um mandamento novo: que vos ameis uns aos outros*. Mas não existia já este mandamento na antiga lei de Deus onde está escrito: *Amarás o teu próximo como a ti mesmo*? Por que chama novo o Senhor ao que é evidentemente tão antigo? Será novo pelo facto de nos revestir do homem novo, depois de nos ter despojado do velho? Na verdade, Ele renova o homem que O ouve, ou melhor, que Lhe obedece; não se trata, porém, do amor puramente humano, mas daquele que o Senhor quis distinguir, acrescentando: *como Eu vos amei*.

É este amor que nos renova, transformando-nos em homens novos, herdeiros do Novo Testamento, cantores do cântico novo.

Dos Tratados de S. Agostinho, bispo, Séc. V

**Ouçamos D. José Policarpo, Cardeal Patriarca de Lisboa:**

É o amor divino, enquanto fonte da caridade, que permite igualar e unificar o amor ao próximo e o amor que temos a nós mesmos. No dinamismo natural do amor, este equilíbrio não é fácil. Ou o amor de nós mesmos tolda a gratuidade e a generosidade do amor ao próximo ou, para acentuar essas qualidades do serviço dos outros, caímos num certo menosprezo de nós mesmos.

Deus ama-nos tanto a nós como aos outros. Se a motivação da nossa caridade é o amor de Deus, não nos podemos desprezar para amar os outros. Nós somos chamados a amar os homens que Deus ama e, tendencialmente, como Ele os ama. Aliás, ao amá-los, por amor de



Deus, é o próprio Deus que os ama, através da caridade em nós. A caridade expressa no amor dos irmãos exerce a função de mediação sacramental do próprio amor com que Deus os ama. Do mesmo modo que Jesus se identifica com os irmãos que amamos – “*o que fizestes ao mais pequenino dos irmãos foi a mim que o fizestes*” (Mt 25, 45) – também se confunde com aqueles que amam, em seu nome. Sobreretudo os mais pequeninos de entre os irmãos. Quantas vezes a ternura criadora do amor de Deus chega, sobretudo aos que sofrem, através do calor da caridade fraterna.

(D. José Policarpo, *Subamos a Jerusalém*)

*“Permaneçei no Meu amor. Se guardardes os Meus mandamentos permaneceréis no Meu amor ... Eis o Meu mandamento: amai-vos uns aos outros, como Eu vos amei ... Vós sereis Meus amigos se fizerdes o que vos mando ... o que vos mando é que vos ameis uns aos outros ... Digo-vos isto para que a Minha alegria esteja em vós e que a vossa alegria seja perfeita”.*

Jo 15, 9-10, 11, 12, 14, 17

**Ouçamos o Padre Henri Caffarel:**

*Eis o Meu mandamento*, diz Cristo: *amai-vos uns aos outros, como Eu vos amei*. Notem a passagem do plural para o singular. Cristo começa por dizer: *Se guardardes os Meus mandamentos ...* E algumas linhas mais abaixo: *Eis o Meu mandamento ...* É significativo. Para aqueles que, como os Apóstolos, amam Cristo, seguem-n’O e querem permanecer no seu amor, toda a lei se reduz a um único preceito: o amor mútuo. É a actividade primordial dos seus discípulos. É pegar ou largar. Se a observamos, permanecemos unidos a Ele, se a transgredimos, separamo-nos d’Ele.

E, sobretudo, não deixem de reparar numa palavra do texto de S. João, uma palavrinha, mas essencial: *como*. Cristo não diz apenas: *O meu mandamento é que vos ameis uns aos outros*, mas especifica: *amai-vos uns aos outros, como Eu vos amei*. Podem ter a certeza de que, naquela noite, os apóstolos não tiveram dificuldade em compreender esse *como*. Com efeito, Cristo acabava de lhes lavar os pés e tinha acrescentado: *Dei-vos o exemplo para que vós façais como Eu*



*fiz convosco* (Jo 13, 15). Para amar *como* Ele, é preciso pôr-nos ao serviço dos outros. Pouco depois deste gesto de Cristo, tão comovente, eles ouviram-nO dizer: *Não há maior amor do que dar a vida pelos seus amigos* (Jo 15, 13).

Assim, amarem-se uns aos outros é porem-se ao serviço uns dos outros, mesmo até ao sacrificio de si próprios. Por fim, acabava de lhes dirigir estas palavras maravilhosas: *Chamo-vos amigos porque tudo o que ouvi de Meu Pai vo-lo dei a conhecer* (Jo 15, 15). Amar como Ele é dizerem uns aos outros o melhor do que cada um pensa, o melhor do que cada um vive, ou seja, o que se sabe, o que se vive de Deus.

(Henri Caffarel)

***PISTAS para reflexão em casal:***

**No momento do nosso casamento, Jesus comprometeu-se a acompanhar toda a nossa vida (porque o sacramento pressupõe a presença misteriosa e eficaz de Jesus e da Sua graça). Mas esta companhia de Jesus deve obrigar-nos a conhecer, a saber e, ao mesmo tempo, a dialogar com Ele e, a partir das Suas palavras, fazer o possível para que haja uma verdadeira sintonia entre nós três: Jesus e cada um de nós.**

- **Como fazer? Aproveitemos para descobrir “o nosso modo” de nos aproximarmos cada vez mais dos actos e das palavras de Jesus.**
- **Que testemunho damos aos que nos rodeiam deste Senhor que é o Senhor das nossas vidas?**

***Relembremos:***

**LEITURA DA CARTA BIMESTRAL**

Este mês sugerimos uma especial atenção à Leitura da Carta bimestral. A Carta é o elo de ligação entre todos os equipistas e inclui notícias e testemunhos do Movimento das várias partes do mundo onde está implantado.



## A.2 - Sugestões para os PONTOS CONCRETOS DE ESFORÇO

### • Escuta da Palavra de Deus

Outro apoio muito firme são as Escrituras e, particularmente, o Evangelho. Todos os dias descubro aí uma fonte inesgotável de oração de que não suspeitava. Ainda que a minha língua se mostre impotente, há pelo menos esta Palavra que contém tudo, e que é como uma partitura oferecida à oração. Isso deve bastar-me. Aprendo, por isso, a ancorar nela a oração, e a repeti-la com muita paciência e muita atenção.

Georges Mathey, *Cartas Verdes*

Passagens da Bíblia que podem ser lidas ao longo do mês:

Mt 4, 17; 9, 20-22; 17, 19-20; 21, 21-22; Mc 1, 14-15; 2, 1-5; 5, 31-34; 6, 6; 10, 47-52; 11, 21-24; 16, 16-17; Lc 5, 18-20; 7, 48-50; 8, 46-48; 22, 31-34; Jo 3, 5; 6, 44-45; Act 2, 37-38; 3, 19; 8, 12; 10, 43; 11, 21-24; 19, 18; 22, 16; Rm 3, 27-29; 4, 5; 4, 19-21; 5, 2; 10, 10; 10, 17; 11, 12; 12, 1-8; 12, 3-4; 14, 19; 1 Cor 2, 4-5; 4, 15-16; 9, 19-22; 13, 2; 14, 4; 15, 1-2; Gal 2, 16; 2, 20; 3, 13-14; 1 Tm 1, 5; 3, 14-16; 4, 8; 5, 7; 2 Tm 3, 10-12; Joel 2, 13; Ef 4, 24; Tg 2, 14-26.

Outras leituras recomendadas:

- *Catecismo da Igreja Católica*, n.ºs 153-159 e 1422-1429;
- *A missão de Cristo Redentor (Redemptoris Missio)*, n.ºs 13 e 46-47, João Paulo II;
- *Catequese de Adultos*, Patriarcado de Lisboa, capítulo 8.



## ORAÇÃO

Não Te conheci, Senhor!  
Imaginei-Te importante, como os grandes do mundo  
a circular por entre os aplausos da multidão.  
Mas Tu visitaste-me escondido  
na roupagem humilde do pobre.  
Não Te conheci, Senhor!  
Esperava ouvir-Te do alto dos estrados  
donde falam os doutores deste mundo.  
Mas Tu falaste-me mansinho  
na voz serena de uma criança.  
Não Te conheci, Senhor!  
Contava ver-Te nos lugares de honra  
dos palcos desta vida.  
Mas Tu apareceste-me inesperadamente  
na pessoa apagada de um espectador anónimo.  
Não Te conheci, Senhor!  
Pensei-Te por detrás da mesa  
da presidência dos tribunais,  
para julgares os nossos pecados.  
Mas Tu colocaste-Te na fila dos pecadores  
e aguardaste a vez de seres baptizado.  
Não Te conheci, Senhor!  
Julguei que podia visitar-Te nos palácios dourados  
onde se acoitam os grandes deste mundo.  
Mas Tu preferiste a convivência humilde dos pastores  
e a austeridade das suas grutas.  
Não Te conheci, Senhor!  
Mas agora que já começo a entender os Teus hábitos  
e a conhecer os Teus costumes,  
vou estar mais atento.



• **Meditação** (Oração Pessoal)

Aconselhando-vos a procurar primeiro conhecer a Cristo, julgo estar no caminho certo da pedagogia divina. Não foi assim que Deus fez com os apóstolos e os discípulos para os atrair a Si? Jesus foi ter com eles, oferecendo-lhes a Sua maravilhosa amizade; viram-n’O, tocaram-Lhe, ouviram-n’O; foram conquistados; deram-se. Depois, um dia, Cristo após esta frase desconcertante “É bom para vós que Eu Me vá”, deixou-os. Foi-lhes preciso então elevarem-se a uma religião mais interior. Mas a verdade é que a descoberta da amizade de Cristo foi para eles a experiência decisiva. Assim sucede com a vida de oração: deve conduzir os cristãos a uma profunda união com Deus, mas não pode ter melhor ponto de partida e melhor amparo do que a maravilhosa descoberta do prodigioso amor, ao mesmo tempo divino e humano, que Cristo nos oferece.

Henri Caffarel

Na oração pessoal ao longo do mês, com base nas leituras, ir reflectindo sobre a maravilha do Dom da **fé**, que nos foi concedido e de que formas temos sido activos no seu acolhimento. Ir descobrindo situações concretas de **conversão** na nossa vida.

Recordemos:

- A história e a evolução da nossa conversão;
- As mudanças que fizemos na nossa vida que nos permitiram chegar mais perto de Deus.

• **Oração Conjugal/Familiar**

*Em casal:*

- Pedir a Deus que nos ajude a dar testemunho d’Ele com toda a confiança, uma vez que temos o dom da fé.
- Agradecer a fé que nos foi dada e o facto de termos acolhido este dom.
- Agradecer as alegrias que a conversão nos tem proporcionado e que nos animam a prosseguir.

*Em família:*

- Professar o Credo meditando, frase a frase, naquilo em que acreditamos.



• **Dever de se Sentar**

Comecemos o Dever de se Sentar com a leitura do Texto de Meditação (B.2), seguido de oração partilhada.

*“Eles não pertencem ao mundo”*

Estando no mundo não lhe pertencemos. Como conseguimos conciliar nas nossas vidas concretas esta duplicidade?

Aceitemo-nos a nós mesmos, tal como somos, com alegria.

• **Regra de Vida**

Fazer o balanço da Regra de Vida do mês anterior.

Após o Dever de se Sentar, certamente que surgiram propósitos de mudança. Cada um poderá então definir a sua Regra de Vida, que o ajudará numa verdadeira conversão para Deus.

A Regra de Vida abre horizontes que nos podem fazer progredir individualmente.

*A Regra de Vida*, documento das ENS

• **Retiro**

Fazer um Retiro? Sim. Mas quando?

O Retiro pode mudar o nosso modo de ver e o nosso coração, para voltarmos à vida quotidiana com mais fé, mais esperança e mais amor.

*O Retiro Espiritual*, documento das ENS

**B - REUNIÃO DA EQUIPA****B.1 - REFEIÇÃO em comum****B.2 - ORAÇÃO**

- **Texto** de Meditação: Jo 17, 7-17

*Agora sabem que tudo quanto Eu tenho é de Ti que vem. Confiei-lhes a doutrina que Tu Me deste e eles aceitaram-na. Compreenderam verdadeiramente que Eu vim de Ti, e acreditaram que Tu Me enviaste. Peço-te por eles. Não pelos que são do mundo, mas por aqueles que Tu Me deste, porque são teus. Tudo o que é Meu é Teu e tudo o que é Teu é Meu. E a Minha glória vai aparecer neles. Eu deixo o mundo e vou para junto de Ti, mas eles ainda ficam no mundo.*

*Pai Santo, protege-os pelo Teu poder, poder que Tu Me deste, para que eles sejam um, como Tu e Eu somos um. Enquanto estive com eles no mundo, guardei-os pelo poder do Teu nome, o nome que Tu Me deste. Eu protegi-os e nenhum deles se perdeu, a não ser aquele que se havia de perder, para que se cumprisse o que diz a Sagrada Escritura. Agora vou para Ti. Falo desta maneira aqui no mundo, para que a Minha alegria os encha profundamente. Entreguei-lhes a Tua doutrina. E o mundo tem-lhes ódio, porque eles não são do mundo, como Eu também não sou. Não Te peço que os tires do mundo, mas apenas que os defendas das forças do mal. Eles não pertencem ao mundo, como Eu também não pertencço. Faz com que Te sirvam pela verdade. A Tua doutrina é a verdade.*

Após a leitura do texto e um breve silêncio, seguem-se: **Oração Partilhada, Intenções e Oração Colecta.**

**B.3 - PARTILHA dos Pontos Concretos de Esforço**

A Partilha é um acto conjunto de ajuda mútua.

Perante o que cada casal partilhou, como podemos nós contribuir, partindo da nossa experiência, para encorajar os outros membros da equipa? Como podemos ajudar a carregar os “**fardos uns dos outros**”?

A Regra de Vida tem-me ajudado a tomar consciência de mim mesmo com **Verdade**?

#### **B.4 - PÔR EM COMUM**

Apresentando aspectos concretos da nossa vida do dia a dia, deixemos que os outros membros da nossa equipa nos conheçam melhor.

Este mês quais foram os aspectos mais relevantes da nossa vida que mais nos fizeram lembrar a equipa e sentirmo-nos mais unidos a ela?

#### **B.5 - Discussão do TEMA**

Cada casal pode começar por apresentar os pontos da sua reflexão que decidiu trazer para a Reunião da Equipa.

Conscientes de que estamos reunidos em nome de Cristo, podemos reflectir sobre:

- “*Quem é, então, Aquele?*” (Mc 4, 41).
- Quem é, então, Jesus Cristo hoje para nós?
- “Amarem-se uns aos outros é porem-se ao serviço uns dos outros”

Pomo-nos efectivamente ao serviço uns dos noutros nesta pequena comunidade que é a equipa? De que formas?

#### **B.6 - MAGNIFICAT**

(Ver oração na contracapa).

## **REUNIÃO IV**

### **RESSUSCITOU E SUBIU AO CÉU**

---

Anúncio: **Jesus é o Senhor**

Aprofundamento: **Ressuscitou e subiu ao Céu**

Complemento: **Os Sacramentos da Ordem e do Matrimônio**

---

## **A - VIVÊNCIA DURANTE O MÊS**

### **A.1 - TEMA**

ANÚNCIO: **JESUS É O SENHOR**

**Jesus é o Senhor** da nossa vida. Ele é o modelo para a nossa conversão. De facto, não é suficiente proclamar Jesus como Senhor. É imperioso que Ele seja mesmo Senhor da minha, da nossa vida (*cf.* Rm 10, 9-10).

“Creio em um só Senhor, Jesus Cristo ...” (Credo). Esta afirmação implica, pois, que consideremos Jesus verdadeiramente como nosso Senhor, isto é, o Senhor das nossas vidas. Há que Lhe entregar tudo o que temos e somos, para encontrar a verdadeira felicidade. Concretamente, reconhecer que Jesus é o Senhor consiste em Lhe abrimos o nosso coração e fazermos tudo e só o que Ele quer, como Ele quer e quando Ele quer. A Mãe de Jesus também disse aos criados das bodas de Caná: “*Fazei tudo o que Ele vos disser ...*” (Jo 2, 5).

***Tenho feito tudo o que Ele me diz?***

Senhor, irei onde Tu quiseres que vá, farei o que Tu quiseres que faça, direi o que Tu quiseres que diga e entregarei o que Tu quiseres que entregue.

Scott e Kimberley Hahn

APROFUNDAMENTO: **RESSUSCITOU E SUBIU AO CÉU**

A ressurreição de Cristo é um facto real. Mas é um acontecimento que compreende duas facetas. Por um lado, **a ressurreição comporta uma dimensão histórica identificável**. Ela deixa vestígios concretos na história dos homens: o túmulo vazio, as aparições, a proclamação da fé dos Apóstolos apesar da morte e o nascimento da Igreja. Por outro lado, **a ressurreição é o próprio facto, inacessível para nós, pelo qual Deus associa Jesus de Nazaré à sua «glória»**. Deus ressuscitou-O. É isso que explicitamos quando proclamamos que Jesus «está sentado à direita do Pai» e que «Deus O fez Senhor». [...]

O acto de Deus ressuscitar seu Filho escapa à nossa constatação. **Nenhum evangelho descreve Jesus a ressuscitar.**

Os quatro evangelhos falam da descoberta do *túmulo vazio*. Assim, Maria Madalena exclama: «Retiraram o Senhor do sepulcro e não sabemos onde O colocaram» (Jo 20, 2). O túmulo vazio é um sinal muito eloquente que remete para o mistério. Este sinal indirecto dá todo o seu significado à luz da mensagem dos anjos:

«Por que procurais Aquele que vive, entre os mortos?» (Lc 24).

As aparições atestam perceptivelmente a presença do Ressuscitado. Jesus já não é simplesmente Aquele que se vê porque chega a tal sítio, ou Aquele que já se não vê porque já partiu para outro lugar. Como Ressuscitado é Aquele que Se faz ver: Ele «aparece» e «desaparece» em Jerusalém ou na Galileia, no Cenáculo ou no Caminho de Emaús, porque está sempre connosco, mesmo quando não O vemos.

A presença do Ressuscitado escapa aos nossos olhos humanos. Foi por isso que Jesus Se manifestou visivelmente às primeiras testemunhas. Os relatos das aparições referem-se a factos significativos e transmitem-no-los numa catequese. São de duas ordens: as aparições a *alguns* (às mulheres, a Maria Madalena e aos discípulos de Emaús) e as aparições aos *Apóstolos* desde a noite de Páscoa até à Ascensão, tanto em Jerusalém como na Galileia.

Estes últimos relatos contêm um envio dos Apóstolos em missão “*Que todas as nações se tornem discípulos*” (Mt 28, 19) “*Como o Pai me enviou, também Eu vos envio*” (Jo 20, 21). [...]

Estes relatos da aparição dizem como **a Igreja nasce do Espírito, fonte da fé no Ressuscitado**, e como ela se apoia na fé colegial dos Apóstolos.

... «*O Seu reino não terá fim*», proclamamos nós no Credo. Esta expressão indica que Cristo não reina somente no espaço, mas tam-



bém na totalidade do tempo. **Para a nossa vida quotidiana, isto significa que todas as coisas, mesmo o nosso passado e os nossos projectos, encontram o seu sentido no Ressuscitado.** Assim, a nossa vida de cada dia está totalmente à guarda do Senhor.

Cristo ressuscitou num momento preciso da história, mas, de certa maneira, ainda espera «ressuscitar» na história de uma enorme quantidade de homens. Esta é uma «ressurreição» que pressupõe a colaboração de todos.

Deus não Se resigna com a morte do homem. Nem quer que o próprio homem se resigne a ela. Pelo contrário, chama-o a participar nesta grande libertação do egoísmo destruidor. O homem resignar-se-ia à morte se só aspirasse às realidades terrenas. Porque a Terra, abandonada a si própria, não contém o fermento da imortalidade.

**Em Jesus morto e ressuscitado, os homens são convidados a participar com coragem e de maneira responsável na acção do Deus dos vivos.**

Onde, por amor, alguém se solidariza com os que estão em necessidade, Cristo ainda hoje ressuscita. Onde a fé conduz a um empenho efectivo em prol da justiça e inspira uma verdadeira vontade de paz, a morte recua e a vida de Cristo afirma-se. Onde morre aquele que viveu na fé, no amor e na oferta do seu sofrimento, a ressurreição de Cristo leva a esperança de uma vida nova.

(Cf. *Croire*, documento das ENS)

#### **Ouçamos o Cardeal Godfried Danneels:**

A ressurreição de Jesus escapa ao tempo; pertence a uma ordem extratemporal. Não faz parte da sequência dos acontecimentos da vida de Jesus, acontecimentos em si visíveis, perceptíveis. Pela Sua ressurreição, Jesus ultrapassou um ponto de ruptura na Sua existência. Ele entrou num mundo novo onde já não se faz história. Daí a necessidade de sublinhar o facto de que a ressurreição não pode ser percebida nem comprovada cientificamente. É a fé que se impõe aqui, porque a ressurreição é um acto do poder divino e porque o poder divino não é objecto de entendimento. No entanto, visto que a ressurreição de Jesus é também uma irrupção de Deus no tempo e na história (ela teve lugar em Jerusalém aquando de uma festa de Páscoa), passou-se, de qualquer modo, no curso da história. Vestígios dela devem ter ficado algures, marcas nas prateleiras da história.



E essas marcas são verificáveis historicamente. A própria ressurreição, ninguém a viu. Mas se não tivesse ficado em parte alguma o menor vestígio que pudesse ser verificado, nós não teríamos qualquer recordação dela e não nos interrogaríamos sobre este assunto e seria sem motivo (isto é, de modo pouco razoável e, portanto, imoral) que acreditaríamos nela. Os cristãos, tal como os outros homens, têm que ter razões para admitir um acto moral, logo também para admitir um acto de fé. Uma comparação? Fala-se de um incêndio na noite anterior e ninguém viu o tal incêndio; se, em parte nenhuma, se encontrassem sinais desse incêndio, de cheiro a queimado, de fumo ou de cinzas, não haveria nenhuma razão para se acreditar num incêndio real; admitir, não obstante, a sua existência seria irresponsável.

#### **Quais são os ‘vestígios’?**

Há, pois, excelentes razões para procurar na história o que poderia conduzir à ressurreição. Em parte nenhuma encontramos uma prova formal. A ressurreição é uma verdade de fé. Mas há certos factos que exigem uma explicação. E a explicação mais plausível é a resposta que as primeiras testemunhas deram: “Ele ressuscitou!”.

#### **Dois factos para explicar**

Para o historiador que vai sem nenhuma ideia formada à procura do testemunho do Novo Testamento, há dois factos devidamente confirmados que pedem uma explicação. O primeiro facto é a mudança surpreendente do estado de espírito que se produziu num tempo recorde no círculo dos discípulos de Jesus. Depois da Sua morte, a atmosfera era de abatimento, aflição inconsolável, desilusão, desespero. O passeio pascal dos discípulos de Emaús dá-nos uma perfeita ilustração disso. Mas é também o caso dos outros discípulos. É difícil dizer, como se afirma por vezes: “*Eles anunciaram a ressurreição do Seu Mestre levados por uma euforia colectiva*”. Não há nenhuma indicação neste sentido. Entre eles reina unicamente uma profunda prostração. Eles deixam cair a causa do Senhor, fogem ou reúnem-se tristemente à espera de voltarem à pesca.

Ora, num curto espaço de tempo, o quadro muda completamente de cores. Os discípulos julgam a causa de Jesus como trazendo a maior esperança, saem, anunciam com audácia a ressurreição em todos os lugares e até diante daquele Sinédrio que levou Jesus à morte. Mesmo



um historiador pagão como Tácito reconhece: “*Apesar de um enfraquecimento momentâneo, esta funesta impiedade (a fé cristã) manifestou-se de novo*”.

Como explicar esta mudança radical? Para o historiador imparcial, a resposta não oferece dúvidas: aconteceu qualquer coisa. Porque as mudanças supõem causas. Mas qual é essa qualquer coisa? Em teoria, poderia tratar-se de não importa o quê: alucinação colectiva, concertação entre os discípulos, etc.

Mas há também o motivo que os próprios discípulos alegam: unanimemente, todos anunciam que Jesus não ficou em poder da morte, que Ele ressuscitou. Que eles tenham feito uma coisa semelhante - um anúncio unânime - é um segundo facto histórico tão incontornável como o primeiro.

A questão que deve pôr-se agora é a seguinte: haverá razões historicamente válidas para se duvidar do facto de que os discípulos dizem a verdade, ou poder-se-á encontrar algum facto histórico que prove que a sua mudança de estado de espírito foi devida a outra coisa? Para responder a esta pergunta, é necessário examinar os textos mais cuidadosamente.

#### **O testemunho de Paulo**

Paulo escreve a sua primeira carta aos coríntios menos de trinta anos após a morte de Jesus. A julgar por aquilo que ele escreve, a ressurreição de Jesus é admitida naquele momento em toda a parte, e também em Corinto. Porque a pergunta dos coríntios não assenta sobre a realidade da ressurreição de Jesus. O seu problema está noutra coisa: “*Será que nós ressuscitaremos?*”. E Paulo a partir daqui diz: Jesus ressuscitou. Portanto, nós também ressuscitaremos. Isto quer dizer que, a menos de trinta anos da morte de Jesus, a Sua ressurreição é um dado de fé estabelecido.

Paulo diz, aliás, que ele próprio recebeu este dom da fé da tradição. Ele deve tê-la recebido aquando da sua conversão em Damasco ou em Antioquia ou em Jerusalém. Isto conduz-nos apenas a umas dezenas de anos após os factos.

Releiamos primeiro o texto de Paulo. “*Transmiti-vos, em primeiro lugar, o que eu mesmo havia recebido: que Cristo morreu pelos nossos pecados, segundo as Escrituras; foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, segundo as Escrituras, e apareceu a Cefas e, em seguida, aos doze.*”

*Depois apareceu a mais de quinhentos irmãos, de uma só vez, a maior parte dos quais ainda vive, enquanto alguns morreram. Depois, apareceu a Tiago e, a seguir, a todos os Apóstolos. E, em último lugar, apareceu-me também a mim como a um aborto” (1 Cor 15, 3-8).*

Este texto é breve e preciso; de facto, ele não contém muito mais que uma enumeração dos factos: as principais aparições do Ressuscitado. Paulo transmite o que ele próprio recebeu aproximadamente dez anos após os acontecimentos. Nomeia as testemunhas, algumas delas pelos seus nomes, e faz notar que muitas delas estão ainda vivas. Podem, pois, certificar-se junto delas. As principais testemunhas, Pedro e Tiago, ele próprio as visitou em Jerusalém e conversou com elas. Ele, foi, pois, informado em primeira mão. O texto é tão ponderado e preciso, tão objectivo e tão curto, que é difícil imaginar nele impostura, história inventada ou manipulação. *“Quem quiser pôr em dúvida a sinceridade deste texto tem que pôr em dúvida quase tudo o que é contado no Novo Testamento, e mais ainda que isso”* (H. von Campenhausen, citado por Zahrnt).

#### **Os relatos das aparições**

Os relatos das aparições de Jesus são certamente mais recentes que o texto de Paulo. Eles manifestam também a intenção de esclarecer certos traços do Ressuscitado. Os autores querem sobretudo salientar a objectividade das aparições (os discípulos não as imaginaram) e o facto de que o corpo de Jesus era um corpo verdadeiro. São, pois, observações coloridas por um testemunho de fé; mas esta coloração tem limites muito estritos. Observa-se uma grande reserva nas descrições. O próprio acontecimento da ressurreição não está, aliás, descrito em parte alguma, a não ser nos evangelhos apócrifos, nomeadamente no de Pedro. Os evangelhos autênticos poupam-nos todas as fantasias. O seu interesse baseia-se unicamente no facto da ressurreição, e não no seu “como”.

Por vezes, observa-se que os relatos das aparições são tão diferentes uns dos outros, contraditórios mesmo, que é impossível harmonizá-los num relato coerente dos acontecimentos. É verdade. Mas isto não significa necessariamente que o facto da ressurreição seja falso. Em todo o caso, os autores não se puseram de acordo para redigir a mesma narrativa. Os historiadores são, aliás, de opinião que as narrativas que estão demasiado de acordo entre si não são, a maior parte das vezes, senão cópias, e que o valor convincente está nelas diminuído; ao contrário, o facto de que as narrações não se completam senão



imperfeitamente seria mais uma prova de independência dos escritores em relação uns aos outros, uma garantia da sua sinceridade e da sua veracidade.

Ao examinar de perto o relato das aparições, é igualmente difícil aceitar que os discípulos as tenham puramente imaginado. Em todos encontramos um elemento de surpresa (não se esperava Jesus, Ele apareceu de repente); no começo da aparição, há sempre dúvida, para não dizer incredulidade.

### O túmulo vazio

Que dizer do túmulo vazio? Nos nossos dias, é de bom tom ver nisso pura e simplesmente uma fábula. Em geral, esvaziam-no num abrir e fechar de olhos. Não é histórico! Mesmo se se descarta o facto de que o túmulo vazio pertence à tradição primitiva da Igreja, é preciso apelar ao bom senso. Jesus foi crucificado em Jerusalém e toda a cidade o soube; era, aliás, a Páscoa e muitas pessoas passaram pelo Gólgota, justamente à entrada da cidade; todo Jerusalém falava disso. Ora, pouco tempo depois, formou-se um pequeno grupo de discípulos que pretendia que este Jesus não ficou em poder da morte. Não seria natural que muitas pessoas tivessem a ideia de ir visitar o túmulo? Aliás, vestígios desta reacção estão ainda descritos nos evangelhos. Se, de facto, o cadáver de Jesus se encontrasse ainda no túmulo, talvez o anúncio da Sua ressurreição não tivesse sido impossível mas teria sido junto do povo simples pelo menos uma empresa particularmente crítica e sem grande sucesso.

*“Quando se examina tudo o que deve ser examinado”, diz H. Von Campenhausen, “não se pode de maneira nenhuma deixar de lado a informação respeitante ao túmulo vazio nem a sua descoberta na manhã de Páscoa. Os argumentos em seu favor são numerosos, e não há nada de determinante ou de certo contra ele. O túmulo vazio é, pois, aparentemente histórico”.*

É, no entanto, evidente que o túmulo vazio não prova o facto da ressurreição. Isto leva-nos a dizer: passou-se aqui algo de insólito. Os discípulos fizeram desaparecer em segredo o corpo? Alguns dirão certamente: já os judeus o tinham feito constar. Mas podia ser que se tratasse do que diziam os discípulos na sua própria estupefacção: o corpo de Jesus foi glorificado, entrou numa existência nova e imortal. Alguns dirão, no entanto, que o túmulo vazio não era necessário, que Jesus podia ressuscitar estando o túmulo ocupado. Mas a questão não

é saber o que era possível ou necessário; a questão é: que aconteceu na realidade?

Todos estes dados – a mudança radical do estado de espírito dos apóstolos, a sua pregação unânime, o túmulo vazio – são sinais históricos que podem ser comprovados. Eles levantam questões, principalmente esta: qual é o sentido destes dados? O descrente responderá: “*Não tenho dúvidas em crer que a resposta ‘Jesus ressuscitou verdadeiramente’ se impõe absolutamente*”. Efectivamente, os factos não conduzem forçosamente ao acto de fé como, num silogismo, as premissas levam à conclusão. A fé apoia-se na graça de Deus e na submissão livre do homem.

Quanto àquele que crê, ele dirá com justiça: não falo no ar ou de maneira irresponsável, quando digo que o Senhor ressuscitou. Porque estes factos pedem uma explicação e a mais plausível de todas elas é e continua a ser aquela que deram as primeiras testemunhas: “*Jesus ressuscitou*”. A fé não é racional, mas é razoável.

À ressurreição de Jesus está ligada à nossa. Ele é o primogénito dos mortos, e, se Cristo ressuscitou, também nós ressuscitaremos. É por isso que podemos dizer no fim do Credo: “*(creio) na ressurreição da carne, na vida eterna*” (**Símbolo dos Apóstolos**). Dizemos “creio” porque tudo isto é objecto de fé e de esperança, não de saber nem de visão.

(Cardeal Godfried Danneels, *Para além da morte*)

#### **Ouçamos Roger Garaudy:**

A meditação sobre a morte é uma reflexão sobre a vida, sobre a sua realidade profunda e o seu sentido.

Penso. Amo. Crio. Estes são os materiais da vida e da morte. Surgem em mim sem que eu os domine.

Penso. Este pensamento não é meu. O mundo pensa-se a si próprio em mim.

Amo. Este amor não é meu. O outro ama-se a si próprio em mim.

Crio. Esta criação não é minha. Deus cria em mim [...]

A criação cria-se em mim. Talvez que esta seja a experiência vivida mais irrecusável da “presença de Deus”. Talvez que dizer: “creio em Deus” signifique que tenho consciência de que a criação prossegue em mim, através de mim, exigindo o meu esforço, o meu pensamento, o meu sacrifício. Participo na criação. Só me defino plenamente como homem por esta participação.

## A VENHAM VER

A criação é a forma suprema desta participação numa ordem de existência que foge à morte, transcendendo-a. O pensamento e o amor são apenas momentos seus [...]

Deus pensa, ama, reza, cria em mim.

Deus morre em mim, comigo, quando já não tenho força para ser outra coisa e mais do que aquilo que o conjunto das condições da minha vida me determinaram ser, quando a minha vida já não tem esta dimensão de transcendência, quando já não consigo criar novos possíveis, novos projectos; já não consigo viver uma nova experiência; quando me fecho ao amor e me recolho e me isolo no individualismo, quando assim aceito *ser menos* para *ter mais*, quando deixo de ser criador, poeta ou profeta, para me encarcerar numa forma adquirida. Então, eu vivo o abatimento das situações sem esperança.

Como não crer na ressurreição, a de Cristo e a minha – que estão indissolivelmente ligadas, como nos diz S. Paulo – quando surgem e desabrocham, como botões na Primavera, em Páscoas eternas, este regozijo do projecto novo e da acção, esta juventude infinita de amor, este êxtase da criação? Como não celebrar jubilosamente este Deus do amor e da morte, este Cristo das Beatitudes, da Cruz e da Ressurreição?

Esta criação não é minha. Deus cria em mim.

(Roger Garaudy, *Palavra de Homem*)

### A PURA FACE

Como encontrar-Te depois de ter perdido  
Uma por uma as tardes que encontrei  
O ser de todo o ser de quem nem sei  
Se podes ser ao menos pressentido?

Não busquei no reino prometido  
Da terra nem na paixão com que eu a amei  
E porque não és tempo não Te dei  
Meu desejo pelas horas consumido

Apenas imagino que me espera  
No infinito silêncio a pura face  
Pr'além de vida morte ou Primavera  
E que a verei de frente e sem disfarce

Sofia de Mello Breyner, *Obra Poética*

**COMPLEMENTO: OS SACRAMENTOS DA ORDEM E DO MATRIMÓNIO**

Os sacramentos da Ordem e do Matrimónio são os sacramentos do serviço.

**A Ordem**

A Ordem é o sacramento graças ao qual a missão confiada por Cristo aos Apóstolos continua a ser exercida na Igreja, até ao fim dos tempos; é, portanto, o sacramento do ministério apostólico. E compreende três graus: o episcopado, o presbiterado e o diaconado.

*Catecismo da igreja Católica, n.º 1536*

**Ouçamos D. José Policarpo:**

No Evangelho de S. Lucas diz-se que, na Sinagoga de Nazaré, depois de Jesus se ter autoproclamado Messias, *“estavam postos em Jesus os olhos de quantos se encontravam na Sinagoga”*. Queridos padres, dois mil anos depois, de certo modo, aplicam-se a nós estas palavras do Evangelho. Não tenhamos ilusões, estão postos em nós os olhos não apenas da Sinagoga, mas da Igreja e do mundo. Estão postos sobre nós os olhos dos crentes, que vêm em nós os seus pastores e que esperam de nós aquilo que só Cristo lhes pode dar, através do nosso sacerdócio: a palavra do Evangelho, proclamada com autenticidade e convicção, que converte, ilumina a vida, os guia no discernimento dos caminhos da fidelidade; o perdão dos pecados, a consolação dos aflitos, o difundir da caridade, solidificando a comunhão, ensinando-os a tudo orientar para a Eucaristia, a que presidimos em nome de Cristo e que conosco oferecem a Deus.

(D. José Policarpo)

Ora bem, para identificar os movimentos do Espírito na nossa vida, achei conveniente recorrer a quatro palavras: tomado (ou escolhido), abençoado, partido e dado. Estas palavras resumem a minha vida de sacerdote, porque todos os dias, quando me reúno à volta da mesa com os membros da minha comunidade, tomo o pão, abençoo-o, parto-o e dou-o. Estas palavras resumem também a minha vida como cristão, porque, como tal, sou chamado a ser pão para o mundo: pão que é tomado, abençoado, partido e dado. Todavia, mais importante ainda é que estas palavras resumem a minha vida como ser humano, porque, a todo o momento, algures, de alguma forma, o tomar, o abençoar, o partir e o dar estão a acontecer.

*Henri Nouwen, Viver é ser amado*



## O Matrimônio

O pacto matrimonial, pelo qual o homem e a mulher constituem entre si a comunhão íntima de toda a vida ordenada por sua índole natural ao bem dos cônjuges e à procriação e educação da prole, entre os batizados foi elevado por Cristo Nosso Senhor à dignidade de sacramento.

*Código de Direito Canônico, can.1055, § 1*

Cristo fica com eles, dá-lhes a coragem de O seguirem tomando sobre si a sua cruz, de se levantarem depois das quedas, de se perdoarem mutuamente, de levarem o fardo um do outro, de serem submissos ao amor de Cristo e de se amarem com um amor sobrenatural, delicado e fecundo. Nas alegrias do seu amor e da sua vida familiar, Ele dá-lhes, já neste mundo, um antegosto do festim das núpcias do Cordeiro.

*Catecismo da Igreja Católica, n.º 1642*

Mas Deus não criou o homem solitário: desde a origem, “*Ele criou-os homem e mulher*” (Gn 1, 27). Esta sociedade do homem e da mulher é a primeira expressão da comunhão das pessoas, porque o homem, por força da sua natureza profunda, é um ser social e, sem relações com os outros, não pode viver nem desenvolver as suas qualidades.

*(Gaudium et Spes 12, 4)*

A Aliança conjugal tem origem no Verbo eterno de Deus. N’Ele foi criada a família. N’Ele a família foi eternamente pensada, imaginada e realizada por Deus.

*Papa João Paulo II, Encontro Mundial com as Famílias, Rio de Janeiro*

***PISTAS para reflexão em casal:***

**Nós aceitamos a Ressurreição de Jesus pela fé, com humildade e com alegria. A Ressurreição de Jesus é um triunfo sobre a morte e a descoberta de novos horizontes para a humanidade inteira.**

**Vejamos até que ponto na nossa vida conjugal, Cristo Ressuscitado está presente. A sua ressurreição ajuda-nos a superar as nossas limitações e os nossos egoísmos? No nosso diálogo, Cristo ressuscitado é o vencedor?**

**O nosso matrimónio tem sido para nós uma verdadeira celebração?**

***Relembremos:***

**REUNIÕES DE CAFÉ**

Este mês sugerimos uma especial atenção às reuniões de café. Estas reuniões intercalares são uma excelente oportunidade para se prolongar a entreajuda entre os elementos da equipa, sem um programa pré-determinado, podendo ser um simples encontro ou um complemento à reunião mensal da equipa. Estas reuniões, tal como o nome indica, realizam-se, normalmente, após o Jantar.

**A.2 - Sugestões para os PONTOS CONCRETOS DE ESFORÇO**

**• Escuta da Palavra de Deus**

As Escrituras inspiradas como são por Deus, e exaradas por escrito de uma vez para sempre, continuam a dar-nos imutavelmente a palavra do próprio Deus e fazem ouvir a voz do Espírito Santo através das palavras dos profetas e dos apóstolos.



Passagens da Bíblia que podem ser lidas ao longo do mês:

Jo 2, 5; 21, 7; Act 2, 33-36; 10, 36; Rm 10, 9; 1 Cor 12, 3; Fl 2, 9-11.

Outras leituras recomendadas:

- *Catecismo da Igreja Católica*, n.ºs 671-672;
- *A missão de Cristo Redentor (Redemptoris Missio)*, n.º 10, João Paulo II;
- *Carta Pastoral: Jesus Cristo, Nosso Salvador e Senhor* (1996), Conferência Episcopal Portuguesa;
- *Homem Amável, Deus Adorável*, Cardeal Godfried Danneels, CEP – Patriarcado de Lisboa, 1995;
- *Eis-me aqui, Senhor*, Cardeal Godfried Danneels, CEP – Patriarcado de Lisboa, 1999;
- *Jesus de Nazaré, quem és tu?*, Joaquim Carreira das Neves.

## ORAÇÃO

Bate a meia-noite.  
O meu Senhor ressuscitou!  
Aleluia! Aleluia! Aleluia!  
O meu Deus já não está no túmulo:  
Ele ressuscitou como havia dito!  
Adorava eu diante desta pedra fria  
e o meu Deus já lá não está ...  
Chorava encostado ao sepulcro  
e o meu Deus já lá não está ...  
Tinha vindo chorar debaixo destas árvores,  
sob a luz fria de uma lua branca ...  
Vim chorar o meu Senhor morto,  
sepultado aqui e muito amado ...  
Ele já não está morto,  
Ele já não está sepultado



Ele já não está no jardim,  
Ele não mais está junto destas árvores sombrias ...  
Ele está vivo para sempre ...  
Aleluia! Aleluia!  
O meu Senhor ressuscitou! Aleluia!  
O meu Amado ressuscitou! Aleluia!  
O meu Deus ressuscitou! Aleluia!  
Aquele que eu chorava morto, está vivo para sempre! Aleluia!  
Ó branca lua, brilhai!  
Ó fria lua, abrasai os nossos corações!  
Ó lua, dai luz como sete sóis!  
Ó noite, desaparecei!  
Sombras, apagai-vos!  
A Luz Eterna despontou!  
Sede bendito! Sede bendito! Sede bendito!  
Santo, santo, santo!  
Bendito seja o Senhor! Aleluia!  
A luz de Cristo brilha, a noite ilumina-se,  
a noite resplandece, Cristo ressuscitou!  
Aleluia! Aleluia!

Charles de Foucauld

• **Meditação** (Oração Pessoal)

Jesus ora ao Pai com afecto, bendiz, agradece, exorta e consola.  
Nós também podemos dirigir-nos ao Pai com estes sentimentos cheios de sinceridade e amor.

Na oração pessoal, ao longo do mês, ir descobrindo e reflectindo, com base nas leituras e confrontando com as nossas atitudes, qual a importância que damos a Jesus e ao seu Evangelho na nossa vida pessoal, familiar, profissional e social. Reflectir sobre o que Jesus pensaria, diria e faria se estivesse no nosso lugar, nas diferentes situações que nos vão surgindo.



• **Oração Conjugal/Familiar**

*Em casal:*

Agradecer todas as alegrias que temos tido quando, efectivamente, fazemos o que Ele nos diz; louvar o Senhor pela Sua presença fiel ao nosso lado.

*Em família:*

Ao longo do mês, pedir ao Senhor que nos ajude a segui-l’O como modelo.

• **Dever de se Sentar**

Comecemos o Dever de se Sentar com a leitura do Texto de Meditação (B.2.), seguido de oração partilhada.

*“E todo aquele que está vivo e acredita em Mim, nunca mais há-de morrer.”*

Acreditamos nós, verdadeiramente nisto? Que é para nós a ressurreição?

Aceitar o outro tal como ele é ...

• **Regra de Vida**

Fazer o balanço da Regra de Vida do mês anterior.

Após o Dever de se Sentar, certamente que surgiram propósitos de mudança. Cada um poderá então definir a sua Regra de Vida, que o ajudará numa verdadeira conversão para Deus.

A Regra de Vida ajuda-nos a não estagnar na nossa vida espiritual e humana.

*A Regra de Vida, documento das ENS*

• **Retiro**

Será que já foi publicado o calendário de retiros deste ano?

Vamos a um Retiro cada um por causa de si próprio, e vamos juntos pelo casal. Para reavivar as nossas razões de amar como Cristo e as nossas razões de nos amarmos em Cristo.

*O Retiro Espiritual, documento das ENS*

## B - REUNIÃO DA EQUIPA

### B.1 - REFEIÇÃO em comum

### B.2 - ORAÇÃO

- **Texto** de Meditação: Jo 11, 17-27

*Ao chegar a Betânia, Jesus teve conhecimento que Lázaro já estava sepultado há quatro dias. Betânia fica a uns três quilómetros de Jerusalém. E muitos judeus foram ver Marta e Maria para as consolar da morte do irmão. Quando Marta soube que Jesus estava a chegar, foi ao seu encontro. Entretanto Maria ficou sentada em casa.*

*Marta disse a Jesus: “Senhor, se cá estivesses, meu irmão não tinha morrido. Mas também sei que Deus Te concede tudo quanto pedires.” Disse-lhe Jesus: “Teu irmão há-de ressuscitar.” “Eu sei”, respondeu ela. “No último dia, quando todos ressuscitarem, também ele há-de ressuscitar para a vida.”*

*Jesus então declarou-lhe: “Eu sou Aquele que dá a ressurreição e a vida. O que acredita em Mim, mesmo que morra, há-de viver. E todo aquele que está vivo e acredita em Mim, nunca mais há-de morrer. Crês tu nisto?” Marta respondeu: “Sim, Senhor! Eu creio que Tu és o Messias, o Filho de Deus, aquele que havia de vir ao mundo.”*

Após a leitura do texto e um breve silêncio, seguem-se: **Oração Partilhada, Intenções e Oração Colecta.**

### B.3 - PARTILHA dos Pontos Concretos de Esforço

Viver a comunhão na Partilha é sair de si mesmo, é escutar com a mente e o coração, é o equilíbrio entre a aceitação e a exigência.

Aceitando as dificuldades de cada um, como nos incentivamos uns aos outros a **ir mais longe?**

## **B** *VENHAM VER*

### **B.4 - PÔR EM COMUM**

Apresentando aspectos concretos da nossa vida do dia a dia, deixemos que os outros membros da nossa equipa nos conheçam melhor.

Que é que hoje já conhecemos uns dos outros? Sentimos que este conhecimento nos tem aproximado mais?

### **B.5 - Discussão do TEMA**

Cada casal pode começar por apresentar os pontos da sua reflexão que decidiu trazer para a Reunião da Equipa.

Conscientes de que estamos reunidos em nome de Cristo, podemos reflectir sobre:

*A Ressurreição de Jesus é um elemento fundamental da nossa fé.*

Se assim é, que consequências práticas tem a Ressurreição de Jesus nas nossas atitudes, nas nossas vidas? E na nossa vida de equipa?

### **B.6 - MAGNIFICAT**

(Ver oração na contracapa).

# REUNIÃO V

## CREIO NO ESPÍRITO SANTO

---

Anúncio: **A Efusão do Espírito Santo**  
Aprofundamento: **Creio no Espírito Santo**  
Complemento: O Sacramento da **Confirmação**

---

### A - VIVÊNCIA DURANTE O MÊS

#### A.1 - TEMA

##### ANÚNCIO: A EFUSÃO DO ESPÍRITO SANTO

*“Porém, receberão o poder do **Espírito Santo** que descera sobre vós, e serão minhas testemunhas em Jerusalém, por toda a Judeia e Samaria, e até aos lugares mais distantes do mundo. Depois de dizer isto, foi elevado ao Céu, à vista deles, e uma nuvem encobriu-O, de modo que já não O viram mais” (Act 1, 8-9).*

*“Quando chegou o dia da festa de Pentecostes, estavam eles todos reunidos no mesmo lugar. De repente, veio do Céu um barulho, como o de um vento forte, que ressoou por toda a casa onde se encontravam. Apareceu-lhes então uma espécie de línguas de fogo, que se espalhavam e desciam sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar outras línguas, conforme o Espírito Santo lhes inspirava” (Act 2, 1-4).*

A vinda (efusão) do Espírito Santo mudou totalmente as coisas para os apóstolos. Conheceram verdadeiramente a pessoa e a missão de Jesus, bem como os seus ensinamentos. Transformou os seus corações, tornando Jesus o centro das suas vidas. Agora têm os mesmos interesses, critérios e objectivos de Cristo. Começaram a testemunhar com palavras e obras poderosas (*cf.* Act 4, 30-31). Corajosos no sofrimento, glorificam a Deus (*cf.* Act 5, 41). Assim nasce a Igreja (*cf.* Act 2, 40-41).

***Em que momentos sinto o Espírito de Cristo a viver em mim?***



“E Eu rogarei ao Pai e Ele vos dará outro Consolador, para estar convosco para sempre, o Espírito da Verdade, que o mundo não pode receber, porque não O vê nem conhece, mas que vós conheceis, porque habita convosco e está em vós”.

Jo 14, 16-18

## APROFUNDAMENTO: CREIO NO ESPÍRITO SANTO

### A missão do Espírito Santo

Dirigimo-nos muitas vezes ao Pai ou a Jesus. Então e o Espírito? Não podemos crer no Pai e no Filho sem acreditar, ao mesmo tempo, e num mesmo movimento, no Espírito: «Com o Pai e o Filho, é adorado e glorificado», diz o Credo.

O Espírito é o próprio Deus. Ele tem a sua personalidade própria e a sua própria maneira de agir no mundo e na história. É sopro de vida. **Depois da ressurreição, torna Jesus presente.** Suscita os crentes, instrui-os e introduz-los na «verdade total»; é o seu «defensor», o seu «suporte» na perseguição.

**O Espírito Santo não nos remete para si próprio: faz-nos amar Jesus e volta-nos para o Pai,** põe-nos em relação uns com os outros, porque é fonte de comunhão. Com o Pai e o Filho, cria o universo e colabora na salvação de todos os homens.

Nós proclamamos que Ele é o Senhor e que dá a vida porque Ele é verdadeiramente o Espírito do Senhor ressuscitado.

**A invocação do Pai, do Filho e do Espírito Santo, acompanhada do sinal da Cruz, introduz toda a oração cristã.** É na fé expressa no Pai, no Filho e no Espírito Santo que nós rezamos. E como, no termo de uma conversa que nos marcou, sentimos necessidade de dizer «obrigado», também damos glória ao Pai que nos dá Seu Filho, ao Filho que Se nos dá a todos e ao Espírito Santo que habita em nós e nos faz conhecer o Pai e o Filho.

### Glória ao Pai e ao Filho e ao Espírito Santo.

Ao Deus que é, que era e que será, pelos séculos dos séculos. *Ámen.*

Nós não somos somente testemunhas exteriores desta relação que une as três Pessoas em um só Deus. Somos também a sua morada e vivemos no seio das suas relações.

«Se alguém Me ama ... Meu Pai o amará, nós viremos até ele, e nele faremos a Nossa morada» (Jo 14, 23).

É também o Espírito que ora em nós e nos faz exclamar «Pai», embora não sejamos dignos de ser chamados Seus filhos.

Depois da morte de Jesus, os Apóstolos tinham voltado para suas casas para esconder a sua desilusão. Depois da ressurreição, o Senhor prometeu-lhes o Espírito. O Pentecostes é para a Igreja uma experiência perturbante e libertadora: o dom do Espírito Santo traz-lhe a força para enfrentar o medo e a dúvida. Ele é acompanhado de sinais espantosos (conversões, milagres,...), mas também de sinais mais discretos, tais como a alegria, o amor fraterno e a coragem diante da perseguição.

**O Espírito é um dom permanente dado à Igreja.** Ele reenvia Jesus ressuscitado e faz-nos recordar tudo o que o Senhor nos disse (cf. Jo 14, 26).

No Pentecostes, os Apóstolos são rodeados pelos ouvintes vindos das mais diversas regiões. O facto de cada um os compreender na sua língua é um sinal da vocação universal da Igreja. Todos os povos se reuniram em Cristo. Este acontecimento é o ponto de partida da missão da Igreja: um dinamismo irresistível transforma um punhado de homens desiludidos pela condenação à morte do seu mestre em mensageiros que enfrentam alegremente todos os perigos da sua missão.

Em cada um dos Apóstolos manifestam-se dons novos para anunciar a salvação. Dom de falar, dom de curar e ainda muitos outros. Os mais “espectaculares” não são necessariamente os mais importantes. Se os diversos dons geram uma rivalidade entre os cristãos, então deixam de ser um dom de Deus. Eles afastaram-se do seu objectivo: já não servem a unidade. Fazem o jogo do espírito de divisão manobrando sempre no mundo e na Igreja.

*“Mas eis os frutos do Espírito: Amor, alegria, paz, paciência, bondade, benevolência, fé”* (Gal 5, 22).

**A obra do Espírito é, sem dúvida, quase sempre silenciosa,** mas deixa-se conhecer de uma maneira espantosa na coragem dos mártires e na capacidade de renascimento da Igreja, quaisquer que sejam as crises da história ou os regimes aos quais ela está submetida.

**Pelo baptismo e pela confirmação, tornámo-nos na morada do Espírito e no fermento que leveda a massa.** É pelo Espírito que Deus está connosco, «mais íntimo a nós que nós próprios» (Santo Agostinho), mas é também através dele que intervém na história

## A VENHAM VER

“O Espírito sopra onde quer” (Jo 3, 8). Ele age na Igreja através da Palavra de Deus e dos sacramentos, mas fala também através de todo o homem de boa vontade. Ele renova a face da terra tal como o interior do homem [...]

Nós dizemos que toda a Escritura é santa e «inspirada». Isso significa que os autores desses livros escreveram porque Deus os escolheu e os colocou sob a dependência (inspiração) do Espírito Santo. Todavia, cada um escreveu segundo os seus talentos e limitações, com géneros literários diversos, com a mentalidade e a cultura do seu tempo. Estas palavras de homens são, ao mesmo tempo, palavra de Deus.

Dia após dia, a Igreja tem na Santa Escritura a sua fonte. Ela aí encontra a graça e a coragem da oração, da luta e do perdão. Nas Escrituras o Espírito Santo fala-nos: “*Hoje não fecheis o vosso coração*” (Sl 94, 8). E Ele santifica-nos quando acolhemos a Palavra com fé.

**Os cristãos têm, pois, um intérprete que lhes traduz a Escritura viva e actual.** É o Espírito Santo, a propósito de quem Jesus proclamava: «Ele vos fará compreender tudo aquilo que Eu vos tenha dito». Sem Ele a Escritura seria letra morta e a Igreja sem alma.

A tradição recebida dos Apóstolos é seguida na Igreja sob a acção vivificante do Espírito. Ela é melhor percebida e compreendida porque o povo de Deus a vive, a estuda e a medita no seu coração (*cf.* Lc 2, 19 e 54) e porque ela é transmitida por aqueles que, enquanto sucessores dos Apóstolos, receberam «um carisma indubitável de verdade» (*Dei Verbum*, 8). Assim o Espírito encaminha a Igreja para a plenitude da Verdade.

### Os sinais dos tempos

Os sinais dos tempos são, à luz da fé, um anúncio do Reino que há-de vir. Estes sinais revelam a presença de Cristo no meio de nós. O Espírito faz-nos conhecê-lo e descobre-nos a Sua presença em todo o gesto de ternura, em todo o acto de justiça, em todo o grito de sofrimento e de desespero. A história está cheia da presença de Cristo. Mas ela é também manobrada por forças contrárias. É na fé que o crente distingue a interpelação do Espírito através dos acontecimentos: mudança da sociedade, descobertas científicas, especialmente na biologia, técnicas avançadas, crise económica, ânsia de justiça, promoção da mulher, fenómeno das seitas, diálogo islamo-cristão ou cristãos-marxistas, desemprego dos jovens, diálogo Norte-Sul, Este-Oeste ...

Todos estes acontecimentos requerem ser considerados, por igual, na sua realidade histórica, social, económica e científica; mas eles não se reduzem à única dimensão que as ciências descrevem. **É direito e dever moral de todos os homens discernir onde está o bem e o mal, à luz da sua consciência.** O Espírito Santo actua em todo o homem ou mulher de boa vontade, que forma a sua consciência e lhe obedece. A fé cristã ilumina cada coisa de uma maneira nova e orienta a nossa inteligência para as soluções que respondem plenamente à vontade de Deus relativamente à vocação humana.

*Croire*, documento das ENS

... O Espírito Santo, sendo único, com uma única maneira de ser e indivisível, distribui por cada um a graça como Lhe apraz. E assim como a árvore ressequida, ao receber a água, produz novos rebentos, assim também a alma pecadora, ao receber do Espírito Santo o dom do arrependimento, produz frutos de justiça. O Espírito tem um só e o mesmo modo de ser; mas, por vontade de Deus e pelos méritos de Cristo, produz efeitos diversos.

Serve-Se da língua de uns para comunicar o dom da sabedoria; ilumina a inteligência de outros com o dom de interpretar as divinas Escrituras. A uns fortalece-os na temperança, a outros ensina-lhes a misericórdia; a estes inspira a prática do jejum e os exercícios da vida ascética, e àqueles a sabedoria nas coisas temporais; a outros prepara-os para o martírio. Enfim, manifesta-Se de modo diferente em cada um, mas permanece sempre igual a Si mesmo, como está escrito: A cada um é dada a manifestação do Espírito para o bem comum.

Das catequeses de S. Cirilo de Jerusalém, bispo, séc. IV

Assim como a palavra, que está no nosso espírito, umas vezes permanece como simples pensamento do coração e outras vezes é proferida pelos nossos lábios, assim também o Espírito Santo, que habita em nós, umas vezes dá testemunho ao nosso espírito e exclama em nossos corações “*Abba*”, *Pai*, e outras vezes fala por meio de nós, conforme o que foi dito: *Não sois vós que falais, mas sim o Espírito do Pai que fala em vós.*

Do Livro de S. Basílio Magno, bispo, séc. IV

**Ouçamos o Cardeal Godfried Danneels:**

Na maioria das vezes, o Espírito age no coração dos homens de maneira pouco espectacular. Na maior parte do tempo, ele dá-nos frutos «normais». «São tão normais», acrescenta o catecismo Holandês, «*que em toda a parte estão no seu lugar, na cozinha e na sala, na escola e na oficina ... Assim, o Espírito Santo está presente nesta realidade “mais vulgar”, o amor cristão, porque no mundo não há nada maior ... Poderia acrescentar-se à lista (de Paulo) uma descrição de toda a vida cristã: a fidelidade escondida, a bondade desinteressada (toda uma vida consagrada aos doentes), o dever cumprido sem discursos inúteis (a mãe de família), a confiança inabalável do pecador de que Deus é maior do que o seu próprio coração, e depois a constância na tentação, o serviço caloroso para com um vizinho em dificuldades, o verdadeiro amor de Deus, a perseverança ardente na oração, a paciência na dor, a alegria de uma consciência em paz. É esta a obra do Espírito hoje*».

Deve-se, além disso, lembrar que o Espírito de Deus não age contra a nossa inteligência, não força o nosso temperamento para construir sobre aquilo a que se poderia chamar as ruínas da nossa natureza. Quando o Espírito trabalha, é quase sempre no prolongamento dos dons que já são nossos. É raro um homem manso e tímido transformar-se num lutador indomável. Isto não é de admirar, uma vez que o Espírito Santo e os nossos dons «naturais» provêm da mesma fonte: a generosidade do Pai. Dificilmente poderiam estar em oposição.

(Cardeal Godfried Danneels, *O fogo do Espírito*)

Nos dias que precedem o Pentecostes, os discípulos de Jesus reúnem-se em Jerusalém. Meditam sobre as palavras e sobre os gestos por Ele realizados e a Ele se unem em íntima oração. “*Estavam presentes e participaram da oração também algumas mulheres, entre as quais Maria, mãe de Jesus, e Seus irmãos*” (Act 1, 14).

Antes de anunciarem o Evangelho ao mundo, terão de se abandonar ao poder de Deus, sustentáculo da sua impotência. O Espírito de Ressuscitado que Se derramará sobre eles fê-los-á testemunhas da vida de Jesus e da Sua ressurreição. Sem esta entrega incondicional ao Espírito, nunca teriam estado, por causa da sua pobreza, à altura da missão a que eram chamados.

Só deixando-se encher pelo poder do Espírito será possível compreender o projecto de Deus que vai actuando na história, fazê-lo seu e testemunhá-lo. (Senhor, a quem iremos?, Catecismo Católico para Adultos)

COMPLEMENTO: O SACRAMENTO DA CONFIRMAÇÃO

Pelo sacramento da Confirmação, os batizados são mais perfeitamente vinculados à Igreja, enriquecidos com uma forma especial do Espírito Santo e, deste modo, ficam obrigados a difundir e defender a fé por palavras e obras, como verdadeiras testemunhas de Cristo.

*Catecismo da Igreja Católica, n.º 1285*

Batismo e Confirmação são muito próximos; dir-se-ia que a segunda é o prolongamento do primeiro. A Confirmação confirma, corrobora o que o Batismo deu. Completa-o.

No Batismo recebemos praticamente tudo, como uma criança ao nascer. Ela tem inteligência, vontade, coração e imaginação. De facto, nada lhe falta, mas, por enquanto, tudo está adormecido. Mais tarde, tudo isso há-de despertar, e a criança poderá pensar, querer, sentir e imaginar. Do mesmo modo, o batizado já é plenamente cristão, mas ainda uma “criança”: a Confirmação fará dele um adulto.

O batizado assemelha-se a um veleiro munido de todo o equipamento necessário: casco e leme, mastro e velas. Mas continua amarrado, imóvel junto ao cais. Só quando se levantar o vento da manhã de Pentecostes é que tudo se põe a funcionar. As velas vão-se enfunar, e depois é só pilotar e navegar.

*(Cardeal Godfried Danneels, O Jardim das Sete Fontes)*

***PISTAS para reflexão em casal:***

**O Espírito Santo acompanha-nos em todos os momentos da nossa vida, é Ele quem nos conduz.**

**Quais são os dons que o Espírito deu a cada um de nós? Como os temos posto a render? Como os temos oferecido um ao outro? Em que momentos da nossa vida sentimos mais fortemente a Sua presença?**

**Já recebemos o sacramento da Confirmação? O que é que ele representa para nós, hoje?**



**Relembremos:**

**LIGAÇÃO E ACTIVIDADES DAS ENS**

Este mês sugerimos uma especial atenção à Ligação e às Actividades propostas pelo Movimento. O casal de ligação é o veículo apropriado para facilitar a entreaajuda entre as equipas e destas com o sector e todo o Movimento, pelo testemunho e informações de que é portador.

O casal responsável da equipa é o seu primeiro interlocutor mas toda a equipa deve conhecê-lo. Para facilitar este conhecimento a equipa escolhe a data de uma reunião e através do casal responsável formula o convite ao casal de ligação para estar presente.

A ligação funciona nos dois sentidos: da equipa para o Movimento e deste para a equipa.

O casal de ligação irá informando e lembrando as actividades propostas pelo Movimento. Deverá existir um especial incentivo aos casais para participarem na Sessão de Formação I, momento importante para todos os que nela participam.

**A.2 - Sugestões para os PONTOS CONCRETOS DE ESFORÇO**

**• Escuta da Palavra de Deus**

O Evangelho faz-nos entrar no mundo de Deus. Um mundo inesgotável, que nunca acabaremos de explorar. Mas sentimo-nos muitas vezes embaraçados para orientar esta exploração. Uma maneira de entrar no Evangelho é tomar um tema condutor. Podíamos, por exemplo, neste mês, procurar no Evangelho segundo S. João ou nos Actos dos Apóstolos tudo o que se diz do Espírito Santo e das nossas relações com Ele ...

*(Cartas Verdes, documento das ENS)*

Passagens da Bíblia que podem ser lidas ao longo do mês:

Jl 3, 1; Is 44, 3; Ez 11, 19-20; 36, 26-28; Mt 1, 18; 3, 11; 3, 16-17;  
Lc 3, 16; 24, 49; Jo 6, 63; 7, 37-39; 14, 15-31; 16, 5-15; Act 1,  
8-9; 2, 1-13; 2, 32-35; 2, 38; 10, 44-48; Rm 8, 9-17; 1 Cor 12, 11;  
Gl 3, 14; Fl 2, 1-2; Tt 3, 4-7.



Outras leituras recomendadas:

- *Catecismo da Igreja Católica*, n.ºs 683-747;
- *A missão de Cristo Redentor (Redemptoris Missio)*, n.ºs 87 e 92, João Paulo II;
- *Constituição dogmática sobre a Igreja (Lumen Gentium)*, n.º 4, Concílio Vaticano II;
- Carta Pastoral: *O Espírito Santo, Senhor que dá a vida* (1997), Conferência Episcopal Portuguesa;
- *Quando Digo Espírito Santo*, Abílio Pina Ribeiro, Paulinas;
- *O Fogo do Espírito*, Cardeal Godfried Danneels, CEP – Patriarcado de Lisboa, 1996.

## ORAÇÃO

Vinde, Espírito Santo, enchei os corações dos Vossos fiéis e acendei neles o fogo do Vosso Amor.

Enviai, Senhor, o Vosso Espírito e tudo será criado e renovareis a face da terra.

Ó Deus, que instruístes os nossos corações com as luzes do Espírito Santo, fazei que apreciemos tudo o que é recto e gozemos sempre da sua consolação.

Por Cristo Senhor Nosso.

Ámen.

Sem o Espírito Santo,  
Deus fica longe;  
Cristo permanece letra morta;  
a Igreja é uma simples organização;  
a autoridade é um poder;  
a Missão é propaganda;  
o culto, uma velharia,  
e o agir moral, um agir de escravos.

Mas, no Espírito,  
o cosmos é enobrecido pela geração do Reino;  
Cristo ressuscitado torna-se presente,  
o Evangelho faz-se poder e vida;  
a Igreja realiza a comunhão trinitária,  
a autoridade transforma-se em serviço;  
a liturgia é memorial e antecipação;  
o agir humano é divinizado.

Patriarca Atenágoras, Igreja Ortodoxa



• **Meditação** (Oração Pessoal)

A oração é um meio privilegiado de construirmos em nós “o homem espiritual”, isto é, de nos tornarmos dóceis e manejáveis a fim de que o Espírito Santo, habitando em nós, nos anime e finalmente consiga mover-nos. Por isso impõe-se, na nossa oração, implorar esse dom do Espírito e entregarmo-nos à sua acção. Recebemos o Espírito Santo no Baptismo. Por que não estamos cheios de entusiasmo e de ardor, como os apóstolos? Será que abafamos a acção do Espírito no nosso coração?

Henri Caffarel

Na oração pessoal, ao longo do mês, ir descobrindo e reflectindo, com base nas leituras e confrontando com as nossas atitudes, qual o papel do Espírito Santo na nossa conversão.

• **Oração Conjugal/Familiar**

*Em casal:*

Oremos para que os seus dons – amor, alegria, paz, paciência, bondade, benevolência e fê (Gl 5, 22) – sejam em nós derramados abundantemente.

*Em família:*

Para uma maior tomada de consciência da necessidade de nos abriremos ao Espírito do Senhor, iniciemos a nossa oração com a invocação do Espírito Santo (Vinde, Espírito Santo ...).

• **Dever de se Sentar**

Comecemos o Dever de se Sentar com a leitura do Texto de Meditação (B.2), seguido de oração partilhada.

*“Todos ficaram cheios do Espírito Santo”*

Cheios deste Espírito que é derramado sobre nós, que obras temos para apresentar ao Senhor?

Resolver os conflitos pelo diálogo.

• **Regra de Vida**

Fazer o balanço da Regra de Vida do mês anterior.

Após o Dever de se Sentar, certamente que surgiram propósitos de mudança. Cada um poderá então definir a sua Regra de Vida, que o ajudará numa verdadeira conversão para Deus.

Adoptar uma Regra de Vida ajuda cada um, na verdade, a aderir pessoalmente e de uma forma mais concreta ao projecto que Deus tem sobre si mesmo e sobre o casal.

*A Regra de Vida, documento das ENS*

• **Retiro**

O melhor é fazermos já a nossa inscrição para o retiro deste ano.

O Retiro é o sopro espiritual.

*O Retiro Espiritual, documento das ENS*



## **B - REUNIÃO DA EQUIPA**

### **B.1 - REFEIÇÃO em comum**

### **B.2 - ORAÇÃO**

- **Texto** de Meditação: Act 2, 1-4

*Quando chegou o dia da festa do Pentecostes, estavam eles todos reunidos no mesmo lugar. De repente, veio do céu um barulho, como o de um vento forte, que ressoou por toda a casa onde se encontravam. Apareceu-lhes então uma espécie de línguas de fogo, que se espalhavam, e desciam sobre cada um deles. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e começaram a falar noutras línguas, conforme o Espírito Santo lhes inspirava.*

Após a leitura do texto e um breve silêncio, seguem-se: **Oração Partilhada, Intenções e Oração Colecta.**

### **B.3 - PARTILHA dos Pontos Concretos de Esforço**

Com a Partilha pretendemos mais preparar o futuro do que re-criminarmo-nos com o passado.

Assim, para o mês que vem, quais os Pontos Concretos de Esforço que precisam de ser mais “trabalhados”? E as Atitudes (Vontade de Deus, Verdade e Encontro e Comunhão)?

### **B.4 - PÔR EM COMUM**

Apresentando aspectos concretos da nossa vida do dia a dia, deixemos que nos conheçam melhor.

Nos nossos tempos de lazer, como gostamos de ocupar o tempo?

**B.5 - Discussão do TEMA**

Cada casal pode começar por apresentar os pontos da sua reflexão que decidiu trazer para a Reunião da Equipa.

Conscientes de que estamos reunidos em nome de Cristo, podemos reflectir sobre:

- Qual o papel que o Espírito Santo desempenha na nossa vida espiritual?
- Como reconhecemos a intervenção do Espírito Santo na vida da Igreja?
- Como é que o Espírito Santo nos ajuda a ler os sinais dos tempos?

**B.6 - MAGNIFICAT**

(Ver oração na contracapa).

## **REUNIÃO VI**

### **CREIO NA IGREJA**

---

Anúncio: **A Comunidade**

Aprofundamento: **Creio na Igreja**

Complemento: **O Sacramento da Eucaristia**

---

### **A - VIVÊNCIA DURANTE O MÊS**

#### **A.1 - TEMA**

##### **ANÚNCIO: A COMUNIDADE**

Dos elementos principais da nossa fé, que temos vindo a propor nesta parte do tema como sugestão para cada mês, o último – a comunidade – é, por assim dizer, uma conclusão.

A nossa fé implica a inserção numa **comunidade** evangelizada, ajudando com o nosso contributo a que ela se torne também, e cada vez mais, evangelizadora.

«Aqueles que acolhem com sinceridade a Boa Nova, por virtude desse acolhimento e da fé compartilhada, reúnem-se, portanto, em nome de Jesus para conjuntamente buscarem o Reino, para o edificar e para o viver. Eles constituem uma comunidade também ela evangelizadora. A ordem dada aos Doze – “Ide e Evangelizai” – continua a ser válida, se bem que de maneira diferente, também para todos os cristãos. É precisamente por isso que S. Pedro chama a estes últimos “povo trazido à salvação para tornar conhecidas as maravilhas de Deus” (1 Pe 2, 9), aquelas mesmas maravilhas que cada um pôde alguma vez escutar na sua própria língua (cf. Act 2, 11). A Boa Nova do Reino que vem e que já começou, de resto, é para todos os homens de todos os tempos. Aqueles que a receberam, aqueles que ela congrega na comunidade da salvação, podem e devem comunicá-la e difundi-la ulteriormente.» (EN, n.º 13).

*Como tem sido para mim e para nós dois, esta caminhada em equipa?*

“Ide e Evangelizai”.

## APROFUNDAMENTO: CREIO NA IGREJA

Muitos dos nossos contemporâneos querem aderir à pessoa de Jesus, profeta em palavras e em actos. Mas à Igreja ...

Dúvidas, decepções, feridas, o fosso aparente entre a Igreja e Cristo, o peso dos ritos, as ambiguidades, os compromissos com o poder e o dinheiro, a hierarquia e o povo dos «fiéis» que o são tão pouco ... tantas provações e fraquezas, mas também tantos olhares e julgamentos intransigentes impedem a descoberta da verdadeira face da Igreja. Ela é, ao mesmo tempo, visível e invisível, humana e divina, Igreja terrena e Igreja rica de bens celestes.

«Se eu te observasse dia e noite, diz uma poetisa, se eu te seguisse por toda a parte para onde tu vais, se eu pudesse penetrar no coração dos teus pensamentos e do teu coração, ainda não te conheceria: eu não te conhecerei enquanto não te amar».

Amar a Igreja? Amá-la antes de a julgar? É ela que, através dos séculos, nos tem mantido na fé e nos tem gerado na alegria e na dor. É ela que nos tem alimentado. E quantos de nós crescemos no seu seio na ingratidão ou na indiferença?

Amar a Igreja porque Cristo a amou e Se entregou por ela; amar a Igreja, como Cristo a ama hoje, é trabalhar para que ela seja como Ele a quer [...]

Dos Doze, é Pedro quem recebe de Jesus – e não dos homens – a responsabilidade de fortalecer os seus irmãos na fé. Jesus instituiu-o como uma rocha de unidade: «Tu és Pedro e sobre esta pedra edificarei a minha Igreja e as portas do abismo nada poderão contra ela» (Mt 16, 18).

No Judaísmo e nas outras religiões, o discípulo escolhe o seu mestre: ele decide ir ter com ele. Entre Jesus e os discípulos, pelo contrário, tudo se passa de outra maneira. É Jesus que *chama*. O seu chamamento é gratuito e inesperado, mas tão insistente que provoca uma adesão livre, total e incondicional à sua pessoa. Este chamamento cria rupturas com as condições de vida anteriores porque os discípulos não são escolhidos para eles próprios, mas para serem enviados: «apóstolo» significa «enviado».

A Igreja que Jesus quer é aquela pela qual Ele morreu. Jesus devia morrer, não só pela nação judaica, mas para congregar na unidade todos os filhos de Deus dispersos. Reunir! Não numa massa informe e uniforme, mas num povo feito de pessoas diferentes e únicas aos olhos de Deus.

## A VENHAM VER

«Igreja» (em grego) significa a «*assembleia convocada*». A Igreja é convocada por Deus na unidade do Espírito. Deus quis a igreja à sua imagem e à sua semelhança: comunidade de amor e de pessoas como o próprio Deus. É Deus que a quer e no-la dá: a Trindade – um só Deus na comunhão das três Pessoas – trabalha para esta comunhão e é a sua origem.

A Igreja tem, pois, a sua origem e a sua fonte na Trindade. Quanto mais ela irradiar este grande mistério de amor, de respeito mútuo e de comunhão mais o sentido da Trindade nos será familiar e, de algum modo, nos envolverá.

A Igreja constrói-se com todos, em particular com os doentes, os refugiados, os pobres ou desorientados, quer dizer, com os mais desamparados. À primeira vista, parece que estes não têm nada a oferecer-nos. Na realidade são-nos dados por Cristo como Seus irmãos e é através deles que temos acesso a Cristo. Mesmo os que não sofrem privações, sofrem muitas vezes de uma outra pobreza: a de não ter nada para dar nem para receber ...

A comunhão entre «*ricos*» e «*pobres*» é essencial à Igreja, enquanto povo, onde Deus reúne pessoas de todas as idades, de todas as condições sociais e de todas as raças: pessoas que, normalmente, não seriam «*irmãos*» se não fossem filhos dum mesmo Pai.

A *família* cristã é, à imagem da Trindade, uma comunhão de pessoas diferentes. Eis porque o Concílio a olha como uma «*pequena Igreja*»: «*Igreja doméstica*». A sua vocação é ser um lar de amor, uma comunidade aberta, um sinal do Reino num mundo onde tantos homens, mulheres, crianças e velhos sofrem de solidão e de falta de afecto. Unidos pela graça do sacramento do matrimónio, os esposos sabem que o próprio amor de Deus lhes é transmitido para que, através das dificuldades da vida quotidiana, possam testemunhar a força d’Aquele que os une. Como a grande Igreja, a «*pequena Igreja*» toma parte no «*ministério da evangelização*». A Igreja realiza-se, sobretudo, em cada diocese pela comunhão de todas as comunidades entre si e à volta do seu Pastor: Cristo que o bispo torna presente.

Muitos dizem: «Por que é que é preciso um intermediário entre Deus e os homens?» Mas a Igreja não é um intermediário: ela é o corpo vivo de Cristo!

É vivendo situações concretas (expansão missionária, amor fraterno, divisões, heresias, perseguições, ...) que os Apóstolos e os evangelistas falam da Igreja como de um mistério revelado em Cristo e que nenhuma imagem pode exprimir totalmente: a Igreja é, ao mesmo

tempo, Vinha do Senhor, Esposa de Cristo, Corpo de Cristo, Templo do Espírito, Cidade Celeste. [...]

É o próprio Povo que constitui o verdadeiro «Templo do Espírito Santo»: este povo, constantemente reunido por Deus para ouvir a Sua Palavra e dar graças na Eucaristia, é enviado ao mundo para aí ser sinal da presença divina. Assim, a igreja-edifício é, apenas, sinal da presença de Deus na aldeia, ou no bairro. [...]

#### **Creio na Igreja una**

A unidade da Igreja universal realiza-se, então, na comunhão de todas as Igrejas locais entre si e com o sucessor de Pedro. Isto é tanto mais belo quanto cada Igreja local é marcada pela diversidade dos cristãos que a constituem.

Deus chama os seus fiéis a formarem um só povo. O ecumenismo é o movimento de reaproximação, suscitado pelo Espírito Santo, entre as diferentes Igrejas separadas pelos conflitos históricos e pelos mal-entendidos entre cristãos. As diversas Igrejas separadas continuam em busca desta unidade no Corpo de Cristo.

A unidade é, ao mesmo tempo, um apelo e um dom de Deus à sua Igreja. Não suprime a diversidade das sensibilidades no interior da única Tradição apostólica que os cristãos têm em comum. [...]

#### **Creio na Igreja santa**

A Igreja não é «santa» por estar acima da nossa condição de pecadores: é uma comunhão entre pecadores. Mas a santidade de Deus é resplandecente; comunica-se àqueles que se voltam para Ele.

A santidade não tem só a ver com o nosso comportamento moral ou religioso; é Deus que nos santifica. A santidade que o Espírito nos transmite no baptismo não é só um dom dado a cada um. Foi todo um Povo que entrou na Aliança com Deus pelo sangue de Cristo. Nele Deus uniu-se aos pecadores; pelo seu Espírito fez do que não era «um povo» (Rm 9,25) o seu Povo. Nem sequer todos os pecadores do mundo podem fazer falhar este plano divino de santificação da Igreja.

#### **Creio da Igreja Católica**

«*Católica*» não se opõe a protestante, ortodoxa ou anglicana. Esta palavra quer dizer «*universal*». [...] Desde o seu nascimento, no dia



de Pentecostes, ela abre-se a todas as raças, línguas, povos e nações. Os Actos dos Apóstolos têm prazer em citar todos estes recém-chegados: Partos, Medos, vêm de toda a parte. O pequeno grupo dos galileus, que eram os Apóstolos, foi completamente ultrapassado porque, através da sua pregação, o fogo do Espírito propagou-se aos quatro cantos do mundo.

Se a Igreja não é católica, não é mais do que um grupo fechado sobre si mesmo ou um partido de pessoas que se reúnem porque têm algo em comum. Ora, a Igreja que Deus suscita é chamada a abrir-se a todos e a tornar-se na comunidade de todos os homens em Cristo.

Ser católico é ter uma atitude de abertura, de não se fechar sobre si mesmo, no seu horizonte, nos seus hábitos e nas suas maneiras de pensar. É ter, em nome do Evangelho, a paixão de se interessar por todos, quaisquer que sejam as suas mentalidades, o seu meio, a sua cultura, porque sabemos que a Boa Nova se destina a todos os homens. Vivemos esta paixão em comunhão fraterna com todas as Igrejas.

#### **Creio na Igreja Apostólica**

Quando proclamamos que a Igreja é «*apostólica*» afirmamos que tudo o que nela há de essencial remonta a Cristo, através dos Apóstolos. Ainda hoje vivemos em comunhão com os Apóstolos através dos tempos e em todos os continentes. Esta fidelidade é garantida pela sucessão apostólica dos pastores, mas ela é também determinada por todo o povo de Deus unido aos seus pastores: de geração em geração, confessam juntos a fé dos Apóstolos na doutrina, nos sacramentos e na vida.

Se a Igreja tem uma tão grande preocupação pela pureza da fé e pelo aprofundamento da fé, é porque a fidelidade à pregação dos apóstolos é a garantia de que a Igreja é a Igreja de Cristo.

(*Croire*, documento das ENS)

#### **Igreja-sacramento**

Os Apóstolos, os discípulos, todos esses companheiros da vida de Jesus, homens e mulheres, os que conhecemos pelos evangelhos e aqueles cujo nome não consta deles, todas as primeiras testemunhas da Ressurreição fizeram esta experiência extraordinária: esse Jesus de Nazaré, com quem tinham percorrido as estradas da Palestina, encontravam-n'O agora duma maneira que lhes parecia insólita, durante essas aparições de que foram testemunhas. Esses homens e essas mu-

lheres fizeram juntos esta experiência de Cristo ressuscitado, partilhada fraternalmente, que os reúne em comunidade.

É, então, que, pouco a pouco, essas comunidades cristãs tomam o aspecto de Igreja. Nota-se que se tornam a Igreja, esse lugar da Aliança, portadora dos sacramentos, que mantém, na continuidade da história, os sinais pelos quais as primeiras testemunhas da Ressurreição puderam reconhecer o Ressuscitado.

Sobre este alicerce, Cristo edificou a Sua Igreja, apoiando-Se nos Apóstolos, enviando-os a baptizar todas as nações. Depois, toda a Igreja é sinal de Cristo. É neste sentido que se fala de Igreja-sacramento: por tudo o que ela é, por tudo o que ela faz, pela Palavra que anuncia, pelos sacramentos que celebra na sua liturgia, ela é sempre a mediação deste encontro dos homens com Deus.

*(Livre des Sacrements, Cartas Verdes)*

O lar cristão é o lugar onde os filhos recebem o primeiro anúncio da fé. É por isso que a casa de família se chama, com razão, "a igreja doméstica", comunidade de graça e de oração, escola de virtudes humanas e de caridade cristã.

*Catecismo da Igreja Católica, n.º 1666*

#### **Ouçamos D. José Policarpo:**

Deus criou os homens para constituírem, com Ele, uma única comunhão de amor. O pecado, enquanto ruptura de aliança, foi o maior desgosto de Deus. A humanidade dispersou-se, não na variedade mas na falta de unidade; a violência manchou a harmonia; o homem embriagou-se com as suas capacidades e o seu sucesso e construiu uma torre para chegar ao céu; os insensatos chegaram ao ponto de admitir, em seu coração, que Deus não existe.

Mas Deus não desistiu de ter, no meio dessa humanidade dispersa, um Povo que O reconhecesse e O amasse, selando e respeitando a aliança. Era um povo pequeno, os fiéis foram sendo cada vez menos a ponto de o próprio Senhor lhes chamar "resto fiel", que acabou por se concentrar num único justo que, na sua fidelidade e obediência, lançou as raízes de um povo novo, que Deus deseja volte a ter, no último dia, as fronteiras da humanidade. O projecto da Igreja foi a maneira de Deus não desistir do seu desígnio sobre a humanidade.

*(D. José Policarpo, Subamos a Jerusalém)*



## COMPLEMENTO: O SACRAMENTO DA EUCARISTIA

“*Os seus olhos estavam impedidos de O reconhecerem*”. Esta frase da narrativa de Emaús ressoa em nós. Afirmamos, na fé, que o Senhor está presente nas nossas eucaristias, mas não é muito fácil reconhecer essa presença. “No meio de vós está alguém que não conheceis”, já dizia João Baptista (Jo 1, 26). Por que não haveria isto de ser verdade nos nossos dias?

Quantos cristãos estão demasiadamente habituados à sua fé e se tornam, assim, incapazes de reencontrar a força da sua afirmação! Cristo está presente? É verdade. Mas confessemos que está presente sob o signo da ausência! Que caminho é preciso percorrer para passar do sinal do pão e do vinho como alimento para a realidade de Cristo partilhando a nossa vida e partilhando a sua vida por nós!

Foi este caminho para O reconhecerem que percorreram os peregrinos de Emaús. E se a narrativa feita pelo Evangelho de Lucas se apresenta como dando a estrutura de qualquer sacramento, vemos que, ao mesmo tempo, serve de guia para compreender a celebração da Eucaristia. Desde o começo da missa até ao fim, temos, de cada vez, de percorrer um caminho semelhante ao dos discípulos na tarde da Páscoa.

*(Livre des Sacrements, Cartas Verdes)*

É, sobretudo, na Ceia e na instituição da Eucaristia que Jesus nos entrega o significado definitivo da Sua morte. Jesus liga o dom do pão partido e do cálice de vinho distribuído à Sua morte sangrenta que está iminente (o Seu corpo irá ser “partido”, o Seu sangue irá ser derramado). Na mentalidade da época, corpo e sangue exprimem a totalidade da pessoa. Jesus entrega-Se ao Pai em favor dos Seus irmãos. A Sua morte tem o mesmo sentido de toda a Sua vida: uma entrega total. Na morte, este dom tem uma mensagem: **o amor é mais forte do que a morte**, porque se pode morrer por amor. Ao ordenar aos discípulos que repitam esta Ceia em Sua memória e, através dela, tornem presente o Seu único e definitivo acto de entrega – a Sua Páscoa –, converte a Ceia no memorial da Sua Paixão, isto é, na Eucaristia.

Catequese de Adultos, Patriarcado de Lisboa

### Ouçamos D. Helder Câmara:

Quando a comunidade cristã participa na Eucaristia, vê entre as mãos do celebrante, no momento do ofertório, o pão “fruto da terra e do trabalho do homem” e consegue viver uma lição de justiça social

que devia marcar a nossa vida. Como não pensar que o pão surge, aos nossos olhos, como fruto do dinheiro e que há milhões e milhões de pessoas – dois terços do mundo – a quem falta o pão.

Durante toda a celebração da Eucaristia, ouvimos dizer que somos irmãos; dirigimo-nos ao mesmo único Pai; fazemos menção de nos pormos em volta da mesma mesa; comemos o mesmo Pão da Vida e, contudo, depois da missa, cada um tem a sua família, os seus cuidados, os seus problemas e os assim chamados irmãos mantêm-se como adversários e inimigos.

A presença eucarística, na comunhão, tem uma duração muito breve, mas intensifica a nossa unidade com Cristo começada a partir do nosso baptismo. Em união com Cristo, como olhar, sem uma profunda emoção, as horríveis consequências do egoísmo no indivíduo, no seio dos lares, ao nível das comunidades de base, à escala nacional, continental ou internacional? Como ficar indiferente, se se descobre a escalada da injustiça e, como consequência, a escalada da radicalização e do ódio?

Alimentando-nos da Eucaristia, tornamo-nos sempre mais mergulhados em Cristo e sempre mais ligados a toda a humanidade: a nossa presença devia ser a de Cristo. Como não descobrir, com os olhos de Cristo, que, nos nossos dias, não basta dar esmolas e pedir generosidade para os que têm fome? Hoje, a esmola das esmolas é ajudar a justiça, trabalhar para o estabelecimento da justiça social.

É preciso encontrar, no Pão da Vida, forças para aceitar as mudanças de mentalidade, a transformação da vida, a conversão. Se se tratasse apenas de fazer compreender argumentos, mesmo complexos e difíceis, seria muito mais fácil do que trabalhar por reformas de base ou, mais exactamente, por mudanças de estruturas.

É preciso entregarmo-nos à graça divina de tal modo que, se devemos fazer justiça, não esqueçamos a caridade; e se devemos aceitar a justiça, que a graça nos leve a demonstrar que, na Eucaristia, não é o pão que recebemos, não é uma sombra que abraçamos, mas é verdadeiramente Cristo vivo que está lá [...]

No começo da Igreja, os pagãos ficavam abalados ao ver como se amavam – não de maneira teórica e por palavras, mas de maneira prática e por actos – os que recebiam o Pão da Vida. O mundo tem, de novo, necessidade do nosso testemunho: que sintamos, que vejamos, que descubramos que a Eucaristia nos leva a viver a justiça e o amor como as únicas vias duma paz verdadeira.

(D. Helder Câmara)



**Ouçamos François Varillon:**

Cristo é o sacramento de Deus. A Igreja é o sacramento de Cristo.  
**A Eucaristia é o sacramento da Igreja.**

Entre os sinais visíveis, através dos quais a Igreja exprime a sua vida e actualiza o seu ser, a Eucaristia ocupa um lugar privilegiado. Ela é simultaneamente sacrifício e sacramento. Como Cristo – e porque ela é a realidade significada do seu Corpo – ela é o ponto de encontro de duplo movimento, de Deus para o homem e do homem para Deus, no qual consiste toda a religião. É o sinal essencial da Aliança divinizadora.

Cristo é o Homem perfeito, por ser referência absoluta a Deus. É o que a Igreja quer exprimir ao afirmar que toda a sua vida tem valor de **sacrifício**. Com esta palavra – essencial ao vocabulário cristão, mas tantas vezes superficialmente compreendida – ela exprime a relação para com Deus, que constitui o fundo do seu ser e a lei do seu agir. Acto supremo desta relação é a sua morte, suprema passividade. É ela que revela plenamente o seu ser mesmo, que é dom – ou abandono – de Si. A Eucaristia não seria o **sacramento** da mais profunda realidade de Cristo se não fosse o memorial da Sua morte. Por outro lado, o pão que a Igreja consagra é transformado na carne ressuscitada de Cristo. Isto significa que a Eucaristia – como o Baptismo, que inaugura a vida do cristão – é essencialmente o sacramento da morte e da ressurreição de Cristo, o sinal eficaz do mistério pascal.

A morte está, com efeito, no coração de toda a vida eucaristizada: acção de graças, trabalho, comunidade. Morte ao instinto proprietário, à evasão preguiçosa para fora da tarefa humana, ao individualismo destruidor da fraternidade. Acreditar no sinal eucarístico e participar nele é, para o cristão que compreende a sua fé, renunciar a constituir-se centro e fim de si mesmo, e consentir em passar – Páscoa significa passagem – pelo dom de si mesmo, o limiar da sua transfiguração em Deus.

**Dar graças** é reconhecer que tudo é graça ou dom de Deus. Para significar este **tudo**, nada melhor **que** o pão e o vinho sem os quais **nada** é possível: são os elementos da própria vida. Significam assim a vida. Consagrando o pão e o vinho, a Igreja exprime o **sentido** da natureza, que é dada ao homem para que este viva para Deus. Fazendo-nos morrer para o instinto proprietário, a Eucaristia transfigura a consciência do homem, tornando-a filial.

O pão e o vinho são **trabalho** incorporado. Não são coisas, mas uma história. A história do trabalho do homem. A história do homem, portanto. E, conseqüentemente, o próprio homem, pois este não é homem senão na e pela história. No altar, o trabalho do homem torna-se vida de Cristo; o homem torna-se Cristo. Por esta razão, a participação na Eucaristia tende para o sacrilégio, se dela está ausente a solicitude pelo pão dos homens. O sinal torna-se mentiroso, na medida em que não se põe a questão de saber se o pão é ganho na justiça ou à custa do pão dos outros. Sem o trabalho que transforma a natureza para «fazer o homem», não há Eucaristia. O cristão que, na Igreja fundada sobre este sinal, se aproximasse da Eucaristia sem o cuidado da justiça e do amor no trabalho seria vítima dum espiritualismo tão pernicioso para a consciência como o materialismo.

O pão e o vinho são dispersão reunida ou multiplicidade unificada. São formados de numerosos grãos de trigo moídos para formar uma só farinha, de numerosas uvas espremidas para formar uma só bebida. Por outro lado, a refeição é símbolo de fraternidade: comer em comum, é *ser* conjuntamente. Além disso, a ideia de comunidade está ligada à de trabalho: as relações humanas não se fundam solidamente senão sobre a verdade do trabalho. Cristo eucarístico não nos une a Si senão unindo-nos uns aos outros; não transfigura a nossa consciência senão transfigurando as nossas relações. A cláusula da nova e eterna Aliança, de que a Eucaristia é o sinal eficaz, é a seguinte: «amai-vos uns aos outros, como Eu vos amei» (Jo 13, 12).

A Eucaristia, sacramento central para o qual os demais sacramentos estão ordenados, e que está, por sua vez, ordenada à relação existencial do homem com Deus, é o **resumo de toda a substância da fé**.

(François Varillon, *Síntese da Fé Católica*)

***PISTAS para reflexão em casal:***

**A fé é importante para o nosso lar? Somos uma verdadeira Igreja doméstica? Somos uma comunidade evangelizada e evangelizadora? De que modo?**

**Quais são as questões mais pertinentes que se colocam, hoje, à nossa consciência de cristãos?**

**Nos diferentes textos apresentados sobre a Eucaristia, que aspectos mais nos interpelaram?**



**Relembremos:**

**QUOTIZAÇÃO**

Este mês sugerimos uma especial atenção à Quotização. Para praticar a entreatjada material dentro do Movimento e ajudar à sua difusão nacional e internacional, cada casal contribui com um dia de rendimento por ano. O casal responsável trata da recolha dos donativos e da sua entrega ao Movimento (a efectuar em Novembro e Março).

**A.2 - Sugestões para os PONTOS CONCRETOS DE ESFORÇO**

**• Escuta da Palavra de Deus**

Se o nosso casal, se a nossa equipa são células da Igreja, devem alimentar essa vida com o alimento da Igreja: a Palavra de Deus, a Eucaristia e a oração.

*Cartas Verdes, documento das ENS*

Passagens da Bíblia que podem ser lidas ao longo do mês:

Jo 21; Jo 15, 1-17; Act 1, 8; 2, 42-47; 4, 32-37; 1 Cor 12, 12-30; 16, 16; 2 Cor 8, 1-5; Tt 1, 5-6; Mt 16, 13-19.

Outras leituras recomendadas:

- *Catecismo da Igreja Católica*, n.ºs 1877-1948;
- *Vocação e missão dos leigos na Igreja e no mundo (Christifideles Laici)*, n.º 27, João Paulo II;
- *O Espírito Santo e a Igreja*, Comissão Nacional do Jubileu do ano 2000, Paulinas;
- *A Igreja, Sacramento de Salvação*, Yves Congar;
- *Carta às Famílias*, 1994, João Paulo II;
- *Encíclica *Mysterium Fidei**, 1965, Paulo VI.

## ORAÇÃO

Cremos na Igreja una, santa, católica e apostólica,  
 Edificada por Jesus Cristo sobre a pedra que é Pedro.  
 Ela é o Corpo Místico de Cristo, ao mesmo tempo sociedade visível,  
 Constituída por órgãos hierárquicos e comunidade espiritual;  
 É Igreja terrestre, Povo de Deus que peregrina na terra,  
 E Igreja cumulada de bens celestes;  
 Ela é o gérmen e a primícia do Reino de Deus,  
 Por meio do qual continuam, na trama da história humana,  
 A obra e as dores da Redenção,  
 Que aspira à sua realização perfeita, para lá do tempo, na glória.  
 No decorrer do tempo, o Senhor Jesus forma a sua Igreja através  
 dos sacramentos que emanam da sua plenitude.  
 E, com eles, a Igreja torna os seus próprios membros participantes  
 Do mistério da morte e da ressurreição de Cristo,  
 Na graça do Espírito Santo, Senhor e dador da vida

Paulo VI, *Credo do Povo de Deus*

### • Meditação (Oração Pessoal)

Aprendamos a ligar nas nossas vidas oração e Eucaristia. Façamos, por vezes, oração como preparação directa para a missa e sobre as admiráveis orações eucarísticas.

*Cartas Verdes, documento das ENS*

Iluminados pela Palavra, descubramos o que nos é hoje pedido pelo Movimento e pela Igreja.

### • Oração Conjugal/Familiar

*Em casal:*

Rezar pedindo ao Senhor que nos ilumine sobre o contributo que cada um de nós e a nossa comunidade familiar (igreja doméstica) pode dar para se tornar mais evangelizadora.

Agradecer ao Senhor a comunidade constituída pela nossa equipa e a entreaduda que aí tem sido praticada.

## A VENHAM VER

### *Em família:*

Agradecer ao Senhor a nossa comunidade familiar, nuclear e mais alargada, e as alegrias e tristezas que temos partilhado.

### • Dever de se Sentar

Comecemos o Dever de se Sentar com a leitura do Texto de Meditação (B.2), seguido de oração partilhada.

“E vós?”, perguntou Jesus, “quem dizeis que Eu sou?”.

E nós, hoje, quem dizemos que Ele é? Que testemunho damos de Cristo ao mundo?

Falar bem do outro e fazê-lo em voz alta.

### • Regra de Vida

Fazer o balanço da Regra de Vida do mês anterior.

Após o Dever de se Sentar, certamente que surgiram propósitos de mudança. Cada um poderá então definir a sua Regra de Vida, que o ajudará numa verdadeira conversão para Deus.

Antes de escolher uma Regra de Vida, será bom encontrar-se com Deus, para se abrir com humildade à sua vontade de amor.

*A Regra de Vida, documento das ENS*

### • Retiro

Já falamos, na nossa equipa, no Retiro? Talvez alguns casais queiram ir ao mesmo que nós!

A iniciativa que tomamos de nos libertarmos vários dias, de confiarmos os nossos filhos aos avós, de adiarmos compromissos, de renunciarmos ao descanso habitual de fim-de-semana, não é mais do que uma resposta à primeira iniciativa de Deus.

*O Retiro Espiritual, documento das ENS*

## B - REUNIÃO DA EQUIPA

### B.1 - REFEIÇÃO em comum

### B.2 - ORAÇÃO

- **Texto** de Meditação: Mt 16, 15-18

*“E vós?”, perguntou Jesus, “quem dizeis que Eu sou?”. Simão Pedro respondeu: “Tu és o Messias, o Filho do Deus vivo.” Jesus exclamou: “Feliz de ti, Simão, filho de Jonas, porque não foi o entendimento humano que te fez descobrir isso, por ti mesmo, mas Meu Pai que está nos céus. E Eu também te digo: Tu és Pedro, e sobre esta pedra construirei a Minha Igreja, e as forças da morte nada poderão contra ela.”*

Após a leitura do texto e um breve silêncio, seguem-se: **Oração Partilhada, Intenções e Oração Colecta.**

### B.3 - PARTILHA dos Pontos Concretos de Esforço

Neste momento da nossa vida, quais são os Pontos Concretos de Esforço que mais exigem de nós? E as atitudes que precisam de maior atenção?

São os mesmos para todos os casais? Confrontemos as nossas diferenças.

### B.4 - PÔR EM COMUM

Apresentando aspectos concretos da nossa vida do dia a dia, deixemos que nos conheçam melhor.

Que comunidade, equipa, somos?

# B *VENHAM VER*

## **B.5 - Discussão do TEMA**

Cada casal pode começar por apresentar os pontos da sua reflexão que decidiu trazer para a Reunião da Equipa.

Conscientes de que estamos reunidos em nome de Cristo, podemos reflectir sobre:

- Ser Igreja significa assumirmos as suas responsabilidades, identificarmo-nos com a sua vocação comunitária e com a sua missão evangelizadora.
- Assumimos como nossas as responsabilidades das comunidades em que nos inserimos - Diocese, Paróquia, Movimento, Equipa? Como colaboramos?
- Sentimo-nos Igreja? De que modo?

## **B.6 - MAGNIFICAT**

(Ver oração na contracapa).

## **REUNIÃO VII**

### **ESPERO ... (A ESPERANÇA CRISTÃ)**

---

Aprofundamento: *Espero ... (a Esperança cristã)*

Complemento: *A Pessoa Humana e o Bem Comum*

Complemento: *A Caridade*

---

### **A - VIVÊNCIA DURANTE O MÊS**

#### **A.1 - TEMA**

##### **APROFUNDAMENTO: ESPERO ... (A ESPERANÇA CRISTÃ)**

Um cristão só é autêntico se estiver animado pela esperança. S. Pedro chegou mesmo ao ponto de proclamar que um discípulo de Cristo “*deve estar sempre pronto a dar razão da sua esperança*” (1 Pd 3, 15). A esperança é uma componente do nosso ser. A esperança está hoje muito desacreditada, sendo acusada de servir de tranquilizante ou de alibi.

É necessário reabilitar a esperança cristã e devolver-lhe o seu devido lugar. Hoje, como ontem, a esperança continua a ser uma virtude teologal, ou seja, uma virtude cuja fonte e apoio é o próprio Deus, e só Ele. Ele ri-se das nossas estatísticas, dos nossos cálculos de probabilidades e das nossas perspectivas, confundindo as nossas previsões: “*os vossos pensamentos não são os Meus, e os Meus caminhos não são os vossos*” (Is 55, 8).

O momento actual incita-nos a libertar-nos do nosso optimismo fácil, das nossas estratégias demasiado humanas, e a alimentar a nossa esperança na sua fonte suprema: a Palavra de Deus e o Seu amor inesgotável, invulnerável, incansável. Tudo indica que nos encontramos num dos grandes pontos de viragem da história da Igreja, em que o Espírito opera um mistério de morte e ressurreição, descendo a novas profundidades. Está na hora de escutar com atenção, fazendo silêncio no nosso interior, “aquilo que o Espírito diz às Igrejas” (Ap 2, 29) [...]

Como não havemos de comungar desta esperança, que brota do próprio coração da nossa fé, e confiar no Espírito Santo, para que os cristãos reencontrem finalmente – à vista de todos – o poder renovador da sua fé.

(Cardeal L.J. Suenens, *O Cristão no Limiar dos Novos Tempos*)



### A esperança visa o futuro

Os homens vivem no presente, mas com o olhar voltado para o futuro. **A força secreta** que move todo o esforço humano é a **esperança** num **amanhã diferente**. É verdade que, de vez em quando, nos sentimos frustrados pelo fracasso das nossas aspirações; mas a **esperança ressurg**e sempre.

É que **Deus pôs no coração de todos** os homens um **desejo de felicidade** e de realização plena e total. A esperança manifesta o **sentido último** deste desejo, porque **revela o objecto** para o qual tende, a **bem-aventurança eterna**, e dá garantia de o poder alcançar.

O que a esperança **espera** é o **dom último**, a **glória do céu** prometida por Deus aos que O temem e fazem a Sua vontade (*cf.* Rom 8, 28-30; Mt 7, 21).

### A esperança dá sentido ao presente

Mas é um dom de que começamos a gozar **desde já**, uma meta que está para além do tempo mas que **se inicia já** na história, um futuro ainda misterioso mas que se vai revelando já no presente.

Neste sentido, a esperança é luz que nos permite **avaliar e discernir** o **autêntico progresso humano** e força que nos leva a **ultrapassar** todos os fracassos, com a confiança de que o mundo está em **boas mãos** e de que Deus tem um **desígnio de bondade** para cada pessoa.

Porque a esperança não nos leva a passar por cima das realidades e das tarefas do mundo em que vivemos, mas ajuda-nos a **discernir e a vislumbrar** no **mundo presente** o **gérmen da nova realidade** que esperamos e a intervir na sociedade humana para a construirmos de acordo com os planos de Deus (*cf.* GS 39 e 43).

O **fundamento principal e insubstituível** da esperança cristã é **Cristo** crucificado e o dom do seu **Espírito**.

Com efeito, se o **Pai** deu um **sentido novo** e um **valor novo** à **morte de Jesus**, não há situação no crente, por mais difícil que seja, que possa destruir a esperança. O poder da **ressureição de Cristo** é a grande **vitória da vida sobre a morte**, do poder de Deus sobre a fraqueza da carne, do amor de Deus sobre o ódio dos homens, de um futuro de bem-aventurança sobre um presente instável e caduco. E estamos certos de tudo isso porque já somos filhos de Deus e recebemos o Espírito Santo como “penhor da nossa herança” (*cf.* Ef 1, 14).

Assim, se somos filhos, somos “igualmente herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo, se sofremos com Ele, para sermos também glorificados com Ele” (Rom 8, 17).

A **esperança cristã**, tal como a fé, não é uma esperança individual; é antes uma esperança **com os outros e para os outros**. É a esperança de todo um povo a caminho da terra prometida, a comunidade cristã, na qual recebemos, alimentamos e partilhamos este dom. E é a esperança **para todos os homens**, porque sabemos que Deus não excluiu ninguém do seu amor.

(Deus Pai, SAP)

O cristão é homem de esperança, pois sabe de onde vem e para onde vai. Sabe que vem de Deus e que regressa a Ele [...]. Sabe ainda que é convidado a entrar num mundo novo “*que os olhos não viram, os ouvidos não ouviram e o coração do homem não percebeu, mas que Deus preparou para aqueles que O amam*” (1 Cor 2, 9).

Cardeal L.J. Suenens, *O Cristão no Limiar dos Novos Tempos*

#### Ouçamos o P. Victor Feytor Pinto:

É um tempo de esperança este fim de século. **Na aurora do 3.º milénio queremos ser, em família, esperança para o mundo.**

Perante a concepção da “não família” que é a família nuclear, temos de aceitar o desafio da família alargada, aberta ao encontro e diálogo de gerações.

Perante tantas famílias em sofrimento pelas rupturas não provocadas, divorciados que se casaram de novo, temos de aceitar o desafio de os acolher, ajudar e aproximar de Deus.

Perante a contradição da reprodução medicamente assistida num mundo que se fechou à fertilidade, temos de reinventar a fecundidade, ajudando as crianças que não têm família, eventualmente através da adoção mais bem organizada.

Perante a contraceção, temos de afirmar até à exaustão a paternidade responsável, com processos humanos que respeitem a dignidade da pessoa e do casal e acompanhem os valores da natureza.

Perante as “fugas existenciais” a que muitos jovens estão sujeitos, evadindo-se no barulho, na vertigem, no álcool, no sexo anárquico, no



tabaco, quando não na droga ou mesmo no suicídio, temos de nos envolver nos processos de prevenção, sobretudo na prevenção primária, através da educação para o sentido da vida.

Perante a crise económica generalizada e que, na recessão, afecta tantas famílias, temos de conseguir a partilha de bens, a partilha de empregos, mesmo alguma partilha da habitação, para conseguir a sobrevivência de muitas famílias.

Perante o fenómeno das migrações que desenraízam tanta gente, temos de nos educar para o acolhimento activo sobretudo nos estados e nas comunidades que têm trabalhadores de outros países.

Perante a intromissão do estado na privacidade de muitas famílias, havendo mesmo pressão sobre as opções a que os casais têm direito, temos de conseguir leis que garantam sempre os direitos da família, consagrados em texto e oferecidos aos governantes de todo o mundo pelo Papa João Paulo II.

Finalmente, perante a primeira responsabilidade dos pais cristãos que é educar na fé os seus filhos, temos de conseguir nas nossas casas a educação cristã das crianças, adolescentes e jovens, o que é possível numa verdadeira comunidade crente e evangelizadora, comunidade de diálogo com Deus e comunidade aberta ao serviço dos mais pobres.

É mesmo tempo de esperança, se os casais das Equipas de Nossa Senhora e as suas famílias, desafiando a história, forem capazes de construir uma nova civilização: a civilização da solidariedade e do amor.

(P. Victor Feytor Pinto, Encontro Internacional Fátima 94)

#### **Ouçamos D. José Policarpo:**

A virtude da esperança convida-nos a uma prontidão de resposta na busca da salvação. Dinamizada pela esperança, a fé leva-nos a aderir à promessa como algo que podemos experimentar desde já, embora sabendo que a sua realização plena será escatológica. A promessa não é um futuro longínquo, desligado da aventura da fidelidade presente. É na medida em que arriscamos o futuro em cada momento que passa que os bens prometidos transformam qualitativamente o presente. Só experimentando os bens prometidos, no presente, os conseguimos esperar como um bem radical para nós.



A virtude da esperança permite-nos unificar, num mesmo projecto de vida e de fidelidade, o tempo presente e o tempo futuro da salvação. [...]

### **A esperança como força de transformação da história**

Porque nos impele a tomar, sem demora, as atitudes consentâneas com o alcançar dos bens prometidos, a esperança transforma a existência e a história. É mais do que a confiança na bondade de Deus que nos concederá, por misericórdia, o que prometeu; nem é apenas confiança na justiça divina que recompensará o mérito das nossas acções. A esperança leva-nos a arriscar esse futuro definitivo em cada momento de fidelidade, convida-nos a comprometermo-nos totalmente na realização do projecto de Deus, construindo, de mãos dadas com o Espírito, a promessa revelada e anunciada. A esperança é a prontidão de resposta, na busca da santidade [...]

A esperança cristã é a fé e a caridade transformadas em força de transformação do presente, na ousadia de acreditar que o que de bom Deus começou com os homens e no meio dos homens, o mesmo Deus o conduzirá à plenitude. Jesus Cristo é o ponto de convergência dessa intervenção da força de Deus na história e do anúncio definitivo de Deus na história dos homens.

(D. José Policarpo, *Subamos a Jerusalém*)

“A atitude fundamental da esperança, por um lado, impele o cristão a não perder de vista a meta final que dá sentido e valor à sua existência inteira e, por outro lado, oferece-lhe motivações sólidas e profundas para o empenhamento quotidiano na transformação da realidade, a fim de a tornar conforme ao projecto de Deus”.

TMA, n.º 469

“A esperança é a virtude teologal pela qual desejamos o Reino dos Céus e a vida eterna como nossa felicidade, pondo toda a confiança nas promessas de Cristo e apoiando-nos, não nas nossas forças, mas no socorro da graça do Espírito Santo”.

CIC n.º 1817



## COMPLEMENTO: A PESSOA HUMANA E O BEM COMUM

Descobrir e ajudar a descobrir a dignidade inviolável de cada pessoa humana constitui uma tarefa essencial, diria mesmo em certo sentido, a tarefa central e unificadora do serviço que a Igreja, e nela os fiéis leigos, é chamada a prestar à família dos homens.

*Christifideles Laici* n.º 37

### **A justiça social e o destino universal dos bens**

O princípio do destino universal dos bens da Terra reside no próprio coração da justiça social. O Papa João Paulo II exprime-se assim: «Deus deu a Terra a todo o género humano para ela sustentar todos os seus habitantes, sem excluir ninguém nem privilegiar ninguém» (João Paulo II, Carta Encíclica *Centesimus Annus*, n.º 31). Esta afirmação, constante na tradição cristã, nunca se ouve com suficiente frequência, mesmo fora de qualquer perspectiva confessional. O axioma constitui em si mesmo fundamento necessário à edificação de uma sociedade de justiça, de paz e de solidariedade. Com efeito, geração após geração, devemos considerar-nos como administradores transitórios dos recursos da Terra e do sistema de produção. Em face das finalidades da Criação, o direito de propriedade não é um absoluto; é uma das expressões da dignidade individual; e não será justo se não estiver ordenado ao bem comum e se não contribuir para a promoção de todos. Exerce-se e reconhece-se, portanto, de várias maneiras, consoante as culturas.

*(A Fome no Mundo, Conselho Pontifício "Cor Unum")*

### **Ouçamos o Papa João Paulo II:**

A doutrina social da Igreja hoje, mais do que no passado, tem o dever de se abrir para uma perspectiva internacional na linha do Concílio Vaticano II, das Encíclicas mais recentes e, em particular, daquela que estamos a comemorar (*Populorum Progressio*). Não será supérfluo, portanto, reexaminar e aprofundar, sob esta luz, os temas e as orientações que foram repetidamente ventilados pelo Magistério nestes últimos anos.

Desejo aqui recordar um deles: a opção ou amor preferencial pelos pobres. Trata-se de uma opção, ou de uma forma especial de primado na prática da caridade cristã, testemunhada por toda a Tradição da Igreja. Ela diz respeito à vida de cada cristão, enquanto deve ser imi-



tação da vida de Cristo; mas aplica-se igualmente às nossas responsabilidades sociais e, por isso, ao nosso viver e às decisões que temos de tomar, coerentemente, acerca da propriedade e do uso dos bens.

Mais ainda: hoje, dada a dimensão mundial que a questão social assumiu, este amor preferencial, com as decisões que ele nos inspira, não pode deixar de abranger as imensas multidões de famintos, de mendigos sem tecto, sem assistência médica e, sobretudo, sem esperança de um futuro melhor; não se pode deixar de ter em conta a existência destas realidades. Ignorá-las significaria tornar-nos como o «rico epulão», que fingia não conhecer o pobre Lázaro, que jazia ao seu portão (Lc 16, 19-31).

A nossa vida quotidiana deve ser marcada por estas realidades, como também as nossas decisões no campo político e económico. Os responsáveis das nações e dos próprios organismos internacionais, igualmente, enquanto lhes incumbe a obrigação de terem sempre presente, como prioritária nos seus planos, a verdadeira dimensão humana, não devem esquecer-se de dar precedência ao fenómeno crescente da pobreza. Os pobres, infelizmente, em vez de diminuírem, multiplicam-se, não só nos países menos desenvolvidos, mas, o que parece não menos escandaloso, também nos que estão mais desenvolvidos.

É necessário recordar mais uma vez o princípio típico da doutrina social cristã: os bens deste mundo são originariamente destinados a todos. O direito à propriedade privada é válido e necessário, mas não anula o valor de tal princípio. Sobre a propriedade, de facto, está subjacente «uma hipoteca social», quer dizer, nela é reconhecida, como qualidade intrínseca, uma função social, fundada e justificada precisamente pelo princípio do destino universal dos bens. Nem se há-de descurar, neste empenhamento pelos pobres, aquela forma especial de pobreza que é a privação dos direitos fundamentais da pessoa, em particular, do direito à liberdade religiosa e, ainda, do direito à iniciativa económica.

(João Paulo II, *Solicitudo Rei Socialis*, 42)

Há cada vez mais pessoas no mundo que estão conscientes de como é urgente ajudar as vítimas de uma pobreza que está em crescimento contínuo. Ai está uma necessidade fundamental para que haja paz na terra.

O desequilíbrio entre a acumulação de riquezas de alguns e a pobreza das multidões é uma das questões mais sérias do nosso tempo. Iremos nós fazer todo o possível para que a economia mundial encontre soluções?

Carta de Taizé



## COMPLEMENTO: A CARIDADE

**Hino à Caridade** (François Varillon)

[...] é sobre a caridade, sobre o amor, que seremos julgados e [...] a caridade deve ser a nossa preocupação essencial. Nesta linha, proponho a meditação do texto de S. Paulo, na sua primeira Epístola aos Coríntios (cap. 13), a que se costuma chamar o *Hino à caridade*, ou também o *elogio da caridade*. [...] Não meditaremos todo o hino, mas apenas alguns versículos do meio.

“Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver caridade, sou como bronze que ressoa, ou como címbalo que tine. Ainda que eu tenha o dom da profecia e conheça todos os mistérios e toda a ciência, ainda que eu possua a fé, a ponto de transportar montanhas, se não tiver caridade, nada sou. Ainda que eu distribua todos os meus bens para dar de comer aos pobres e entregue o meu corpo às chamas, se não tiver caridade, de nada me aproveita.”

E agora os versículos que vamos meditar:

“A caridade é paciente. A caridade é bondosa. Não é invejosa. A caridade não se ufana, não se engrandece. Não é indiscreta; não procura o seu próprio interesse. Não se irrita. Não liga ao mal que lhe fazem. Não se alegra com a injustiça, mas rejubila com a verdade. Tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta com paciência”. [...]

**A caridade é toda paciente**

É muito curioso ver S. Paulo começar logo por algo de negativo: a paciência. Esta palavra implica sofrimento, uma vez que o verbo latino *pati* significa sofrer. De facto, no texto grego, a palavra é *makrothumia*; em latim *longanimitas*; na nossa língua seria *longanimidade*. A longanimidade inclui a ideia de duração e de doçura, na tolerância com os outros; é a paciência no sentido de duração e de doçura no suportar dos acontecimentos, das circunstâncias desfavoráveis, da doença, do sofrimento. A palavra traduz o seguinte: isto pode durar, não me vou irritar. Estou a pensar na presença de determinada religião na minha comunidade, no prolongamento de determinada tentação, de determinada situação de angústia ... A longanimidade não significa que eu não tenha de trabalhar para suprimir tudo isto, tanto quanto me for possível; mas evoca uma disposição básica: isto pode durar, não me vou irritar.

Estou a comentar o texto mantendo-me o mais próximo possível dos termos gregos. A paciência que aqui se refere, esta longanimidade, esta capacidade de continuar a suportar, é diferente de outra palavra que também se traduz por paciência, mas que em grego é referido por outro termo: *hypomonè*. É também suportar, mas no sentido de suportar um fardo pesado nos ombros. É, de algum modo, a acção enérgica diante do sofrimento: aguentar, resistir, serrar os dentes, porque dói muito. Aqui já não se trata da paciência de que falámos. É o caso de Teresa de Lisieux, que tinha junto de si uma religiosa muito irritante, que fazia barulho com o terço, como se fosse o ruído de uma conversa através de um tabique ... era impossível fazer oração. Paciência! «Isto pode durar indefinidamente que não me vou irritar».

#### **A caridade é bondosa**

A caridade é bondosa. É o lado positivo da paciência, que é de ordem negativa. Bondade: a palavra grega significa a *comunicação de bens*. É preciso remetermo-nos ao que S. João Baptista diz, no capítulo 3 do Evangelho de S. Lucas: “Quem tem duas túnicas reparta com quem não tem nenhuma. E quem tem mantimentos faça o mesmo, reparta com quem não tem”. Repartir o quê? Desconfiemos desta espécie de lirismo, um tanto estranho, com que hoje acentuamos a palavra «partilha». «Partilha-se ... Vai-se fazer uma partilha». Na prática, quer dizer que vamos conversar de forma a que cada um possa comunicar as suas ideias ou reflexões. Chamar a isto «partilha» ... não percebo o que, afinal, se quer dizer. O P. Ganne diz: «Não se partilha um par de calças, nem no sentido da altura nem no da largura». Estejamos atentos: corre-se o perigo de todas estas palavras se tornarem verdadeiros «slogans».

A partilha, *a verdadeira partilha*, é realmente muito difícil. Precisamos de nos dar verdadeiramente aos outros para podermos partilhar com eles o que temos de precioso. E não sonhemos com partilhas impossíveis: o céu não está na terra. Trarei sempre comigo segredos que são reservados só a Deus e que até tenho o dever de não comunicar, para não perturbar os outros. Certas tentações, por exemplo.

Aprofundemos, pois esta palavra *bondade*.

#### **A caridade não é invejosa**

Voltamos a temas que já tratámos [...]: tudo o que pertence à inveja, ressentimento, a alegria má que sentimos com o insucesso de pes-



soas de quem não gostamos, o sofrimento que vem do êxito dos outros. A *inveja* é uma *peste*. É preciso combatê-la até acabar com ela. Diz-se que a inveja é o pecadilho das mulheres; mas, se assim for, como diz La Fontaine, muitos homens são mulheres. É, sem dúvida, o pecadilho de toda a gente [...]

#### **A caridade não se ufana**

Outra tradução, bastante boa, diz: «A caridade não se pavoneia». A caridade é simples, não é afectada, não se ostenta; não procura ser vista. Demos atenção a esta expressão que é terrivelmente contrária à caridade: «Sou eu que ...», «Fui eu que fiz isto ... ou aquilo. Fui eu que tive primeiro a ideia ... Lembram-se? Fui eu quem lhes prestou esse serviço ...» Há pessoas do «fui eu que». A caridade apaga o eu. Longe dela dizer: «Fiz isto por caridade». Deixem-me em paz com essa caridade; fizeram-no e basta ... Às vezes dizemos: «Compreendes, não queria dizer isso. Não quero faltar à caridade, mas ...». Se não quer faltar, não falte, pronto! Não é preciso pôr a caridade à frente; não digamos nada; basta. Tanto mais que, se o dissermos, toda a gente, a menos que sejam completamente idiotas, compreenderá o que temos em mente. A caridade é um assunto demasiado sério para que a misturemos com semelhantes infantilidades. Tudo o que é aparência, tudo o que é gosto de parecer, é contrário à caridade.

#### **A caridade não se ensoberbece**

É mais ou menos a mesma coisa do que já foi dito. Significa que a caridade implica humildade. Que quer dizer ensoberbecer-se? É inchar-se. É um aumento aparente, não real; não de carne, não é substância.

O P. de Grandmaison comenta, excelentemente, este versículo:

«A caridade não procura impor-se. É simples, tem bonomia. Sublinhemos a palavra *bonomia*. Sem modéstia, sem simplicidade, a caridade tem pouca eficácia; pelo menos não manterá, durante muito tempo, a sua eficácia. [...]

Os nossos serviços só serão recebidos com gosto se formos simples. Sejamos «naturais». A modéstia não é apenas condição para uma acção duradoura sobre o homem; é, mais ainda, a salvaguarda contra defeitos muito perigosos. Sem modéstia, corremos o risco de nos iludir-

mos; aceitamos, sem discernimento e sem filtragem, os elogios donde quer que venham; ser louvado por imbecis é terrivelmente perigoso, é o pior que nos pode acontecer, as aprovações, qualquer que seja a sua qualidade. Toma-se sempre em vantagem própria toda e qualquer apreciação feita por outros a nosso respeito, aumentando-a e até idealizando-a. A partir daqui, fica caminho aberto para a auto-satisfação e para o orgulho. Ora, nada seca tanto a caridade como o orgulho ou a auto-suficiência consentida.» Portanto, nada de enfaúamentos.

#### **A caridade não é indiscreta**

Isto é muito importante. S. Paulo usa aqui uma palavra que significa equilíbrio e moderação. A melhor tradução seria: «A caridade tem *tacto*». É o respeito pela liberdade dos outros. [...]

Ter *tacto* é propor sem impor. O respeito pela liberdade dos outros é também respeito pelo Espírito Santo que actua neles. É preciso respeitar o Espírito Santo. [...]

Devíamos ter tempo para procurar nos Evangelhos todos os sinais de *delicadeza de Jesus*.

Ocorre-me a cena da pecadora em casa de Simão, o fariseu (*cf.* Lc 7, 36-50). A mulher chega a casa do fariseu com os cabelos soltos; todos sabem que é uma cortesã, uma prostituta. Traz um frasco de perfume, que quebra, derramando o perfume sobre os pés de Jesus, o hóspede de honra, que é o Senhor. Que escândalo, numa refeição de intelectuais conservadores! Todos murmuram: «Mas que loucura! Que está ela a fazer? Não é possível!». E que diz Jesus? – «Por que magoais esta mulher? Por que a envergonhais, a embaraçais?» Admirável delicadeza.

Ou esta delicadeza do Senhor, no diálogo com Pedro, no último capítulo de S. João. Jesus não diz a Pedro: “*Perdoo-te*”. Não lhe diz: “*Renegaste-me três vezes, por isso três vezes te pergunto se me amas*”. Diz simplesmente: “*Pedro, amas-me?*” Nada mais. Três vezes. Pedro compreende. Mas tudo se passa com a maior delicadeza. Penso sempre que João devia estar por ali e que terá pensado: «Ai, que irá acontecer?! Jesus não o voltou a ver desde que ele O renegou». Depois do diálogo, inquieto, João pergunta a Pedro: «Então?» Esta passagem do Evangelho é, realmente, maravilhosa!

É este o *tacto* da caridade.



### **A caridade não procura o seu interesse**

A caridade procura o bem comum. A verdadeira fórmula é esta: «Eu? Que importa! A comunidade é que é importante». Não devemos procurar o nosso bem, se fica separado do bem comum, se não está unido ao bem comum. O «Pater Noster» dá-nos o exemplo desta atitude, usando continuamente o plural «nós». Dai-nos ... Perdoai-nos ... livrai-nos. É a *oração da Igreja*. A Igreja não se desvia do «nós» e não usa o «eu» senão no «confiteor», e na oração que precede imediatamente a Comunhão: «Eu não sou digno». Porque, de facto, é cada um pessoalmente que recebe a Cristo.

### **A caridade não se irrita**

A palavra grega compreende a raiz *oxu* – a mesma que encontramos em «paroxismo». A caridade não nos leva ao paroxismo. Neste paroxismo ponhamos o que pertence à ordem do azedume, do arrebatamento, da irritação. Nos tratados de caracteriologia descreve-se o agressivo colérico, que atinge rapidamente o paroxismo. Os Actos dos Apóstolos empregam esta palavra para descrever a reacção de Paulo quando viu Atenas repleta de ídolos: fremia de indignação. Ele próprio é vítima desta irritação, do arrebatamento de uma reacção agressiva.

### **Não liga ao mal que lhe fazem**

Por vezes traduz-se assim: A caridade não pensa mal – o que não quer dizer nada. Entendamos antes: A caridade não faz contabilidade, não guarda o registo das ofensas, das humilhações. Ou *logizetai kakor*, diz a expressão grega, isto é: a caridade *não contabiliza o mal* que lhe fazem. Uma maneira de fazer esse registo exprime-se em afirmações deste género: «Há 15 dias, ela disse-me isto ou aquilo. Depois, há 8 dias, mais isto, e ontem a mesma coisa. Mas não levará a melhor. Apanhá-la-ei na volta ...». Não; a *caridade esquece* o mal à medida que lho fazem. Recordemo-nos desta ideia tão importante: Deus esquece não apenas o pecado mas também o próprio perdão. O pai do filho pródigo não lhe diz: «Perdoo-te», e o filho também não tem tempo de pedir perdão. No entanto, tinha preparado antecipadamente a contabilidade de todos os seus pecados, como nós fazemos para a confissão.

### **A caridade rejubila com a verdade**

Acrescentemos simplesmente: «a verdade, donde quer que ela proceda». Ainda que venha do meu mais feroz inimigo. Se o que ele diz



é verdade, rejubilar-me-ei com isso. A verdade donde quer que ela parta, qualquer que ela seja, e quaisquer que sejam as consequências para mim, para o meu amor próprio. Quando, antigamente, falava com padres que estavam em contacto com professores franco-maçónicos e «laicos», dizia-lhes: «Se a verdade vem da boca dos franco-maçónicos, alegrai-vos». E aos jesuítas: «Se a verdade vem da boca dos dominicanos, alegrai-vos».

**A caridade tudo desculpa, tudo crê, tudo espera, tudo suporta com paciência**

«*A caridade tudo desculpa*» é a tendência para justificar o próximo em vez de o condenar. Uma das características do integrismo é a de encontrar sempre algo para condenar nos outros. Escreve-se para Roma: o P. Fulano disse isto. É a pior das coisas; é a peste, esta mentalidade integrista. Parece que em todas as minhas conferências há sempre um integrista de serviço. Santo Inácio, pelo contrário dizia: «Desde o princípio dos Exercícios deve-se estar mais pronto a salvar a proposta do próximo do que a condená-la». Ver em tudo o lado positivo. Por outras palavras: colocarmo-nos acima de todas as mesquinhices, sobretudo quando se trata de pessoas que não são simpáticas.

«A caridade tudo desculpa: primeiramente, *tudo crê*». Dizem-me qualquer coisa, eu confio na pessoa, dou-lhe crédito, acredito nela, não desconfio dela. Numa primeira fase, a caridade tudo crê. Não tem desconfianças *a priori*. Numa segunda fase, *a caridade tudo espera*. Eu confiei em si, mas o senhor enganou-me, mentiu-me. Já não posso ter em si a mesma confiança que tinha antes, e não se deve admirar se tiver mais cuidado consigo. Mas eu espero. A caridade espera. Espero poder confiar de novo em si e que tenha sido apenas um acidente. A verdadeira atitude é esta, mas se não puder acreditar absolutamente, então espero. Finalmente, «*a caridade tudo suporta com paciência*».

Ainda que me tenha enganado setenta vezes sete, ainda que eu já não possa ter nenhuma confiança em si no presente, eu espero em si. Espero até que, no último instante da sua vida, nem que seja junto do cadafalso, encontre aí o Senhor e a verdade. Suporto tudo: enquanto não for condenado, há sempre uma esperança possível. E condenado é apenas um limite no sentido matemático da palavra. Esperamos que ninguém seja condenado, portanto, tudo suporto com confiança.

(François Varillon, *Intensidade da Existência na Fé*)



***PISTAS para reflexão em casal:***

**Que sinais de esperança vemos no mundo?**

**Quais são os sinais de esperança que vemos um no outro?**

**Somos sinais de esperança para os nossos filhos? E eles para nós? Como? Quando?**

**O bem comum é para nós uma causa? Como contribuimos para ele?**

**No nosso dia a dia, como ultrapassamos as barreiras do nosso individualismo e nos pomos ao serviço do bem comum?**

**O texto sobre a *caridade* abriu-nos novas perspectivas? Quais?**

***Relembremos:***

**DIFUSÃO**

Este mês sugerimos uma especial atenção à Difusão que é responsabilidade de todos os equipistas. Não podemos ficar com este *tesouro* só para nós, somos convidados a levá-lo também a outros casais nossos amigos e conhecidos.

Para apoio à divulgação de informação sobre o Movimento pode ser consultado o site [www.ensportugal.pt](http://www.ensportugal.pt) ou contactado o Secretariado das ENS (solicitar o contacto actualizado ao casal de ligação ou consultar a Carta bimestral).

**A.2 - Sugestões para os PONTOS CONCRETOS DE ESFORÇO**

**• Escuta da Palavra de Deus**

A palavra de Deus põe-nos em contacto de oração permanente com o nosso Deus. Desde a experiência da oração de Moisés, na Tenda da Reunião, em que ele falava com Deus como um amigo fala ao seu amigo (Ex 33, 7-11), até às expressões de oração de Jesus, como no jardim das Oliveiras: "Não se faça a Minha vontade mas a Tua, ó Pai" (Mt 26, 39), a Palavra de Deus ensina-nos sempre a orar.

*Catequese de Adultos, Patriarcado de Lisboa*

Passagens da Bíblia que podem ser lidas ao longo do mês:

1 Pd 3, 15; Ef 1, 14; 2 Cor 8, 1-16.

Outras leituras recomendadas:

- *Passaporte para um novo milénio*, Cardeal Godfried Danneels, CEP – Patriarcado de Lisboa;
- *Carta Pastoral no 50.º Aniversário da Declaração Universal dos Direitos Humanos*, Conferência Episcopal Portuguesa;
- *Carta Pastoral “A Igreja na Sociedade Democrática”*, Conferência Episcopal Portuguesa;
- *Encíclica “Redemptoris Mater”*, João Paulo II;
- *Os Corpos Intermédios na Doutrina Social da Igreja*, SAP;
- *Doutrina Social da Igreja, Temas de Reflexão*, SAP;
- *Gaudium et Spes*;
- *Pacem in Terris*;
- *O Silêncio de Maria*, Ignácio Larrañaga;
- *Nossa Senhora do Sábado Santo*, Carlo Maria Martini.

## ORAÇÃO

Senhor nosso Deus, nós acreditamos em Ti, Pai, Filho e Espírito Santo. Porque a Verdade não teria dito: “Ide, baptizai todas as nações em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo” se Tu não fosses Trindade ... Orientando os meus esforços por esta regra de fé, tanto quanto pude, tanto quanto me deste poder para isso, procurei-Te: desejei ver pela inteligência aquilo em que acreditava, e muito estudei e trabalhei. Senhor, meu Deus, minha única esperança, escuta-me! Não permitas que, por lassidão, deixe de Te procurar, a Ti que me fizeste encontrar-Te, e que me deste a esperança de Te encontrar cada vez mais.

Santo Agostinho



• **Meditação (Oração Pessoal)**

Gostaria, caro amigo, que, quando fosses rezar, tivesses sempre a forte convicção de que és esperado: esperado pelo Pai, pelo Filho e pelo Espírito Santo, esperado pela família trinitária. Onde é o vosso lugar: lembro-te, com efeito do que Cristo disse: “Vou preparar-vos um lugar”. Objectar-me-ás, talvez, que Ele falará do céu. É verdade. Mas a oração é justamente o céu, pelo menos o que é a sua realidade essencial: a presença de Deus, o amor de Deus, o acolhimento de Deus ao seu Filho.

O Senhor espera-nos sempre.

Melhor, basta-nos dar alguns passos para que Ele venha já ao nosso encontro. Lembra-te da parábola: “Estava ainda longe quando o pai o viu e, movido de compaixão, correu ao seu encontro, lançou-se-lhe ao pescoço e beijou-o”. E, no entanto, como deves estar lembrado, este filho tinha ofendido gravemente o seu pai. Mas isso não impediu que fosse esperado impientemente.

Henri Caffarel, *Presence à Dieu*

• **Oração Conjugal/Familiar**

*Em casal:*

Rezemos para que o Senhor nos ilumine e nos dê forças para pôr ao serviço dos outros, do bem comum, os dons que Ele nos deu.

*Em família:*

Rezemos, durante este mês, por aqueles que têm sido os grandes obreiros do bem comum no mundo.

• **Dever de se Sentar**

Comecemos o Dever de se Sentar com a leitura do Texto de Meditação (B.2), seguido de oração partilhada.

*“Os crentes viviam muito unidos e punham em comum tudo o que possuíam”.*

O que nos foi dado por Deus – a inteligência, a bondade, os bens, etc – temo-lo posto ao serviço dos outros?



Temos orientado o nosso estilo de vida (despesas, tempos livres, educação dos filhos, etc.), segundo os valores do Evangelho? Onde sentimos mais dificuldades?

Viver na Verdade sem temer chamar bom ao que é bom e mau ao que é mau.

• **Regra de Vida**

Fazer o balanço da Regra de Vida do mês anterior.

Após o Dever de se Sentar, certamente que surgiram propósitos de mudança. Cada um poderá então definir a sua Regra de Vida, que o ajudará numa verdadeira conversão para Deus.

A escolha de uma Regra de Vida deve ser feita de modo a melhorar e tornar mais coerente a vida conjugal e familiar, quer sob o plano espiritual quer sob o plano humano.

*A Regra de Vida*, documento das ENS

• **Retiro**

Finalmente, já fixámos a data e o local?

Já pedimos a alguém da equipa para ficar com os nossos filhos?

O Retiro vai introduzir-nos nesse território preparado pelo Senhor, “onde jorram o leite e o mel”.

*O Retiro Espiritual*, documento das ENS



## **B - REUNIÃO DA EQUIPA**

### **B.1 - REFEIÇÃO em comum**

### **B.2 - ORAÇÃO**

- **Texto** de Meditação: Act 2 42-47

*Todos participavam fielmente no ensino dos apóstolos, na união fraterna, no partir do pão e nas orações. Toda a gente andava admirada com o que se estava a passar, porque Deus fazia muitos milagres e maravilhas por meio dos apóstolos. Os crentes viviam muito unidos e punham em comum tudo o que possuíam. Vendiam as suas propriedades e outros bens e dividiam o dinheiro entre todos, de acordo com as necessidades de cada um. Reuniam-se diariamente no templo. Partiam o pão ora numa casa ora noutra e comiam juntos com alegria e simplicidade. Davam louvores a Deus e eram bem vistos por todo o povo. E, cada dia que passava, o Senhor aumentava o número dos que tinham recebido a salvação.*

Após a leitura do texto e um breve silêncio, seguem-se: **Oração Partilhada, Intenções e Oração Colecta.**

### **B.3 - PARTILHA dos Pontos Concretos de Esforço**

Como vivemos este mês a procura da **Vontade de Deus**? Em que circunstâncias conseguimos uma verdadeira escuta dessa Vontade? Como é que essa escuta ajudou à minha conversão? Que Pontos Concretos de Esforço mais contribuíram para ela?

### **B.4 - PÔR EM COMUM**

Apresentando aspectos concretos da nossa vida do dia a dia, deixemos que nos conheçam melhor.

Os nossos filhos, como os vemos? Quais as maiores alegrias que nos dão? E tristezas?

**B.5 - Discussão do TEMA**

Cada casal pode começar por apresentar os pontos da sua reflexão que decidiu trazer para a Reunião da Equipa.

Conscientes de que estamos reunidos em nome de Cristo, podemos reflectir sobre:

- Temos uma esperança cristã. Como a definimos? Como a formulamos? Como a vivemos?
- O bem comum. Como é que o mundo o trata? E nós? Participamos activamente para a sua construção?
- Conhecemos a Doutrina Social da Igreja? Ajudamos na sua “construção”?

**B.6 - MAGNIFICAT**

(Ver oração na contracapa).

## **REUNIÃO VIII**

### **A VIDA DO MUNDO QUE HÁ-DE VIR**

---

Aprofundamento: ***A Vida do Mundo que há-de Vir***

Complemento: ***As Bem-Aventuranças***

Complemento: ***Maria***

---

#### **A - VIVÊNCIA DURANTE O MÊS**

##### **A.1 - TEMA**

**APROFUNDAMENTO: A VIDA DO MUNDO QUE HÁ-DE VIR**

Esperar significa tender para. É para a ressurreição que tendemos. É esta a audácia da nossa esperança. Nada do que nós proclamamos no Credo teria sentido se não houvesse ressurreição. Como poderia Deus ser Criador, Senhor e Salvador do homem se o homem tivesse de desaparecer?

A nossa fé orienta-nos decididamente para o futuro. Este futuro não é o nada pois, graças a um dom de Deus que há-de vir, estamos destinados a entrar, através da morte, na plena comunhão com Aquele que nos faz viver.

Todos os Santos desejaram ardentemente este futuro. Por este desejo não fugiram ao presente nem menosprezaram a história; deram aos homens a consciência da sua dignidade plena: uma dignidade que continua para lá da morte. Desde os tempos apostólicos, os cristãos testemunham a sua fé na ressurreição dos mortos. [...]

Para acreditar na ressurreição é preciso *aceitar morrer* e morrer verdadeiramente, como Cristo. Cristo morreu na realidade total da sua humanidade. Ele não sobreviveu a Si próprio como alguém que não deve nada a ninguém: na Sua morte de homem entregou a Sua vida nas mãos do Pai, e Deus ressuscitou-O.

Sobreviver quer dizer que não se morre, que se continua a viver «pelos próprios meios». Ora, é *pela graça* que nós ressuscitamos. Ressuscitar é receber de Deus corpo e alma [...]

O amor que temos por Deus e uns pelos outros não desaparece no momento da morte, mas é salvo por Cristo que vive junto do Pai. Assim, quando os seres humanos morrem, permanecem em comunhão com Ele, porque todos vivem no amor do Pai. Os defuntos mantêm a sua relação de amor connosco e esperam-nos com Cristo na «Nova Jerusalém». O evangelho fala-nos de uma vida fraterna junto de Deus, de um banquete para o qual todos somos convidados e da visão de Deus face a face.

Quanto a nós, a nossa ressurreição já *começou*, diz São Paulo, porque o Espírito do Ressuscitado nos anima. Mas ela ainda não chegou [...]

No evangelho, a santidade, a paz, a justiça e a misericórdia anunciam a vinda do reino de Deus. O empenho pela justiça, pela transformação da sociedade e das suas estruturas é essencial à Igreja. Mas a sua missão não se limita aos aspectos sociais e políticos da história. A Igreja está no mundo e para o mundo. Mas está também a caminho da «Jerusalém do alto».

Onde está Cristo, está também a Igreja. Cristo ressuscitado está no meio de nós, mas a Sua presença gloriosa *ultrapassa a história*. A Igreja terrena caminha na história *em comunhão* com a Igreja celeste, já reunida na glória de Cristo.

Vivendo e lutando no mundo estamos unidos por uma mesma caridade e um mesmo louvor à Igreja que ainda não vemos. É uma alegria que nos é própria e que sustenta a força da nossa esperança. O nosso amor pelos homens é tanto mais exigente quanto nós sabemos que somos «cidadãos do céu» e que a nossa pátria está «nos Céus».

«Deus prepara-nos uma nova morada e uma nova terra onde reinará a justiça e cuja bem-aventurança satisfaz e excede todos os desejos de paz que sobem ao coração do homem» (*Gaudium et Spes*, 39). Desde já nos preparamos para receber este dom de Deus [...].

A verdadeira relação do ser humano consigo próprio e com os outros inscreve-se na *defesa que Deus faz da sua criatura*, mesmo da mais débil, da mais diminuída. É a defesa de um Pai, de uma Mãe, mesmo que a humanidade desprezasse o seu filho (Is 54, 15) [...].

Para nós, cristãos, os mistérios de Cristo, Que «nasceu, sofreu, morreu e ressuscitou», reflectem-se em toda a vida humana.

(*Croire*, documento ENS)



Compreender que a morte, por si só, não põe fim a uma comunhão com Deus traz paz aos nossos corações. Em vez de conduzir ao nada, esta comunhão abre caminho a uma vida de eternidade, onde Deus acolhe a nossa alma para sempre.

Carta de Taizé

A percepção das limitações da nossa vida faz parte da experiência vital de cada homem; é esta a razão por que o pedido de vida eterna volta muitas vezes aos lábios dos interlocutores de Jesus (basta pensar no pedido do *jovem rico* de Mt 19, 16-22). Também nós, cristãos, podemos arriscar-nos a perder de vista a vida eterna, isto é, o valor eterno do nosso destino, e nivelá-lo pela mentalidade deste mundo, a que, pelo contrário, não nos devemos conformar (Rm 12, 2).

Não há nenhuma realidade material deste mundo, nenhum mito nem nenhuma corrente de pensamento que possa dar, por si só, o sentido à vida do homem na terra, nem responder à sua ânsia de plenitude; ficará sempre algo mais que não conseguimos possuir, mas que desejamos com todas as forças. Só quem conhece Deus tem esta tranquilidade e paz de que fala Santo Agostinho: “Criaste-nos para Ti e o nosso coração não tem paz, enquanto não repousar em Ti” (Confissões I, I, 1).

(*A Vós, Deus Pai*, Comissão Nacional do Jubileu do Ano 2000)

#### **Ouçamos o Cardeal Godfried Danneels:**

#### **A vida depois da morte. Como?**

Que nós ressuscitamos como Jesus ressuscitou é, pois, objecto de fé. Podemos ir um pouco mais adiante, dizer alguma coisa quanto às modalidades da nossa vida depois da morte? Quanto aos ‘fins últimos’ – ressurreição do corpo, juízo, céu, purgatório, inferno – que pensar disto?

De qualquer maneira, sobre este capítulo das modalidades, do como, encontramos-nos num terreno muito menos seguro do que quando se trata do próprio facto da nossa ressurreição.[...]

**Todo o ser humano ...**

A nossa profissão de fé fala da ressurreição da carne, isto é, do corpo. Isto significa que, para lá da morte, continuamos a viver com tudo o que somos, com todo o nosso ser humano. É assim que na vida eterna encontraremos Deus: com toda a nossa pessoa. Com a nossa história, com o nosso ‘eu’, núcleo da nossa personalidade, mas também com o nosso corpo.

Paulo fala de um corpo glorioso ou espiritual. ‘Corpo espiritual’ é quase uma contradição. E, no entanto, nós conservamos o nosso próprio corpo; ele escapa unicamente à finitude do espaço e do tempo. *“Semeia-se corpo físico (natural) e ressuscita-se corpo espiritual. Se há corpo físico (natural), também o há espiritual”* (1 Cor 15, 44). ‘Corpo espiritual’ significa sobretudo corpo penetrado pelo Espírito, pela própria força de Deus. O corpo espiritual não é o corpo anterior reanimado, é uma nova criação. Mas continua a ser o nosso corpo. Paulo faz a comparação com a planta que cresce a partir de uma semente. Trata-se da mesma planta e, no entanto, é agora qualquer coisa de novo que era invisível antes. Continuidade e descontinuidade. A ‘espiritualização’ do nosso corpo começou a partir do baptismo.

Esta ‘espiritualização’ é aplicada a toda a criação: ela tornar-se-á *“um novo céu e uma nova terra”*. O que existe agora não será destruído nem substituído por qualquer coisa diferente, mas purificado, transformado, ressuscitado (*cf.* Ap 21).

**O valor do corpo**

Para a Bíblia, o corpo é uma parte inalienável do ser humano, visto que o estrutura. É verdade que o corpo deve ser transformado e glorificado a fim de responder cada vez melhor ao plano divino. Mas o homem não pode conhecer senão um único corpo, visto que o corpo é para ele um elemento integrado na sua existência pessoal e não uma espécie de pedestal mutável. Deduz-se logicamente que é todo o ser humano que é introduzido na glória de Deus.

**A ressurreição foi já realizada em Cristo**

O cristianismo não se contenta em falar da ressurreição em abstracto como de uma possibilidade; ele crê que ela já se realizou em Jesus. Além disso, o estilo de vida de Jesus na terra deixava entrever



o que é viver ressuscitado. Este estilo de vida, assim como a ressurreição, é desde agora acessível a todos aqueles que crêem em Jesus e que O seguem. [...]

### **Nós podemos desde já viver como ressuscitados**

Segundo a Bíblia, a ressurreição é um acontecimento do fim dos tempos que atinge o conjunto da humanidade, mas já iniciado. Nós já entramos nos últimos dias (Heb 1, 2), “*chegámos ao fim dos tempos*” (1 Cor 10, 11). Certamente os cristãos esperam ainda a conclusão total, mas alguma coisa se tornou essencialmente diferente depois de Deus ter salvo Jesus da morte: uma página se virou. Já antes da nossa morte física, e por mais paradoxal que isto pareça, podemos viver como ressuscitados.

### **Uma fé forte mas discreta**

Os cristãos asseguram que sabem alguma coisa sobre o que se passa depois da morte. Mas estão bem conscientes de não saberem tudo. Em muitos pontos, devem contentar-se com imagens e sugestões. A Bíblia já o fazia. **Devemos ter sempre presente que há mais coisas que ignoramos do que coisas que sabemos, ainda que estas últimas bastem amplamente para assegurar uma base sólida à nossa fé e à nossa esperança na vida eterna.**

(Cardeal Godfried Danneels, *Para além da morte*)

A Igreja está consciente do pouco que sabe acerca do que se passa depois da morte, como está consciente de que as palavras que tem necessariamente de empregar são desadequadas para falar da vida eterna.

“A nossa ciência é imperfeita e a nossa profecia também é imperfeita. Mas quando vier o que é perfeito, o que é imperfeito será abolido” (Cor 13, 9-20).

AA. VV. *Tornar-se Cristão*

### **Ouçamos Henri Nouwen:**

A morte dos que amamos e que nos amam abre-nos a possibilidade duma comunhão nova e mais radical, duma nova intimidade, duma nova forma de pertencermos uns aos outros. Se o amor é, de facto, mais forte do que a morte, então a morte tem o poder de aprofundar e fortalecer os laços do amor. Só quando Jesus deixou os discípulos é



que estes foram capazes de compreender o que Ele representava realmente para eles. Mas não será também isso o que acontece com todos os que morrem no amor? [...]

Nós próprios somos responsáveis pela maneira como morremos. Sim, temos de escolher entre ficar agarrados à vida de tal forma que a morte não passa de um falhanço e deixar voluntariamente a vida de tal forma que possamos ser dados aos outros como uma fonte de esperança. Esta é uma escolha crucial e teremos que “actualizá-la” todos os dias da nossa vida. A morte não tem de ser o nosso falhanço final, a nossa derrota final, na batalha da vida, ou um destino fatal. Se o nosso desejo mais profundo for, de facto, doar-nos aos outros, então podemos fazer da nossa vida um dom final. [...]

A fecundidade da nossa curta vida, desde que a descobramos e vivamos como vida de filhos muito amados, está para além de tudo o que nós próprios possamos imaginar. Um dos maiores actos de fé é acreditar que os poucos anos que vivemos nesta terra são como uma pequena semente plantada num solo muito fértil. Para que esta semente possa produzir fruto, deve morrer. Nós, com frequência, limitamo-nos a ver ou a sentir exclusivamente o aspecto doloroso da morte, mas a seara será abundante mesmo que não sejamos nós próprios os ceifeiros.

(Henri Nouwen, *Viver é ser Amado*)

## REQUIEM

Quando eu morrer, quero as tuas mãos nos meus olhos  
Quero que a luz, o trigo das tuas mãos amadas  
Passem uma vez mais sobre mim sua frescura:  
Quero sentir a suavidade que mudou o meu destino.

Quero que vivas enquanto eu, adormecido, te espero,  
Quero que os teus ouvidos continuem a escutar o vento,  
Que aspire o aroma do mar que amámos juntos  
E que continues a pisar a areia que pisámos.

Quero que tudo quanto amo continue vivo,  
E a ti que amei e cantei, acima de todas as coisas;  
Por isso continua tu a florescer, florida,  
Para que consigas tudo quanto o meu amor te ordena,  
Para que a minha sombra passeie pelos teus cabelos,  
Para que assim conheçam a razão do meu canto.

Pablo Neruda, *Soneto LXXXIX*



COMPLEMENTO: AS BEM-AVENTURANÇAS

Todos sabemos que a teologia do Antigo Testamento dá uma tônica especial às bênçãos de Deus a favor do seu povo (Gn 12, 2-3: «Farei de ti um grande povo, abençoar-te-ei, engrandecerei o teu nome, e serás uma fonte de **bênçãos. Abençoarei** aqueles que te **abençoarem** e amaldiçoarei aqueles que te **amaldiçoarem**»). Tais bênçãos bíblicas relacionam-se com a felicidade humana: muitos anos, muita saúde, muitos filhos, muitos rebanhos, derrota dos inimigos, engrandecimento do povo frente aos inimigos políticos e religiosos.

Jesus vem trazer um outro estilo de bênçãos. E isto porque a configuração ou a imagem de Deus, embora seja o mesmo na sua natureza e essência, é bem diferente na sua modalidade. E é esta modalidade diferente de Deus que está no cerne da questão das Bem-Aventuranças. Já não são felizes ou bem-aventurados os ricos por serem ricos, os cheios de saúde e fortuna por terem tido sucesso na vida, os vitoriosos guerreiros, reis ou generais, os heróis das massas populares por todos adulados, mas os pobres, os mansos, os aflitos, os misericordiosos, os artífices da paz, os que sofrem e são perseguidos («expulsos, rejeitados, insultados por causa do Filho do Homem», na versão de Lc 6, 22).

Perguntamos uma vez mais: o que é que faz com que Jesus apresente esta gente, que a cultura do Antigo Testamento – e a cultura «mundana» de todos os tempos – apresentava como não abençoada por Deus, seja agora bendita e abençoada?

A razão de ser está na nova maneira de Jesus apresentar o seu Deus e nosso Deus. Este aspecto fundamental é notório sobretudo nas Bem-Aventuranças que usam o chamado passivo divino, isto é, em que Deus é o sujeito agente destes felizes e bem-aventurados. Quando Mateus escreve: «Bem-aventurados os aflitos, **porque serão consolados**», deve traduzir-se desta maneira: «Bem-aventurados os aflitos porque **Deus, Que é consolação**, os vai consolar». O mesmo se diga dos misericordiosos porque Deus, **Que é misericórdia**, lhes vai conceder a Sua misericórdia. Ou então dos artífices da paz: porque Deus, **Que é a paz** (o shalom), por essência, vai chamá-los como Seus verdadeiros filhos.

Se Deus, agora, na visão de Jesus, é o pobre, o manso, o misericordioso, o que sofre com a aflição dos seus filhos, etc., todos os homens e mulheres sujeitos à infelicidade, seja por razões religiosas, políticas, sociais, puramente naturais, etc., são felizes e bem-aventurados. Já não se pertence ao Reino de Deus devido às bênçãos divinas que



conferem a saúde, a segurança, a riqueza, o sucesso, etc., mas por se ser filho e filha deste Deus Que é Abba/Papá e Que cuida dos seus filhos; a sua essência é ser Paz, Amor, Misericórdia, Perdão, Consolação. Este Deus transforma os «pequenos» em grandes, felizes e bem-aventurados, porque também Deus Se fez pequeno, pobre e misericordioso na pessoa do Seu Filho.

(*Catequese de Adultos*, Patriarcado de Lisboa)

Bem-aventurados seremos, se, como pobres de espírito, soubermos libertar-nos do engano que representa a confiança nas riquezas materiais e voltarmos a nossa atenção para os bens espirituais e religiosos, respeitando e amando os pobres, como irmãos e como imagens vivas de Cristo.

Bem-aventurados seremos, se, formados na mansidão dos fortes, soubermos renunciar ao poder mortal do ódio e da vingança, preferindo com sabedoria, em vez do medo que as armas inspiram, a generosidade no perdão, a aliança na liberdade e no trabalho, a conquista com a bondade e a paz.

Bem-aventurados seremos se não fizermos do egoísmo o princípio que dirige a nossa vida e se não usarmos o prazer como objectivo, mas soubermos descobrir na temperança uma fonte de alegria, na dor um instrumento de redenção, no sacrifício o cume da grandeza.

Bem-aventurados seremos se preferirmos ser oprimidos a opressores, tendo sempre fome de uma justiça que progride.

Bem-aventurados seremos se, pelo Reino de Deus, soubermos, agora e sempre, perdoar e lutar, agir e servir, sofrer e amar.

(*A Vós, Deus Pai*, Comissão Nacional do Jubileu do Ano 2000)

## COMPLEMENTO: **MARIA**

### **A fé de Maria**

Maria pertenceu aos «pobres de Yahvé», ou seja, àquele pequeno resto de Israel que esperava ansiosamente a salvação de Deus. Em Maria podemos ver o melhor do antigo Israel, aquele que vai transformar-se em Evangelho. Quando pronuncia o «*faça-se em mim*», Maria passa e faz passar a humanidade do Antigo Testamento para o Novo.

## A VENHAM VER

Mas também em sentido literal, Maria foi pobre. Recordemos, por exemplo, que a oferta que fez ao apresentar Jesus no templo foi «*um par de rolas ou dois pombinhos*» (Lc 2, 24), isto é, a oferenda prescrita pela Lei para os indigentes. Na realidade, ela era uma camponesa sem recursos nem fama. Para a apresentar, Lucas precisa de indicar o nome da sua aldeia, Nazaré, a localização desta, Galileia, e a sua referência familiar, «*desposada com um varão chamado José*». Só depois destes dados é que ele nos diz o seu nome.

Lucas apresenta Maria como a primeira pessoa que escutou o Evangelho: «*Faça-se em mim segundo a tua palavra*» (1, 38). Isabel saudá-la-á dizendo: «*Feliz és tu que acreditaste*». É importante chamar a atenção para o pormenor de que Deus não impôs a sua vontade a Maria, mas pediu-lhe o seu consentimento para a obra que desejava realizar. Ela não respondeu às cegas, antes perguntou «*como é que vai ser isso, se eu não conheço homem algum?*». «*O Espírito Santo virá sobre ti e o poder do Altíssimo vai cobrir-te com a sua sombra; por isso o Santo que nascer será chamado Filho de Deus ... para Deus nada é impossível*». A seguir, deu o seu consentimento: «*Eu sou a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra*». Foi uma fé corajosa, porque Maria não podia imaginar como iria reagir o seu futuro esposo, José, àquela gravidez imprevista, quando ele a julgava virgem. Não só podia repudiá-la em segredo como podia fazê-lo publicamente, e isso significava correr o perigo de ser acusada de adultério e de ser lapidada.

Naturalmente, a fé de Maria teve que ir crescendo ao longo da sua vida. O que se diz de Cristo pode aplicar-se a ela ainda com mais razão: «*Crescia em sabedoria, em estatura e em graça, diante de Deus e diante dos homens*» (Lc 2, 52).

A sua fé, tal como a nossa, foi uma fé que ignora o futuro e não compreende, mas foi também uma fé baseada na confiança, impregnada na meditação, tal como nós quando não entendemos os acontecimentos e, à medida que o tempo vai passando, vamos descobrindo o seu sentido à luz de Deus. «*Considerava cuidadosamente todos esses acontecimentos e meditava-os em seu coração*» (Lc 2, 19).

Foi também a fé que a deve ter questionado profundamente nas suas crenças; ver que muitos do seu povo rejeitavam Jesus frontalmente – «*veio para o que era Seu, e os Seus não O receberam*» (Jo 1, 11) –, que Jesus servia na realidade para queda de uns e elevação de outros, é semelhante à dor que os pais sentem, quando não entendem a vocação dos seus filhos, as suas tomadas de posição ...

Finalmente, a prova de fogo para Maria viria no Calvário. No momento da Anunciação, tinha ouvido as palavras «*Ele será grande ... o Senhor Deus Lhe dará o trono de David, Seu pai ... reinará na casa de Jacob para sempre, e o Seu reinado não terá fim*». E eis que, junto da cruz, Maria é testemunha, humanamente falando, de um perfeito desmentido destas palavras. O seu Filho agoniza no madeiro como um condenado, só, abandonado pelos homens e aparentemente também por Deus.

Lucas (11, 27-28) transmitiu-nos uma cena que resume essa fê de Maria. Diante de Jesus, uma mulher do povo exclama: «*Felizes as entranhas que Te trouxeram e os seios que Te amamentaram!*». Essa era a única glória que aquela cultura concedia à mulher: o seu filho, e ainda por cima, o seu filho varão. As entranhas e os seios são os atributos não da mulher-pessoa mas da fêmea em funções de fecundidade biológica. Como resposta, à primeira vista desconcertante – «*Felizes, antes, os que ouvem a palavra de Deus e a observam*» –, Jesus poderia querer dizer-nos que Maria não era grande por ser Sua mãe, mas por ela própria, por guardar essa Palavra no seu coração e a viver (Lc 2, 19-51).

Por último, Maria, depois da ressurreição, continua unida à comunidade cristã que se reúne em oração: «*Tendo entrado na cidade, subiram à sala superior, onde costumavam ficar. Eram Pedro e João, Tiago e André, Filipe e Tomé, Bartolomeu e Mateus; Tiago, filho de Alfeu, e Simão, o Zelota; e Judas, filho de Tiago. Todos estes, unânimes, perseveravam na oração com algumas mulheres, entre as quais Maria, a mãe de Jesus, e com os irmãos d'Ele*» (Act 1, 13-14). Ela é também a Mãe da Igreja.

Os Evangelhos não falam muito do que Maria fez, mas o que se descobre é muito significativo e próximo da vida de um casal, de uma família.

Fixemo-nos em três atitudes de Maria:

#### **Preocupar-se com os outros**

Na Anunciação, o anjo diz a Maria que a sua prima Isabel «*estava já de seis meses*». Uns dias depois, «*Maria pôs-se a caminho para a região montanhosa*» para casa de sua prima e, depois de recitar a extraordinária oração do Magnificat, o texto deste Evangelho diz-nos



que Maria ficou com Isabel «*mais ou menos três meses*». Seis meses mais três são nove, o tempo que dura uma gestação. Não seria errado pensar, embora o Evangelho não o afirme, que Maria ficou para ajudar a sua parente, muito mais velha do que ela, nos últimos dias de gravidez e para a assistir no parto. Depois voltou para casa. Talvez não passe de um pormenor, mas faz toda a diferença. Maria não se contentou em proclamar as belas palavras do Magnificat, antes o pôs em prática em circunstâncias bem reais, concretas e próximas da sua vida.

### Guardar no coração

A vida de Maria e José foi uma vida como a de tantos de nós, uma vida de família. Alguns pormenores do Evangelho revelam-nos isto mesmo.

Como qualquer casal, tiveram que cumprir um dever cívico, e subiram de Nazaré a Belém para se inscreverem no recenseamento, já muito próximo do tempo em que Maria devia dar à luz. É possível que a viagem tenha precipitado o parto. Podemos imaginar a preocupação de José, pai pela primeira vez, ao ver Maria com dores e sem encontrar alojamento adequado. Podemos estar quase certos de que José ajudou Maria a dar à luz, pois não havia mais ninguém. Ver nascer um filho e, além disso, ajudar no parto é uma experiência indescritível de comunhão para um casal. Todos guardamos alguma recordação assim no coração.

E o Evangelho de Lucas continua, cinco vezes, a referir-se a Maria e a José como pais de Jesus. «*E quando os pais trouxeram o menino Jesus para cumprir as prescrições da Lei ...*», «*seu pai e sua mãe estavam admirados com o que diziam d'Ele*», «*seus pais iam todos os anos a Jerusalém para a festa da Páscoa*», «*o menino Jesus ficou em Jerusalém, sem que seus pais o notassem*». Quando, depois de três dias de andarem à Sua procura, O encontraram no templo, Maria disse: «*Meu filho, por que agiste assim connosco? Olha que teu pai e eu, aflitos, Te procurávamos*». Maria «*conservava a lembrança de todos estes factos em seu coração*».

Uma vida de família é entretecida de recordações, de pequenas histórias que contamos aos filhos, de episódios que nos revelam a vocação de cada filho e que, como estas de Maria e José, também nós guardamos no coração, para que ali, no silêncio, revelem o seu sentido.

**Alargar o amor**

«Perto da cruz de Jesus, permaneciam de pé Sua mãe, a irmã de Sua mãe, Maria, mulher de Clopas, e Maria Madalena. Jesus, então, vendo Sua mãe e, perto dela, o discípulo a quem amava, disse à Sua mãe:

- *Mulher, eis o teu filho!*

Depois disse ao discípulo:

- *Eis a tua mãe!*

E, a partir dessa hora, o discípulo recebeu-a em sua casa» (Jo 19, 25-27).

Muitas famílias conhecem a terrível dilaceração que produz a doença, o sofrimento, a morte de um filho. É como que uma amputação. O problema não está tanto na razão porque isso acontece, já que nunca o poderemos compreender totalmente, mas está sobretudo na forma como o enfrentamos. Se essa dor leva-nos ao isolamento e à amargura, empobrece-nos, mutila-nos. Mas se não nos fechamos, se vivermos essa situação perto de Deus, ainda que seja gritando, abremos a uma compaixão mais humana, a uma proximidade com os outros. Foi isto que Jesus pediu a Sua mãe e ao discípulo amado. Não lhes pediu que compreendessem nem justificassem fosse o que fosse; pediu-lhes que alargassem o seu coração, pediu-lhes mais amor.

(*Vivendo la fé en Pareja*, documento das ENS)

**Ouçamos o Papa João Paulo II:**

Maria é *introduzida no mistério de Cristo definitivamente mediante* aquele acontecimento que foi a *Anunciação* do Anjo. Esta deu-se em Nazaré, em circunstâncias bem precisas da história de Israel, o povo que foi o primeiro destinatário das promessas de Deus. O mensageiro divino diz à Virgem: «Salve, ó cheia de graça, o Senhor é contigo» (Lc 1, 28). Maria «perturbou-se e interrogava-se a si própria sobre o que significaria aquela saudação» (Lc 1, 29): que sentido teriam todas aquelas palavras extraordinárias, em particular, a expressão «cheia de graça» (*kecharitoméne*) [...].

E se, depois do anúncio do mensageiro celeste, a Virgem de Nazaré é chamada também a «bendita entre as mulheres» (*cf.* Lc 1, 42), isso explica-se por causa daquela bênção com que «Deus Pai» nos cumulou «no alto dos céus, em Cristo». É uma *bênção espiritual*, que se refere a todos os homens e traz em si mesma a plenitude e a universalidade



(«toda a sorte de bênçãos»), tal como brota do amor que, no Espírito Santo, une ao Pai o Filho consubstancial. Ao mesmo tempo, trata-se de uma bênção derramada por obra de Jesus Cristo na história humana até ao fim: sobre todos os homens. Mas esta bênção refere-se *a Maria, em medida especial e excepcional*: ela, de facto, foi saudada por Isabel como «a bendita entre as mulheres».

O motivo desta dupla saudação, portanto, está no facto de se ter manifestado na alma desta «filha de Sião», em certo sentido, toda a «magnificência da graça», daquela graça com que «o Pai nos tornou agradáveis em Seu amado Filho». O mensageiro, efectivamente, saudou Maria como «cheia de graça»; e chama-lhe, assim, como se este fosse o seu verdadeiro nome. Não chama a sua interlocutora com o nome que lhe é próprio, segundo o registo terreno: «Miryam» (= Maria), mas sim *com este nome novo: «cheia de graça»*. E que significa este nome? Por que é que o Arcanjo chama desse modo à Virgem de Nazaré?

Na linguagem da Bíblia, «graça» significa um dom especial, que, segundo o Novo Testamento, tem a sua fonte na vida trinitária do próprio Deus, de Deus que é amor (*cf.* 1 Jo 4, 8). É fruto deste amor a «*eleição*» - aquela eleição de que fala a *Carta aos Efésios*. Da parte de Deus esta «*escolha*» é a eterna vontade de salvar o homem, mediante a participação na sua própria vida divina (*cf.* 2 Pd 1, 4) em Cristo: é a salvação pela participação na vida sobrenatural. O efeito deste dom eterno, desta graça de eleição do homem por parte de Deus, é como que um *gérmen de santidade*, ou como que uma nascente a jorrar na alma do homem, qual dom do próprio Deus que, mediante a graça, vivifica e santifica os eleitos [...]

O mensageiro divino diz-lhe: «Não temas, Maria, pois achaste graça diante de Deus. Eis que conceberás e darás à luz um filho, ao qual porás o nome de Jesus. Ele será grande e será chamado Filho do Altíssimo» (Lc 1, 30-32). E quando a Virgem, perturbada por esta saudação extraordinária, pergunta: «Como se realizará isso, pois eu não conheço homem?», recebe do Anjo a confirmação e a explicação das palavras anteriores. Gabriel diz-lhe: «*Virá sobre ti o Espírito Santo e a potência do Altíssimo estenderá sobre ti a Sua sombra. Por isso mesmo, o Santo que vai nascer será chamado Filho de Deus*» (Lc 1, 35).

A Anunciação, portanto, é a revelação do mistério da Encarnação exactamente no início da sua realização na terra. [...]

(Carta Encíclica *Redemptoris Mater*, 8-9)

**PISTAS para reflexão em casal:**

**A vida eterna implica que já hoje o homem esteja inserido nela; se a vida é eterna, o antes e o depois são duas faces da mesma moeda.**

**Que podemos fazer para, no presente, respirarmos este destino de eternidade? Em que é que isso nos distingue dos outros?**

**Não será que o nosso desejo de felicidade é grande demais para que possa ser saciado aqui na terra? Como vivemos esta questão?**

**As Bem-Aventuranças são um convite à felicidade e à alegria.**

**É isto que se passa connosco? Somos gente feliz? Que é que nos dá alegria e felicidade? Consideramo-nos bem-aventurados?**

**O texto sobre *Maria* abriu-nos novas perspectivas? Quais?**

**Relembremos:**

**ELEIÇÃO DO CASAL RESPONSÁVEL DA EQUIPA**

Este mês sugerimos uma especial atenção à Eleição do Casal Responsável (CR). A eleição deve decorrer na reunião de Maio, de forma que a reunião de Balanço já possa ser preparada com a presença dos dois casais responsáveis.

O casal responsável cessante envia a ficha actualizada da equipa para o Secretariado.

**A.2 - Sugestões para os PONTOS CONCRETOS DE ESFORÇO**

**• Escuta da Palavra de Deus**

A Palavra [...] convida-nos activamente a dar graças, a adorar, a oferecer, a pedir luz ou força ou perdão, a interceder ...



## VENHAM VER

Passagens da Bíblia que podem ser lidas ao longo do mês:

Mt 5, 3-12 e 25, 34; Jo 17, 1-26.

Outras leituras recomendadas:

- François Varillon, *Intensidade da Existência na Fé*
- *Catecismo da Igreja Católica*, n.ºs 1716-1724 e 1822-1829
- Cardeal Godfried Daneels, *O Paraíso*, CEP

## ORAÇÃO

Abba! Pai! Realiza o sentido  
do nome que Te pertence.  
A Ti, por nos conduzires,  
A Ti, por nos protegeres,  
A Ti, por nos guardares,  
A Ti, por nos santificares,  
A Ti, por nos governares,  
A Ti, por nos consolares!  
Tu, que não desdenhaste em nos recrutar,  
Abraça-nos no Teu amor!  
Concede-nos ser inflamados do Teu Espírito,  
Sermos fortalecidos da Tua força,  
Sermos iluminados da Tua luz,  
Sermos cheios da Tua graça  
E avançarmos com o Teu auxílio!  
Faz com que, no fim de uma dura caminhada,  
mereçamos entrar na alegria do Teu reino.

Anónimo do séc. XI

• **Meditação (Oração Pessoal)**

Aconselho-vos vivamente que comeceis as vossas orações pela meditação das grandezas de Deus, para depois “reagirdes” pessoalmente, “em espírito e verdade”, ao que tiverdes descoberto. Um dia virá, sem dúvida, em que a meditação e oração se hão-de dissociar: na oração, experimentareis a necessidade de estar pacificamente orientados para Deus, sem nenhum trabalho da vossa inteligência; mas não antecipeis.

Pensem na Ressurreição, na nossa Ressurreição. Meditemos ...

• **Oração Conjugal/Familiar**

*Em casal:*

Ler e meditar em cada dia uma bem-aventurança, actualizando-a na nossa vida de casal.

*Em família:*

Partindo das bem-aventuranças, podemos rezar e reflectir sobre cada uma delas e como elas se traduzem na linguagem do nosso tempo, na nossa família, no trabalho, nos estudos ...

• **Dever de se Sentar**

Comecemos o Dever de se Sentar com a leitura do Texto de Meditação (B.2), seguido de oração partilhada.

*“Alegram-se e encham-se de satisfação, porque é grande a recompensa que vos espera no céu.”*

Como temos tomado consciência e vivido esta alegria e satisfação?

Como é que reagimos perante a morte de amigos ou familiares? Já pensámos na morte um do outro? E já pensámos como será a vida de um sem o outro?

*“Não devem deixar que o sol se ponha sem terem terminado a vossa irritação”.*



• **Regra de Vida**

Fazer o balanço da Regra de Vida do mês anterior.

Após o Dever de se Sentar, certamente que surgiram propósitos de mudança. Cada um poderá então definir a sua Regra de Vida, que o ajudará numa verdadeira conversão para Deus.

Na Regra de Vida, a palavra mais importante é **VIDA**.

*A Regra de Vida, documento das ENS*

• **Retiro**

Conseguimos realizá-lo. E que bem nos fez!

O Retiro é uma aventura interior a dois.

*O Retiro Espiritual, documento das ENS*

## B - REUNIÃO DA EQUIPA

### B.1 - REFEIÇÃO em comum

### B.2 - ORAÇÃO

• **Texto** de Meditação: Mt 5, 1-12

*Ao ver a multidão, Jesus subiu ao monte. Sentou-Se e os Seus discípulos foram para junto d'Ele. Jesus começou então a ensiná-los desta maneira:*

- *“Felizes os que têm coração de pobres, porque é deles o Reino dos céus!*
- *Felizes os que choram, porque Deus os consolará!*
- *Felizes os humildes, porque terão como herança a terra prometida!*
- *Felizes os que têm ânsia de cumprir a vontade de Deus, porque Deus lhes satisfará os anseios!*
- *Felizes os que tratam os outros com misericórdia, porque Deus os tratará com misericórdia também!*
- *Felizes os sinceros de coração, porque hão-de ver a Deus!*
- *Felizes os que procuram a paz entre os homens, porque Deus lhes chamará seus filhos!*
- *Felizes os que são perseguidos por cumprirem a vontade de Deus, porque é deles o Reino dos céus!*
- *Considerem-se felizes, quando vos insultarem e perseguirem e vos caluniarem, por serem Meus discípulos!*
- *Alegrem-se e encham-se de satisfação, porque é grande a recompensa que vos espera no céu. Pois assim também foram tratados os profetas que viveram antes de vós.”*

Após a leitura do texto e um breve silêncio, seguem-se: **Oração Partilhada, Intenções e Oração Colecta.**

## **B** *VENHAM VER*

### **B.3 - PARTILHA dos Pontos Concretos de Esforço**

Fomos verdadeiramente um para o outro oportunidade de **Encontro e Comunhão** durante este mês? E na nossa família? E no nosso emprego? E na nossa equipa, existe verdadeiro Encontro e Comunhão? Sentimo-nos mesmo irmãos?

Como é que os Pontos Concretos de Esforço me ajudam a interiorizar melhor esta atitude?

### **B.4 - PÔR EM COMUM**

Apresentando aspectos concretos da nossa vida do dia a dia, deixemos que nos conheçam melhor.

Somos bem-aventurados no nosso trabalho?

### **B.5 - Discussão do TEMA**

Cada casal pode começar por apresentar os pontos da sua reflexão que decidiu trazer para a Reunião da Equipa.

Conscientes de que estamos reunidos em nome de Cristo, podemos reflectir sobre:

- O nosso Deus, Que é nosso Pai, quer que sejamos felizes. Mas somo-lo realmente? E, se o somos, somo-lo à maneira das Bem-Aventuranças? À maneira do Evangelho?
- Sentimo-nos bem-aventurados?

### **B.6 - MAGNIFICAT**

(Ver oração na contracapa).

# REUNIÃO IX

## BALANÇO

---

*O Balanço do Ano*

---

### A - VIVÊNCIA DURANTE O MÊS

#### A.1 - TEMA

Nesta reunião, o tema é o **balanço do ano em equipa**. No seguimento da proposta de exigência a que aderimos logo desde o início do ano, fazamos agora uma autêntica revisão de vida. O texto que apresentamos ajuda-nos a situar esta questão, falando-nos das três fases por que deve passar o balanço.

**Sobre a Revisão de Vida** ... (Ver, Julgar e Agir)

“**Ver** não é meramente olhar, é predispor-se a estar atento. Ver é conhecer muito bem a situação. Para isso temos de saber olhar de vários pontos de vista, várias perspectivas, e aí a Equipa é muito importante para se ter essa visão global da situação: cada um tem uma coisa nova a acrescentar, que irá tornar mais completa a compreensão da situação.

Deste momento também faz parte perceber as circunstâncias (integrar a situação no seu contexto) e perceber os porquês, as consequências e as razões.

A grande fragilidade desta etapa reside precisamente na leitura que a Equipa faz da situação. Conhecê-la com profundidade não é fácil, mas se não for feito corre-se o risco de fazermos uma reflexão redutora, sem termos todos os dados na mesa. E esta é uma aprendizagem que se faz aos poucos, em Equipa.

**Julgar** é o momento de percebermos de que forma cada um está envolvido na situação. É altura de confrontarmos as nossas atitudes com os valores do Evangelho e com a vida de Jesus.

## A VENHAM VER

Obviamente, o que se pretende não é fazermos acusações uns aos outros, julgarmos os outros, mas antes ‘deixarmo-nos pôr em causa’ pela Palavra do Evangelho, na confiança com os outros.

Trata-se de, olhando para nós e para a situação, perceber o que vai no sentido da verdadeira construção da Paz, da Justiça, da Liberdade. Numa palavra: o que realiza o Reino, aqui e agora. Ou, pelo contrário, o que o contraria, o que atrasa a sua vinda à História.

**Agir** deve ser a consequência do que reflectimos para trás. Agimos diminuindo a nossa incerteza, com a consciência de que somos limitados e de que estamos prontos a refazer, recomeçar, reavaliar”.

(in *Contextos* n.º 22, publicação do Movimento Católico de Estudantes)

Preparemos, pois, o nosso balanço em dinâmica de **revisão de vida** e também no **espírito** sugerido pelo seguinte extracto do Complemento à Carta:

“A vida da equipa não se reduz à reunião mensal. Durante todo o mês os membros da equipa vão rezar uns pelos outros e pelas suas intenções; a partilha e a entreaajuda vão continuar, conforme as iniciativas de cada equipa” (Complemento à CARTA).

A última reunião do ano é uma reunião de balanço. Ela proporciona, a todos os membros da equipa, a oportunidade de reflectir e fazer o ponto de situação, abertamente e com espírito cristão, sobre o seu itinerário, os seus progressos ao longo do ano que termina e também de preparar o ano seguinte.

*Guia*, documento das ENS

### Tópicos para o Balanço, que deverá ser trabalhado ao longo do mês

#### 1. Quanto ao Casal (para o Dever de se Sentar):

- 1.1 - Aprofundamento da Fé;
- 1.2 - Meios Concretos de Esforço ...
  - Escuta da Palavra de Deus;
  - Meditação (Oração Pessoal);

Oração Conjugal/Familiar;  
Dever de se Sentar;  
Regra de Vida;  
Retiro Anual;  
... e mudança de atitudes:  
Procurar a Vontade de Deus;  
Descobrir a Verdade sobre nós próprios;  
Viver o Encontro e a Comunhão;

- 1.3 - Estudo do Tema e presença à reunião;
- 1.4 - Oração das Equipas (Magnificat);
- 1.5 - Missa Semanal;
- 1.6 - Vida em Equipa ao longo do mês;
- 1.7 - Disponibilidade para a Missão (no Movimento, na Igreja e no Mundo);
- 1.8 - Propósitos para o Futuro em casal e em família.

**2. Quanto à Equipa:**

- 2.1 - Vida da Equipa ao longo do mês;
- 2.2 - Reunião da Equipa:
  - Refeição,
  - Oração,
  - Pôr em Comum,
  - Partilha dos Pontos Concretos de Esforço e das Atitudes,
  - Tema de Estudo.
- 2.3 - Responsabilidades:
  - O Casal Responsável.
  - O Casal Animador.
  - O Casal de Ligaçã.
  - Contributos dos outros Membros da Equipa (casais e Conselheiro Espiritual);
- 2.4 - Propósitos para o Futuro em Equipa.

### 3. Quanto ao Movimento

- 3.1 - As Actividades do Movimento (Sector, Região, Nacionais e Internacionais);
- 3.2 - Participação nas Actividades;
- 3.3 - Disponibilidade para Assumir Responsabilidades, quando chegar o momento, em espírito de entejuda;
- 3.4 - Quotização.

***PISTAS para reflexão em casal:***

**Façamos uma reflexão profunda sobre o ano que agora termina, com base nos tópicos apresentados.**

**Realçemos os aspectos mais positivos e os que carecem de melhorias para o próximo ano.**

**Que propósitos concretos estabelecemos para o próximo ano?**

***Relembremos:***

#### **ESCOLHA DO TEMA DO PRÓXIMO ANO**

Este mês sugerimos uma especial atenção à escolha do tema do próximo ano. Em cada ano, o Movimento propõe um tema de estudo, mas a decisão de o adoptar cabe à equipa. Em alternativa, a equipa pode escolher um dos temas de anos anteriores existentes no Secretariado ou outro que reúna o consenso geral.

### **A.2 - Sugestões para os PONTOS CONCRETOS DE ESFORÇO**

#### **• Escuta da Palavra de Deus**

Passagens da Bíblia que podem ser lidas ao longo do mês:

Lc 14; Lc 18; Mt 18.

Outras leituras recomendadas:

Temas disponíveis no Secretariado.

**ORAÇÃO****SALMO 131**

Senhor, o meu coração não se enche de orgulho,  
O meu olhar não se levanta arrogante.  
Não procuro grandezas,  
Nem coisas superiores a mim,  
Mas tenho em calma e sossego a minha alma,  
Tal como uma criança no colo de sua mãe.  
A minha alma está em mim como uma criança.

**• Meditação (Oração Pessoal)**

Para mim a oração é um apelo do coração, um simples olhar para o céu, um grito de reconhecimento e de amor tanto no meio da provação como no meio da alegria.

Santa Teresa do Menino Jesus

Fazer ao longo do mês pequenos exames de consciência que nos possibilitem fazer a revisão do ano que passou, sabendo que somos limitados e que estamos prontos a refazer, a recomeçar, a reavaliar.

**• Oração Conjugal/Familiar**

*Em casal:*

Agradecer a Deus a conversão de vida, a mudança, por mais pequena e lenta que seja, que se tem operado na nossa vida de casal.

*Em família:*

Pedir ao Senhor que nos dê a força e a graça de nos aperfeiçoarmos dia a dia.



• **Dever de se Sentar**

Comecemos o Dever de se Sentar com a leitura do Texto de Meditação (B.2), seguido de oração partilhada.

*“Fica sabendo que ninguém pode ver o Reino de Deus se não nascer de novo”.*

Que oportunidades aproveitámos este ano para renascer, para mudarmos de vida, para nos convertermos? E que oportunidades deixamos fugir? Quais as mudanças mais relevantes que eu senti em ti? E tu em mim?

Aproveitemos este mês para também fazer o balanço do nosso ano de vida a dois e em família (vale a pena anotar as conclusões, para serem recordadas ao longo do próximo ano).

Agradecer o dom do outro.

• **Regra de Vida**

Fazer o balanço de como correu a Regra de Vida ao longo do ano.

Após o Dever de se Sentar certamente que surgiram propósitos de mudança. Cada um poderá então definir a sua Regra de Vida, que o ajudará numa verdadeira conversão para Deus.

• **Retiro**

Qual o efeito do **Retiro** na nossa vida espiritual? E nas outras componentes da nossa vida?

Que dificuldades enfrentámos, este ano, para podermos participar no retiro e como as ultrapassámos?

## B - REUNIÃO DA EQUIPA

### B.1 - REFEIÇÃO em comum

### B.2 - ORAÇÃO

- **Texto** de Meditação: Jo 13, 1-8

*Havia entre os fariseus um homem chamado Nicodemos, que era um dos chefes dos judeus. Certa noite foi ter com Jesus e disse-lhe: “Mestre, sabemos que Deus Te enviou para nos ensinares. Ninguém pode fazer as obras que Tu fazes, se Deus não estiver com ele.”*

*Jesus respondeu-lhe: “Fica sabendo que ninguém pode ver o Reino de Deus se não nascer de novo.” Nicodemos perguntou-Lhe então: “Como é que um homem idoso pode voltar a nascer? Pode entrar no ventre de sua mãe e nascer outra vez?” Jesus respondeu: “Fica sabendo que só quem nascer da água e do Espírito é que pode entrar no Reino de Deus. O que nasce de pais humanos é apenas humano, o que nasce do espírito é espiritual. Não te admires por eu te dizer que todos devem nascer novamente. O vento sopra onde quer; ouves o seu ruído, mas não sabes donde vem nem para onde vai. Assim acontece também com aquele que nasce do Espírito”.*

Após a leitura do texto e um breve silêncio, seguem-se: **Oração Partilhada, Intenções e Oração Colecta.**

### B.3 - PARTILHA dos Pontos Concretos de Esforço

As sugestões apresentadas ao longo das várias reuniões ajudaram-nos, durante o ano, a dar tempo e a criar a disponibilidade interior necessária a uma verdadeira escuta do que é hoje a **Vontade de Deus** para o nosso projecto de vida a dois? Temos dado espaço aos que nos rodeiam para que Deus Se manifeste através deles? E à equipa?

Conseguimos, ao longo do ano, descentrar-nos mais de nós próprios e dar espaço ao **encontro** com o outro e à **comunhão** com os outros? Criámos verdadeiras oportunidades de **Encontro e Comunhão** com aqueles que mais precisam de nós? De que formas concretas?

E nas outras atitudes, que evoluções podemos registar?

## **B** *VENHAM VER*

### **B.4 - PÔR EM COMUM**

Apresentando aspectos concretos da nossa vida do dia a dia, deixemos que os outros membros da nossa equipa nos conheçam melhor.

Como é que cada casal tem enriquecido a equipa?

### **B.5 - Discussão do TEMA**

Conscientes de que estamos reunidos em nome de Cristo, apresentemos, em espírito de verdade e de abertura, a nossa reflexão sobre os tópicos sugeridos.

- Façamos a análise das respostas apresentadas por cada casal e identifiquemos quais os aspectos a dar prioridade, em equipa, para o próximo ano (propósitos).
- Sugerimos que a equipa **guarde o balanço** que efectuar, incluindo os propósitos definidos, para aferir a sua evolução e para o comparar com o dos anos seguintes.

### **B.6 - MAGNIFICAT**

(Ver oração na contracapa).

## BIBLIOGRAFIA

- *Guia*, documento das ENS;
- *Croire*, documento das ENS;
- *Retiro Espiritual*, documento das ENS;
- *A Regra de Vida*, documento das ENS;
- *Cartas Verdes*, documento das ENS;
- *Creio em Deus – Breve estudo sobre Deus Pai*, Teresa Maria Martins de Carvalho O. P.;
- *Carta Pastoral Deus-Pai, Criador e Senhor*, Conferência Episcopal Portuguesa;
- *Catecismo da Igreja Católica*.
- *Ide e evangelizai os batizados*, José H. Prado Flores, Edições Louva-a-Deus, Brasil;
- *Senhor, a quem iremos?*, Catecismo Católico para Adultos;
- *Catequese de Adultos*, Patriarcado de Lisboa;
- *Jardim das Sete Fontes*, Cardeal Godfried Danneels;
- *Mestre, que devo fazer?*, Cardeal Godfried Danneels;
- *Subamos a Jerusalém*, D. José Policarpo;
- *Documento base do Kerigma*, CEP – Centro de Estudos Pastorais, Patriarcado de Lisboa;
- *Quando o Espírito reza em nós*, P. Carlos Paes;
- *Para além da morte*, Cardeal Godfried Danneels;
- *Dei Verbum*, Concílio Vaticano II, Constituição Dogmática sobre a Revelação Divina;
- *Viver é ser amado*, Henri Nouwen;
- *Casal, Imagem de Deus Trinitário – Encontro de Santiago 2000*, Tema de Estudo das ENS, Setembro de 2000;
- *Fogo do Espírito*, Cardeal Godfried Danneels;
- *Cristão no Limiar dos Novos Tempos*, Cardeal L. J. Suenens;
- *Deus Pai*, SAP – Secretariado de Acção Pastoral, Patriarcado de Lisboa;
- *A Fome no Mundo*, Conselho Pontifício “Cor Unum”;
- *A Vós, Deus Pai*, Comissão Nacional do Jubileu do Ano 2000;
- *Tornar-se Cristão*, Autores Vários.

